



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE EXCELÊNCIA
CAMPUS VITÓRIA DA CONQUISTA - BA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

JOÃO VICTOR SANTOS SILVA

ESCREVIVÊNCIAS FRENTE ÀS MICROAGRESSÕES RACIAIS:
Os impactos da fuga e esquiva na experiência de vida de sujeitos negros em situações de
racismo

Vitória da Conquista - BA

2024

JOÃO VICTOR SANTOS SILVA

ESCREVIVÊNCIAS FRENTE ÀS MICROAGRESSÕES RACIAIS:
Os impactos da fuga e esquiva na experiência de vida de sujeitos negros em situações de
racismo

Relatório final, apresentado ao Centro
Universitário de Excelência, como parte das
exigências para a obtenção do título de
Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Gênesis Guimarães
Soares

Vitória da Conquista – BA

2024

“A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”

(Conceição Evaristo, 2007)

SUMÁRIO

RESUMO

1 INTRODUÇÃO

2 FUNDAMENTAÇÃO NEGRA

3 FUNDAMENTAÇÃO BEHAVIORISTA

4 METODOLOGIA

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA

4.2 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

4.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

4.4 ANÁLISE DE DADOS

4.5 QUESTÕES ÉTICAS DA PESQUISA

5 RESULTADOS OBTIDOS

6 A ESCRIVIVÊNCIA

6.1 FIO JASMIM

6.2 PÉROLA MARIA

6.3 ELEONORA DE SÁ

7 ANÁLISES FUNCIONAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

RESUMO

Este estudo teve como objetivo realizar uma investigação detalhada e aprofundada sobre o fenômeno das microagressões raciais, explorando suas implicações por meio da análise do comportamento. A pesquisa focou em compreender como essas microagressões e os comportamentos de esquiva adotados em situações de racismo afetam a experiência de vida de sujeitos negros, abordando aspectos como autoestima, dignidade e identidade racial. Foram estabelecidas conexões diretas com conceitos do Behaviorismo Radical, como fuga, esquiva, punição e equivalência de estímulos.

A metodologia foi qualitativa, fundamentada na Pesquisa Narrativa, utilizando a Escrivência como uma estratégia central para coleta e análise de dados. Essa abordagem permitiu a criação de narrativas significativas, cativantes e responsáveis, transformando histórias pessoais em contranarrativas coletivas. Foram realizadas entrevistas com sujeitos negros adultos, autodeclarados e heteroidentificados, mapeando suas vivências, resistências e estratégias diante das microagressões raciais.

O estudo também buscou ressignificar as dinâmicas de poder e evidenciar os impactos das microagressões, propondo uma análise funcional das histórias de vida narradas, relacionando-as aos contextos de opressão e às formas de enfrentamento. Por meio da Escrivência, as narrativas foram recriadas com elementos ficcionais para destacar a subjetividade dos participantes, proporcionando não apenas uma troca dialógica, mas também reflexões que envolvem psicoeducação e a construção científica baseada em experiências vividas.

Os resultados apontaram para a relevância de discutir temáticas ético-raciais desde a educação básica, promovendo maior conscientização e empatia social. Além disso, a pesquisa demonstrou o poder transformador da Escrivência na produção científica e na valorização do protagonismo negro, reafirmando a importância de contranarrativas que subvertam os papéis historicamente marginalizados atribuídos a sujeitos negros.

Palavras chave: Escrivência; Microagressões raciais; Racismo; Fuga; Esquiva;

1 INTRODUÇÃO

Este estudo propõe-se a investigar, por meio de uma abordagem acadêmica, o fenômeno das microagressões raciais¹ e os comportamentos de esquiva adotados em resposta a essas situações. Utilizando como base teórica a análise do comportamento e conceitos do Behaviorismo Radical — como fuga, esquiva, punição, equivalência de estímulos² —, busca-se compreender como essas microagressões impactam a autoestima, dignidade e integridade de indivíduos negros. A pesquisa tem como objetivo demonstrar como as microagressões raciais, muitas vezes sutis, influenciam a percepção que os sujeitos negros têm de si mesmos e de seus semelhantes, especialmente a médio e longo prazo.

Minha motivação³ para esse estudo surge, em grande parte, de vivências pessoais que moldaram meu processo identitário. Durante a adolescência e no início da vida adulta, enfrentei situações em que padrões estéticos e comportamentais me forçaram a adotar comportamentos de esquiva em ambientes como a escola e o trabalho. Essas experiências me permitiram observar de perto (e na pele) o profundo impacto que o racismo e as microagressões exercem sobre a vida cotidiana de sujeitos negros, de maneira a reforçar a importância de estudarmos esses fenômenos pela ótica da análise do comportamento.

A concepção deste estudo também se deu a partir de vivências pessoais que marcaram profundamente meu processo identitário. Durante o ensino médio, período em que os desejos, metas e gostos começam a se definir, senti de maneira intensa a necessidade de me adequar a padrões estéticos e comportamentais impostos pelo ambiente escolar. Condicionado pelas normas e expectativas daquele contexto, desenvolvi comportamentos de esquiva e fuga em diversas situações, na tentativa de me encaixar em padrões de cabelo, vestimenta e aparência que não correspondiam à minha identidade. Essas experiências de adaptação e desconforto

¹ Manifestações sutis e frequentes de preconceito, muitas vezes não intencionais, geralmente dirigidas por pessoas brancas a indivíduos não-brancos (Mizael, 2022).

² Esses conceitos serão abordados e explicados na *Seção 3: Fundamentação Behaviorista*.

³ A escolha de utilizar o texto em 1ª pessoa se dá por alguns motivos, tais como o conceito de Escrivência, cunhado por Conceição Evaristo, trazendo essa perspectiva não só de personalidade, de um aspecto individual, mas ao mesmo tempo mesclando outras histórias e referências as minhas, proporcionando criatividade, transgressão e completude. Algo que vai estar no texto inteiro por algo particular, justificado, fazendo ser parte de mim. A primeira pessoa está mantida de maneira mais ferrenha na introdução, mas retomada em diversas partes do texto, principalmente nas entrevistas.

foram essenciais para que eu compreendesse o impacto das microagressões e a relevância dos comportamentos de esquiva na vida de sujeitos negros, como será discutido neste trabalho.

Uma frase que ouvi anos depois me fez refletir sobre os desafios enfrentados durante esse período: "era horrível ser negro em determinada época." Essa percepção de desconforto e desvalorização social conecta-se aos conceitos de controle coercitivo e comportamento social descritos por Sidman (1995) em *Coerção e Suas Implicações*. Para ele, o controle coercitivo é um mecanismo que, através de punições e reforços negativos, limita as opções de comportamento dos indivíduos, o que, no contexto cultural, contribui para a manutenção de sistemas de exclusão e discriminação racial. Nesse sentido, o racismo estrutural atua como uma forma de coerção, reforçando a adaptação a padrões que não contemplam a diversidade racial e impõem barreiras ao desenvolvimento pessoal.

Anos depois, ao buscar o primeiro emprego, a necessidade de independência e o peso das expectativas sociais – especialmente a expectativa cultural de que o "homem deve prover" – se intensificaram. Esse processo, inicialmente latente, tornou-se cada vez mais consciente e desgastante, revelando a coerção imposta pela sociedade em definir o que é considerado um "trabalho digno". Muitas das oportunidades acessíveis pareciam apenas superficialmente "dignas", pois estavam em espaços que reforçavam a ideia de exclusão racial e a percepção de que eu não pertencia a eles.

O local de muitas horas de trabalho que pagava pouco era sim o meu espaço, sem pestanejar, vivi ali, quieto, e aprendi que aquilo tudo também era eu. Em um desses trabalhos, mais especificamente num pólo gastronômico frequentado pela classe média alta, notei que a gama de funcionários era mais semelhantes a mim do que aqueles que frequentavam o espaço, nessa troca de vivências e experiências, tive lampejos de consciência, de classe, raça e gênero. Motivação para essa emancipação através da educação, daí minha jornada acadêmica na Psicologia que procuro refinar cada vez mais.

Com isso, em uma situação vivenciada durante um minicurso sobre relações étnico-raciais, foi-nos apresentada uma análise funcional baseada no Behaviorismo Radical de B. F. Skinner. A análise se deu sobre uma situação em que uma mulher branca, ao ver uma moça negra organizando as mesas em uma festa de casamento, comentou: "nossa, você é uma preta de alma-branca". Esse comentário, carregado de racismo, teve como resposta um sorriso da moça negra, que optou por não confrontar a situação para evitar um possível atrito em meio ao ambiente formal. Essa escolha de resposta se relaciona com conceitos comportamentais, como a esquiva, que ocorre ao evitar um confronto direto, e o alívio imediato que essa escolha lhe proporciona, caracterizando um reforço negativo. A situação

também envolve a punição, pois se opor diretamente ao comentário poderia resultar em consequências sociais desfavoráveis, o que inibe sua reação. Esses conceitos, que serão explorados ao longo do texto, ajudam a compreender como situações de microagressão racial impactam as respostas de indivíduos negros em contextos sociais variados.

A problemática da situação está em que, ao escolher se esquivar do confronto para evitar uma possível briga, a moça negra acaba não só reforçando a prática racista da mulher branca, que interpreta sua educação como um indicativo de que ela teria uma "alma branca". Esse comportamento, ao se repetir, contribui para a perpetuação do racismo. Além disso, a análise funcional demonstrou que, a longo prazo, tais experiências impactam negativamente a autoestima, as relações interpessoais, a percepção de capacidade pessoal e a sensação de pertencimento das pessoas negras, entre outras vivências.

Diante desse cenário, passei a refletir sobre situações semelhantes que presenciei no meu cotidiano, na mídia, no noticiário e no entretenimento. Essas questões de estresse racial⁴ despertaram em mim um impulso para conectar essas experiências à ciência do comportamento, buscando entender melhor como esses fenômenos e processos comportamentais impactam a vida de sujeitos negros.

Apesar de constantemente ouvir estereótipos acadêmicos “radicais” que delimitam as abordagens psicológicas a temáticas específicas (como por exemplo: “tal teoria é limitada ou inadequada para falar de questões sociais” ou “tal abordagem não deveria tocar em assuntos de um transtorno em específico”) percebi uma conexão natural entre a Análise do Comportamento (AC) e as relações étnico-raciais. A AC, com seus conceitos de reforço, esquiva e punição, oferece ferramentas úteis para analisar como esses pequenos e constantes atos de preconceito moldam os comportamentos e influenciam as vivências de indivíduos negros em situações de racismo. Essa perspectiva comportamental permite uma análise aprofundada de como as microagressões funcionam não apenas como eventos isolados, mas como elementos que reforçam sistemas de opressão e afetam o bem-estar psicológico e emocional dessas pessoas. Diante disso, surgiu a questão que impulsiona esta pesquisa: de que maneira a esquiva às microagressões raciais e às situações de racismo impactam a experiência de vida de pessoas negras? Esse estudo busca explorar saberes ao trabalhar com essa

⁴ Segundo Machado (2019), o estresse racial refere-se à pressão psicológica e emocional que indivíduos, especialmente da população negra, enfrentam devido à discriminação e ao racismo. Desde a escravidão, essa população tem carregado um estigma negativo, que legitimou violências e injustiças. Atualmente, essa violência se manifesta de diversas formas, impactando a saúde mental e gerando uma carga de tensão constante. O estresse racial, portanto, é uma resposta às violências e opressões vividas (implícitas, explícitas, culturais, institucionalizadas, estruturais e estruturantes), contribuindo para o adoecimento psíquico dos indivíduos afetados.

interseção entre AC e estresse racial, explorando os efeitos dos comportamentos frente a situações racistas. Embora estudos sobre Behaviorismo e temas étnico-raciais existam, neste quero dialogar conceitos psicológicos que tenho sintonia com mazelas sociais do nosso cotidiano, utilizando a Escrivivência, não só para ter uma escrita mais fluida e crua das situações com os sujeitos da pesquisa, mas também para que eles tenha uma participação mais ativa e não se sintam objetificados, destacando o protagonismo deles e o potencial de suas histórias para construir ciência.

Como diria Freire (1994, p. 44) “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, especialmente no que tange ao impacto dessas dinâmicas nas vivências diárias de indivíduos negros.

Outro fator importante para este estudo foi o encontro com a obra de Conceição Evaristo, escritora mineira, teórica sobre negritude e doutora em Literatura Comparada pela UFF, que, através de seu trabalho, me apresentou o conceito de "Escrivivência". Esse conceito, desenvolvido em suas narrativas em "*Becos da memória*" (em meados de 1987 e 1988), representa uma fusão entre escrita e vivência, ou, como explica a própria autora (2017), uma escrita que carrega em si as experiências e memórias coletivas dos sujeitos negros. Evaristo descreve a Escrivivência como uma forma de “con(fundir) a escrita e a vida”, e por conta disso, adoto essa abordagem como instrumento metodológico para mapear as histórias e vivências que surgem ao longo desta pesquisa. Além de Evaristo, outros autores contribuem para a compreensão da relação entre racismo e Análise do Comportamento. Sidman (1995), por exemplo, discute como mecanismos de coerção social impactam a experiência de indivíduos racializados, mostrando que as práticas de controle e punição presentes nas microagressões reforçam comportamentos de esquiva e fuga. Também, as contribuições de hooks (2022) em "*A gente é da hora*" destacam a importância de uma resistência ativa às formas sutis de opressão racial. Essas perspectivas reforçam a relevância de adotar a Escrivivência como uma ferramenta metodológica, permitindo que o estudo capture as nuances das experiências e resistências de sujeitos negros frente ao racismo.

Essa pesquisa que nasce a partir de minhas próprias escrevivências é, antes de tudo, um mosaico de experiências negras que, neste texto, se con(funde) com as minhas. Trata-se de um canto amoroso e dolorido, do poder singular dessas histórias e do poder coletivo que afetará quem irá ouvi-las, a possibilidade de discutir as contradições, complexidades e subjetividades imbuídas em nossa cultura que influenciam nossa identidade racial.

Diante das dificuldades pessoais e da escassez de estímulos e recursos disponíveis na instituição onde concluo minha graduação em Psicologia sobre a integração das pautas, decidi explorar as formas de microagressão enfrentadas, os mecanismos de esquiva adotados por sujeitos negros em resposta às microagressões raciais, além de examinar as dinâmicas de poder e estratégias de resistência que esses sujeitos utilizam nos espaços de disputa para desafiar as microagressões e (re)afirmar suas identidades. Além disso, proponho trazer à tona a discussão sobre a eficácia das contranarrativas construídas pelos sujeitos negros, como os impactos culturais na música, cinema, rádio e televisão, entre outras manifestações artísticas, como métodos para questionar e interromper estereótipos e narrativas predominantes que sustentam a continuidade do racismo.

Outro aspecto relevante para este trabalho são as noções de microagressões raciais de Táhcita Mizael⁵, que dão título e motivação à pesquisa. Essas microagressões são manifestações sutis, diárias e, muitas vezes, não intencionais de preconceito, geralmente dirigidas por pessoas brancas contra indivíduos não-brancos. Mizael propõe uma taxonomia com 16 categorias, incluindo situações que questionam a cidadania de não-brancos, pressupõem criminalidade com base na cor da pele ou fazem suposições estereotipadas sobre inteligência. Apesar de parecerem inofensivas, essas agressões têm efeitos duradouros na psique e na vida das vítimas, pois estão enraizadas em uma estrutura histórica que perpetua a "superioridade" branca. Elas ocorrem em diversos contextos, afetando diretamente a autoestima e as relações interpessoais, e contribuem para a exclusão social e o enfraquecimento da identidade racial.

A pesquisa busca explorar essas dinâmicas, conectando o conceito de Escrivivência aos comportamentos de esquiva e aos impactos das microagressões raciais. No âmbito da metodologia, o conceito de Escrivivência permite que os relatos vivenciais sejam interpretados como manifestações de processos comportamentais. O Behaviorismo Radical, embora se fundamente na análise observável do comportamento, pode se valer da Escrivivência para identificar contingências de reforço, fuga e esquiva presentes nos relatos dos participantes. Dessa forma, as experiências subjetivas são compreendidas como elementos

⁵ Táhcita disserta sobre diversas categorias de microagressões raciais impostas em nossa cultura e cotidiano (Mizael, 2022).

⁶ Ressalto que a terminologia “microagressões” pode soar de maneira que mitigue a violência existente nesse comportamento, a partir disso, trago a definição de violência simbólica de Bourdieu que pode se configurar como essas tais agressões, que diz: “A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também, frequentemente, daqueles que a exercem na medida em que uns e outros são inconsciente de a exercer ou a sofrer” (Bourdieu, 1997, p. 12).

significativos no comportamento social, demonstrando como narrativas pessoais e coletivas revelam padrões de adaptação e resistência.

Diante desse contexto, este estudo tem como objetivo principal compreender como as microagressões raciais e os comportamentos de esquiva adotados em situações de racismo impactam a vida de sujeitos negros, explorando aspectos como autoestima, identidade e relações interpessoais. Para isso, pretende-se avaliar de que forma a cultura e a identidade racial influenciam essas vivências, descrever as diferentes formas de microagressões enfrentadas, e analisar os mecanismos de esquiva empregados pelos sujeitos em resposta a essas agressões sutis e recorrentes. Além disso, busca-se compreender as dinâmicas de poder e as estratégias de resistência utilizadas nos espaços de disputa, visando desafiar e (re)afirmar suas identidades. Este trabalho também procura investigar a eficácia das contranarrativas construídas por sujeitos negros, valorizando o impacto dessas manifestações culturais — como na música, cinema e outras artes —, que servem como métodos para questionar e interromper os estereótipos e narrativas predominantes que perpetuam o racismo. Usufruindo do escrever e ligando-o a conceitos psicológicos experimentais, deposito aqui meus saberes e fazeres com entusiasmo e deleite.

2 FUNDAMENTAÇÃO NEGRA

Minhas inspirações para este trabalho vêm de diversas fontes, que despertaram e motivaram o desejo de aprofundar as temáticas étnico-raciais. Além de minhas próprias vivências e das de pessoas próximas, foram fundamentais as experiências negras retratadas em notícias, mídias sociais, programas de televisão, filmes, desenhos, séries, e outras expressões culturais. Esses elementos contribuem para uma compreensão mais profunda e contextualizada dos desafios e resistências enfrentados por sujeitos negros em uma sociedade que, historicamente, marginaliza suas identidades.

Em primeiro lugar, a autora bell hooks⁷ é uma referência essencial. Em obras como *Tudo Sobre o Amor: Novas Perspectivas* e *A Gente É da Hora*, hooks (2020/2022) discute como o conceito de “amor” é, muitas vezes, enviesado pela sociedade capitalista, patriarcal e

⁷ bell hooks, assim mesmo, em minúsculas, é o pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua avó. O nome escolhido, grafado em minúscula, é um posicionamento político da recusa egóica intelectual. hooks queria que prestássemos atenção em suas obras, em suas palavras e não em sua pessoa (Caruso, 2021).

supremacista branca, impactando profundamente as vivências de pessoas negras. Em *A Gente É da Hora*, por exemplo, ela critica a masculinidade falocêntrica, que se baseia em uma visão patriarcal e opressiva de masculinidade. hooks argumenta que muitos homens negros, ao aderirem a essa visão imposta de masculinidade, acabam reforçando estruturas de opressão que afetam não apenas as mulheres negras, mas também eles mesmos. Para hooks, romper com essa estrutura é fundamental para criar relações mais saudáveis e autênticas dentro da comunidade negra, promovendo uma subversão cultural – um processo que questiona e reinterpreta os padrões impostos pela sociedade.

A ideia de subversão cultural, conforme discutida por hooks, envolve desafiar as normas dominantes e adotar narrativas e representações que ofereçam uma alternativa positiva e empoderadora para pessoas negras. Exemplos dessa subversão cultural podem ser encontrados em filmes como *Pantera Negra* (2018), que, ao retratar um herói negro em uma nação africana poderosa e tecnologicamente avançada, gerou um impacto profundo na representação negra global, especialmente para jovens negros. Da mesma forma, *Homem-Aranha no Aranhaverso* (2018), com o personagem Miles Morales – este personagem, um jovem negro, perfiférico, com cabelo afro, que ouve rap e faz grafite, agora assumindo o “manto” de uma das figuras mais conhecidas da cultura popular, o Homem-Aranha – e *A Pequena Sereia* (2023), com uma atriz negra interpretando Ariel – uma das princesas mais conhecidas da Disney –, foram marcos de representatividade positiva que ajudaram a redefinir os padrões de beleza e heroísmo para as comunidades negras. O que corrobora com outro autor utilizado, Frantz Fanon.

Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, uma obra bastante influente na luta antirracista, Fanon (2008) explora a psicologia do sujeito negro e suas tentativas de conformidade com normas culturais brancas, abordando como esses indivíduos internalizam o racismo e experimentam uma alienação racial constante. Ele descreve como sujeitos negros tentam se ajustar a uma cisheteronormatividade branca para buscar aceitação e pertencimento, mas acabam se sentindo “desencaixados” e marginalizados. Essa alienação racial contribui para a adoção de comportamentos de fuga e esquiva em situações de racismo, impactando profundamente sua autoimagem e seus relacionamentos.

A discussão se complementa com a contribuição da autora Cida Bento (2022) em *O Pacto da Branquitude*, onde ela problematiza o impacto do colonialismo, que não apenas prejudicou pessoas negras, mas também conferiu benefícios culturais e materiais aos indivíduos brancos. Esses privilégios, segundo Bento, são mantidos por meio de pactos sociais silenciosos que reproduzem a hegemonia branca nas interações cotidianas. Ao apontar

o letramento racial como um recurso necessário, Bento defende a importância de racializar também os sujeitos brancos, rompendo com o imaginário do “branco universal” e desafiando visões maniqueístas – de bom/ruim – sobre as relações raciais. Esses pactos de privilégios, embora silenciosos, são manifestados nas dinâmicas sociais e acadêmicas, e contribuem para que sujeitos negros sintam a necessidade de fugirem e se esquivar em determinados ambientes e contextos, o que reforça a exclusão e a segregação racial.

Por fim, a discussão se complementa com a contribuição de autores como Lélia Gonzalez (1982) e Conceição Evaristo, que aprofundam a análise das experiências negras através de perspectivas epistemológicas decoloniais. Evaristo (2023), que com o livro *“Canção de ninar para menino grande”*, narra vivências masculinas e femininas negras, fornecendo à escrita o conceito de escrevivência, carregado com as dimensões relacionadas a tal. Evaristo como figura importante na luta antirracista, contra-hegemônica e decolonial com grande foco nas academicidades, traz o escrever como método de investigação, produção de conhecimento científico e de posicionalidade, operando das experiências e vivências da autora para edificar narrativas que dizem respeito a experiências e vivências coletivas de seus semelhantes, ou seja, o escrever é sobre como coletivamente, somos impactados, auxiliados, potencializados, como o Eu carrega o outro e vice-versa. Assim, segundo Almeida e Bezerra (2019), a voz autoral de Conceição Evaristo é de uma subjetividade e etnicidade pouco vista na literatura brasileira que reveste-se de particular importância a leitura e discussão de suas obras no meio acadêmico.

3 FUNDAMENTAÇÃO BEHAVIORISTA

Esta seção busca explorar como a Análise do Comportamento, especialmente o Behaviorismo Radical desenvolvido por B. F. Skinner, pode contribuir para a compreensão das microagressões raciais e dos comportamentos de fuga e esQUIVA em situações de racismo. A escolha por adotar essa abordagem surgiu, em parte, de uma experiência pessoal em um minicurso sobre Análise do Comportamento aplicada a pautas étnico-raciais, onde se discutiu a relevância de aplicar conceitos comportamentais para analisar as dinâmicas raciais. Essa experiência me motivou a investigar como os processos comportamentais podem ser observados e interpretados em contextos de racismo, destacando a importância de uma análise minuciosa, funcional e contextual, para apreender os mais diversos aspectos que cruzam essas

vivências, criando uma interseção entre Análise do Comportamento e as temáticas étnico-raciais.

No contexto deste estudo, a Análise do Comportamento permite compreender como certos comportamentos de esquiva e fuga são reforçados diante de situações de microagressão. Conceitos como **fuga e esquiva**⁸ referem-se a estratégias comportamentais adotadas para lidar com estímulos aversivos, como o racismo e as microagressões raciais. Por exemplo, um sujeito negro que evita se posicionar contra um comentário racista pode estar agindo sob um esquema de esquiva, onde o comportamento de “não se opor” é mantido para evitar um possível conflito ou desconforto social. Esse comportamento de esquiva é reforçado negativamente, pois reduz o desconforto imediato, mas, a longo prazo, pode contribuir para a perpetuação de práticas racistas e para o desgaste psicológico do sujeito. Além disso, o **reforço negativo**⁹ ocorre quando a remoção de um estímulo aversivo (neste caso, o risco de confronto) fortalece o comportamento de esquiva, levando o indivíduo a adotar estratégias de adaptação que, embora proporcionem alívio no momento, podem ter efeitos prejudiciais sobre sua autoestima, identidade e relações sociais. Esses conceitos comportamentais, discutidos ao longo desta seção, ajudam a revelar como o racismo afeta a vida de sujeitos negros e como essas interações comportamentais são reforçadas e mantidas.

Autores fundamentais para a compreensão desses conceitos incluem B. F. Skinner, especialmente em sua obra *Ciência e Comportamento Humano* (1953). Nesta obra, Skinner explora a possibilidade de uma ciência do comportamento humano, enfatizando a importância de entender o comportamento como uma disciplina científica mediatizada e interligada pelo e com o ambiente. Essa perspectiva é particularmente relevante para a análise do racismo, pois permite observar como comportamentos racistas e de fuga/esquiva a microagressões são moldados e mantidos pelo contexto cultural e histórico. Ao reconhecer que o comportamento humano é influenciado pelas contingências do ambiente, podemos compreender como as experiências de vida e as culturas que cercam os sujeitos negros contribuem para a formação de comportamentos de esquiva e resistência em situações de racismo.

Outro autor importante é William M. Baum, que, em *Compreender o Behaviorismo: Comportamento, Cultura e Evolução* (Baum, 2006), aprofunda os conceitos skinnerianos e aplica-os a questões culturais e cotidianas, enfatizando como a cultura influencia o

⁸ Explicação desses conceitos e de outros utilizados neste trabalho no tópico seguinte

⁹ Também será explicado no tópico a seguir.

comportamento individual e social. Baum destaca que o comportamento é produto de contingências culturais, e isso pode ser aplicado para compreender como o racismo é perpetuado através de práticas culturais que são reforçadas e transmitidas ao longo das gerações. Nesse sentido, a obra de Baum nos ajuda a entender como as práticas de esquiva ou conformidade de sujeitos negros em contextos racistas são modeladas pela cultura dominante, e como esses comportamentos podem tanto perpetuar quanto desafiar os sistemas de opressão. Tenho para mim que, a cultura, ela é “mais poderosa do que uma bomba nuclear”, isso porque ela “cria” o mundo por gerações, determina modos de se comportar e consequentemente, de existir. Quando trazemos isso em questão, pegamos o que estamos recebendo de informação e colocamos em análise, para fomentar percepções críticas do mundo, baseado em evidências e principalmente, baseado em contextos maiores, que muitas vezes são invisíveis, tácitos, para se adequar a uma norma de funcionalidade redigida por quem tem privilégios e necessita dessa invisibilidade.

Outros behavioristas, como Murray Sidman em *Coerção e Suas Implicações* (1995), também contribuem para essa análise ao discutir como o controle coercitivo pode limitar as opções de comportamento dos indivíduos e reforçar a conformidade a padrões opressivos. A perspectiva de Sidman sobre coerção se aplica às dinâmicas raciais, uma vez que o racismo estrutural impõe limites ao comportamento dos sujeitos negros, muitas vezes desencorajando a resistência e reforçando comportamentos de esquiva.

3.1 FUGA, ESQUIVA, PUNIÇÃO E EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

De acordo com Catania (1999), a Fuga e Esquiva são conceitos fundamentais no Behaviorismo Radical que se referem a tipos de comportamentos de enfrentamento, também conhecidos como Reforço Negativo (R-). Esses comportamentos emergem em resposta a estímulos aversivos, ou seja, situações que causam desconforto ou sofrimento.

Em contingências¹⁰, a **Fuga** ocorre quando um sujeito se comporta de maneira a escapar de uma situação que já é desconfortável. No contexto das microagressões raciais, a fuga pode ser

¹⁰ Na análise do comportamento, o conceito de contingência inicialmente se referia a uma justaposição, seja temporal ou espacial, entre eventos. Com o tempo, essa ideia evoluiu para uma compreensão das relações de dependência entre os eventos, abrangendo tanto os fatores ambientais quanto os comportamentais (Souza, 2000).

observada quando uma pessoa negra se afasta de uma situação em que é vítima de comentários racistas. Por exemplo, após um comentário preconceituoso, o sujeito pode decidir se isolar ou sair do ambiente para evitar maiores confrontos ou desconforto, obtendo alívio imediato do sofrimento. A **Esquiva**, por outro lado, ocorre quando o sujeito adota comportamentos para evitar antecipadamente situações que julga serem potencialmente desconfortáveis ou aversivas. Em casos de microagressões, uma pessoa negra pode, por exemplo, evitar frequentar determinados ambientes ou lugares onde historicamente sentiu ou poderia sentir-se excluída ou desvalorizada devido à cor de sua pele. A esquiva, portanto, é uma forma de prevenção ao contato com situações racistas.

Punição é outro conceito central no Behaviorismo Radical e refere-se a uma consequência que reduz a probabilidade de um comportamento ocorrer novamente. Ao contrário da fuga e da esquiva, que visam aliviar ou evitar desconfortos, a punição age diretamente sobre um comportamento específico para desencorajá-lo. Na análise do comportamento, a punição pode ser dividida em dois tipos principais: **punição positiva** e **punição negativa** (Catania, op. cit.). A punição positiva ocorre quando algo aversivo é acrescentado após um comportamento, diminuindo a probabilidade de que ele se repita. No contexto das microagressões raciais, pode-se imaginar uma pessoa negra que decide se posicionar contra uma atitude racista e, em resposta, é repreendida ou tratada de maneira hostil. Esse tipo de resposta pode punir o comportamento de se posicionar, tornando-o menos frequente no futuro. Já a punição negativa acontece quando algo reforçador¹¹ é retirado após um comportamento, também com o objetivo de reduzir sua ocorrência. Por exemplo, se uma pessoa negra que denuncia uma situação de racismo acaba sendo excluída de círculos sociais ou perde oportunidades de crescimento no trabalho, isso constitui uma forma de punição negativa. A perda de acesso a relacionamentos ou oportunidades pode desmotivar o sujeito a se posicionar em ocasiões futuras.

Por fim, a **Equivalência de Estímulos** refere-se ao processo pelo qual diferentes estímulos passam a ter o mesmo significado ou valor para o indivíduo, uma vez que estão associados a experiências semelhantes (Paula et al, 2010). No caso das microagressões raciais, um sujeito negro pode associar certas palavras, olhares ou comportamentos (como evitar contato visual ou usar tons condescendentes) com experiências anteriores de racismo. Essas experiências

¹¹ Os reforçadores são estímulos que aumentam a frequência e produzem comportamentos (Moreira et al, 2007).

prévias fazem com que o sujeito identifique rapidamente novas situações de racismo, mesmo que os comportamentos em si sejam ligeiramente diferentes.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa possui natureza qualitativa, pois utiliza métodos interativos e humanísticos que visam um envolvimento mais profundo do sujeito, possibilitando uma compreensão rica e detalhada do objeto de pesquisa¹² (Creswell, 2007). Os métodos interativos e humanísticos, segundo Gerhardt e Silveira (2009), envolvem a construção de uma relação colaborativa entre pesquisador e participante, permitindo que o pesquisador se aproxime da perspectiva do sujeito e compreenda o fenômeno de maneira mais completa. De acordo com Gergen (2009), da psicologia social construcionista, essa interação também valoriza o contexto e as experiências do participante, respeitando as particularidades e promovendo um entendimento subjetivo e contextualizado das dinâmicas vividas. Este tipo de pesquisa não apenas busca compreender as dinâmicas sociais do indivíduo, mas também acolher e dar credibilidade ao que o sujeito apresenta, respeitando a riqueza de suas experiências e interpretações.

A abordagem qualitativa se mostra ideal para trabalhos que apresentam problemas com atributos e objetos semânticos, subjetivos e sociohistóricos, havendo a necessidade de se realizar uma análise destes problemas (Minayo, 2010). Considerando o objetivo deste trabalho: compreender como as microagressões raciais e os processos de esquivas em situações de racismo impactam a experiência de vida de sujeitos negro; acredita-se que a abordagem qualitativa é a mais eficaz para esta finalidade, isso porque fornecerá ferramentas que contribuam para a exploração mais aprofundada da temática.

Para além da questão qualitativa, este trabalho se trata de uma pesquisa narrativa. Segundo Breton (2022), tal pesquisa busca trabalhar com a descrição do que foi vivido nos seus detalhes, além da interpretação das dinâmicas de repercussão daquilo que foi vivido ao longo da vida, até o momento em que é investigado. Como o trabalho busca tratar de

¹² Destaco aqui a fala de Djamila Ribeiro: “Como negra, não quero mais ser objeto de estudo, e sim o sujeito da pesquisa” (Ribeiro, 2018, p. 55) para dizer que a maneira utilizada na metodologia é apenas terminológica. Frase essa reforçada por Sueli Carneiro em entrevistas que fortalece a luta e a coletividade negra no campo acadêmico.

contra-narrativas, também serão abordadas questões sobre o futuro ou como as coisas poderiam ter sido.

Em uma pesquisa narrativa, o sujeito é mais do que um informante; ele é o intérprete da própria vida e memórias, como afirma Breton (2022). Assim, a relação entre pesquisador e participante se torna única e colaborativa, com ambos aprendendo e sendo afetados pela pesquisa. Sobre isso, Cintra, Correia e Teno (2020, p.3) argumentam que “com narrativas podemos tanto descrever como coletar dados. [...] A narrativa de si e das experiências ao longo da vida caracterizam-se como processo de formação e de conhecimento”. Dessa forma, as narrativas se tornam uma fonte de pesquisa válida e científica, em consonância com a proposta deste estudo.

Neste trabalho, a metodologia narrativa se entrelaça com o conceito de *Escrevivência*, cunhado por Conceição Evaristo, para captar não só histórias pessoais, mas também memórias coletivas que ressoam entre sujeitos negros (Evaristo, 2017). A *Escrevivência* atua como um método de investigação que funde a escrita e a vivência, permitindo que as histórias pessoais dos participantes se tornem um reflexo de uma experiência compartilhada. Assim, a *Escrevivência* não é apenas um método para coletar dados; ela é uma forma de contar e valorizar as vozes que foram historicamente silenciadas. Através da narrativa dos participantes, o “escrever” emerge como uma ponte entre o individual e o coletivo, revelando uma trajetória compartilhada de existência e resistência.

Ao incorporar a *Escrevivência* na metodologia, este estudo não apenas explora as experiências dos sujeitos negros, mas também permite que essas narrativas desafiem a dicotomia entre realidade e ficção, conforme apontado por Costa (2014), que diz: “reinventando nossa realidade independente dos estados de coisas referentes, podemos torná-la ainda mais real, mais complexa, densa e intensa ao intrincar suas tramas com novas possibilidades de relação” (p. 553). Ao adotar a *Escrevivência*, a narrativa transforma-se em um ato político e emancipatório, ao contrário do epistemicídio — termo cunhado por Sueli Carneiro para descrever a exclusão sistemática de referências negras na academia. Dessa forma, a *Escrevivência* se torna, para este trabalho, um método narrativo e de resistência, que amplia a voz dos sujeitos negros e oferece um novo espaço para as suas histórias e memórias compartilhadas.

A escuta narrativa dos sujeitos, portanto, deve vir do que eles têm a dizer sobre o tema em questão, considerando suas interpretações e sentimentos em relação ao que é investigado, com base em um diálogo que valoriza a escuta ativa e questionamentos profundos (Bertaux, 1980).

As perguntas realizadas não se limitam a respostas binárias de sim ou não; elas visam explorar vivências e experiências de maneira aberta e compreensiva.

O processo de transcrição e adaptação das entrevistas realizadas nesta pesquisa exigiu um trabalho minucioso e criterioso, alinhado à proposta metodológica da Escrivivência, de Conceição Evaristo. As entrevistas brutas, realizadas em formato semi-estruturado, geraram um volume significativo de dados, refletindo a riqueza das histórias e vivências compartilhadas pelos participantes.

A primeira entrevista, com *Fio Jasmin*, teve duração de 1 hora e 27 minutos e resultou em 27 páginas de transcrição bruta. A segunda entrevista, com *Pérola Maria*, teve duração de 1 hora e 46 minutos, totalizando 39 páginas. Por fim, a terceira entrevista, com *Eleonora de Sá*, teve duração de 2 horas exatas e somou 64 páginas de transcrição bruta. Esses números evidenciam a densidade do material coletado e a profundidade dos relatos.

A transcrição foi realizada com o auxílio de uma ferramenta do Google, chamada *Google Colaboratory*¹³, mas, devido à qualidade variável do áudio, foi necessário um trabalho manual cuidadoso para corrigir falhas, organizar as falas e resgatar a fidelidade dos diálogos. Esse processo envolveu não apenas ajustes técnicos, mas também um esforço interpretativo e criativo para transformar o conteúdo bruto em narrativas coesas, significativas e impactantes.

A etapa seguinte foi a adaptação das transcrições ao formato narrativo inspirado na Escrivivência. Esse trabalho demandou releituras atentas, rememoração do contexto das falas, ajustes estilísticos e a inclusão de elementos que reforçassem a dimensão humana e emocional das histórias. Cada diálogo foi cuidadosamente roteirizado para preservar o teor colaborativo, dialógico e sensível das interações, sem comprometer a espontaneidade e autenticidade dos participantes.

O resultado final apresentou-se em um formato condensado, com cada entrevista convertida em textos que respeitam a proposta narrativa e estética da Escrivivência: a história de *Fio Jasmin* totalizou 19 páginas, a de *Pérola Maria* ficou com 18 páginas, e a de *Eleonora de Sá* alcançou 25 páginas. Esse processo não apenas reduziu o volume inicial das transcrições, mas também potencializou o impacto de cada história, permitindo que vozes e experiências negras emergissem de forma potente, contribuindo para a construção de uma pesquisa que se compromete com uma epistemologia decolonial e sensível às vivências dos sujeitos.

¹³ O Google Colab, ou Google Colaboratory, é uma plataforma gratuita de nuvem que tem como uma das funções a opção de converter áudio em texto. Os arquivos de vídeo foram convertidos em áudio, que com a ferramenta do Google, tornaram-se textos.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA

Para caracterizar o sujeito da pesquisa, buscou-se traçar um perfil detalhado de um adulto negro, considerando múltiplas facetas e complexidades que configuram a experiência de ser negro. Assim, foram analisadas características físicas (como cor da pele, cabelo, nariz, olhos e boca) em associação a aspectos culturais, profissionais, históricos e socioeconômicos. Tal abordagem fundamenta-se nas reflexões de Neusa Santos Souza e Frantz Fanon, que destacam como o sujeito negro é moldado em sua subjetividade tanto pelas marcas do racismo estrutural quanto pelas estratégias de resignificação e resistência.

Neusa Santos, em *Tornar-se negro* (2021), explora como as marcas simbólicas e materiais da negritude transcendem a aparência, afetando a subjetividade do indivíduo por meio de processos psicológicos de internalização e superação do racismo. Frantz Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas* (2008), complementa essa perspectiva ao apontar que o sujeito negro constrói sua identidade em um campo de tensões, marcado tanto pelo olhar do outro quanto por um esforço contínuo de reafirmação e emancipação. Essas teorias foram cruciais para embasar a análise dos aspectos estruturais e dinâmicos vivenciados pelos sujeitos desta pesquisa.

A amostragem foi realizada por conveniência, sendo escolhidos sujeitos negros adultos com base na disponibilidade e acessibilidade. A seleção ocorreu por meio da divulgação de um cartão digital nas redes sociais, no qual se apresentavam os objetivos da pesquisa, os critérios para participação e o funcionamento da coleta de dados. Esta se deu através de entrevistas online realizadas na plataforma Google Meet, utilizando um roteiro semiestruturado com perguntas e tópicos-chave. Buscou-se, dessa forma, fomentar discussões sobre vivências negras, racismo, imposições, letramento racial, empoderamento e narrativas contra-hegemônicas, tal como ressaltam os autores mencionados ao descreverem a luta contínua pela reconfiguração identitária e social do negro na sociedade contemporânea.

4.2 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Foram excluídas da pesquisa pessoas que não se autodeclararam negras, considerando que a identificação com a negritude envolve tanto elementos de autoatribuição quanto de reconhecimento social. Assim, priorizou-se a autodeclaração como um dos critérios fundamentais, em consonância com debates sobre identidade racial, que reconhecem a negritude como uma construção social e subjetiva, pautada pela vivência e pela experiência do racismo, tal qual a relevância da leitura racial fomentadas por percepções e construções englobadas também nestes aspectos, conforme destacado respectivamente por Santos (2021), Fanon (2008) e Bento (2022). Essa abordagem permitiu delimitar a participação a sujeitos cuja identificação pessoal estivesse alinhada ao propósito da pesquisa, que busca compreender as vivências e subjetividades negras a partir de um recorte que integre elementos materiais e simbólicos da identidade racial;

Não sejam menores de 18 anos;

Que após a leitura do TCLE não concordem em participar;

4.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a coleta das narrativas dos sujeitos, foi escolhida a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta. Segundo Fontes (2019), este modelo de entrevista não possuía um roteiro fixo, permitindo a introdução de novas perguntas ao longo do contato com o sujeito entrevistado. De acordo com Boni e Quaresma (2005, p.75), “quanto menos estruturada a entrevista maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes”.

Houve a necessidade do desenvolvimento de um roteiro como forma de guiar a entrevista com os sujeitos (Apêndices), de modo a assegurar um certo planejamento daquilo que seria perguntado. Segundo Guazi (2021, p.2), “o roteiro consiste em um conjunto de questões que deverão ser realizadas durante a coleta de dados e serão feitas a todos os participantes”.

Assim, planejou-se que a entrevista ocorresse de forma remota, via Meet, com a duração estimada de 60 minutos. Foi considerado válido ressaltar que, caso houvesse interesse por parte do pesquisador, perguntas além daquelas presentes no roteiro poderiam ser realizadas.

4.4 ANÁLISE DE DADOS

Cunhado por Conceição Evaristo (2023), linguista e escritora afro-brasileira, o termo "escrevivência" traz a junção das palavras "escrever e vivência", mas a força de sua ideia não está somente nessa fusão, está na genealogia da ideia, como e onde ela nasce e a que experiências étnico-raciais e de gênero ela está ligada. Ela diz que a escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade.

A escrevivência atua como uma chave interpretativa poderosa que nos permite compreender e analisar de forma profunda a história, a cultura e as relações de poder, um método de investigação, produção de conhecimento e de posicionalidade.

Nesse sentido, "Escreviver" é a arte de narrar histórias profundamente pessoais que ressoam com experiências coletivas, revelando um substrato compartilhado de existência. É explorar as nuances de uma vida singular, enquanto simultaneamente tocamos em experiências, sentimentos e desafios que ecoam nas vidas de outros. Nessa prática, as fronteiras entre autor e "protagonista"¹⁴ se dissolvem, pois emergem semelhanças marcadas por características sociais compartilhadas ou vivências comuns. Cada narrativa se torna um espelho refletindo não apenas a singularidade de uma voz, mas também a ressonância de uma jornada compartilhada por muitos.

A escrevivência também abrange a potencialidade da transformação de uma realidade em ficção e o utilizar disso em produções acadêmicas, procurando acabar com a concepção dicotômica realidade-ficção (Evaristo, 2007).

Luis Artur Costa afirma que:

“reinventando nossa realidade independente dos estados de coisas referentes, podemos torná-la ainda mais real, mais complexa, densa e intensa ao intrincar suas tramas com novas possibilidades de relação.

¹⁴ No caso do trabalho, os “protagonistas” seriam as pessoas entrevistadas.

A ficção fia mundos onde a confiança ultrapassa a fidedignidade sem perder realidade” (Costa, 2014, p. 553).

Esse artifício de construir ficção em cima da realidade, mesclando-as, proporciona a possibilidade de produzir desfechos outros para esses sujeitos, contra narrativas revolucionárias e decoloniais. Segundo Soares e Machado (2017), o que se observará é que resistir através da literatura é também reexistir, e para um povo cuja voz foi e continua sendo constantemente sufocada, a escrevivência se torna um recurso de emancipação.

Pensar a escrevivência no campo acadêmico Hermínio (2022), fala sobre a relevância de Conceição Evaristo indo contra um termo chamado de "epistemicídio", cunhado pela filósofa Sueli Carneiro. O termo envolve a escassez de referências bibliográficas negras nos estudos das diferentes áreas do conhecimento. Processo este, é reflexo de uma estrutura social pautada no colonialismo e no contexto de dominação europeia. Ou seja, a escrevivência é, além de tudo, um ato político e revolucionário.

4.5 QUESTÕES ÉTICAS DA PESQUISA

Em relação às questões éticas, o estudo atendeu aos aspectos éticos previstos na resolução 510/16, que versa sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. O projeto e todos os documentos solicitados pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP foram submetidos para apreciação ética através da Plataforma Brasil. Após a aprovação, durante as entrevistas, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, garantindo total integridade e sigilo dos participantes da pesquisa.

5 RESULTADOS OBTIDOS

Os resultados desta pesquisa emergem das trocas dialógicas proporcionadas pelas entrevistas realizadas com os sujeitos negros, que permitiram uma profunda rememoração de vivências e experiências marcadas por microagressões raciais. Durante as entrevistas, o método da Escrevivência revelou-se como uma ferramenta essencial para transformar essas narrativas

peçoais em histórias coletivas, repletas de significados e potencialidades. Assim, foram evidenciados aspectos como a psicoeducação, a troca de vivências, e a construção de contranarrativas que reafirmam a resistência e o protagonismo desses sujeitos.

Ao longo do processo, foi possível observar o impacto dessas histórias de vida na produção científica, destacando o poder da Escrivivência em construir ciência a partir das experiências compartilhadas. A análise do comportamento, utilizada como referencial teórico, permitiu realizar análises funcionais das narrativas, explorando as contingências de reforço, fuga e esquiva presentes nas vivências dos participantes, bem como os desfechos que refletem sua resistência e adaptação às adversidades enfrentadas.

Os resultados demonstraram, ainda, como a apropriação de elementos ficcionais, proposta pela Escrivivência, contribui para a criação de narrativas mais cativantes e transformadoras, ao mesmo tempo em que gera impactos catárticos e enfáticos tanto para os entrevistados quanto para os leitores. Essa abordagem reforça a relevância de integrar perspectivas metodológicas inovadoras em estudos que busquem captar a complexidade das dinâmicas raciais e seus efeitos nas subjetividades negras.

Por fim, os dados levantados em campo corroboram e ampliam as discussões presentes na literatura consultada, especialmente em relação ao impacto das microagressões raciais na autoestima, nas relações interpessoais e na identidade racial dos sujeitos negros. Esses resultados reiteram a importância de discutir as dinâmicas ético-raciais desde a educação básica, de modo a promover maior conscientização e empatia social, além de reforçar a necessidade de contranarrativas que ressignifiquem os papéis historicamente impostos aos negros, conforme apontado por autores como Conceição Evaristo e Sidman.

6 A ESCRIVIVÊNCIA

Nesta seção, são apresentadas as três entrevistas realizadas para o projeto, conduzidas com base em um roteiro semiestruturado e não diretivo. Tal abordagem priorizou uma interação dinâmica, fluida e de troca mútua entre mim, enquanto pesquisador, e os entrevistados, evitando a objetificação dos sujeitos e hierarquizações que pudessem interferir no processo.

A Escrevivência, como método aplicado à transcrição dos diálogos, proporcionou liberdade para criar narrativas que pudessem transmitir o conteúdo de maneira cativante, acolhedora, significativa e responsável, alinhando-se à proposta da pesquisa científica. Esse método também permitiu a incorporação de elementos ficcionais, com o objetivo de enriquecer a concepção, o desenvolvimento e os desfechos das histórias narradas.

No intuito de preservar a identidade dos entrevistados, apropriei-me de nomes de personagens das obras de Conceição Evaristo para representá-los. Informações específicas sobre quem são foram omitidas, respeitando o sigilo ético. Todos os participantes autodeclararam-se e foram heteroidentificados como negros. Além disso, as narrativas foram construídas em torno de situações cotidianas, como encontros entre amigos em um café, de forma a contextualizar os diálogos. Embora as perguntas feitas aos entrevistados tenham sido as mesmas, as narrativas e desfechos variaram, sendo organizadas em capítulos distintos.

Antes de iniciar as entrevistas, foram apresentados aos participantes os objetivos do trabalho e os conceitos centrais das fundamentações Behaviorista e Negra. Isso foi feito em uma chamada de vídeo, durante a qual também mostrei os livros utilizados como referência e inspiração para o desenvolvimento deste projeto. Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram lidos em conjunto e devidamente assinados pelos participantes, garantindo seu consentimento informado.

Um aspecto relevante a ser destacado refere-se à forma dos diálogos, optei por permitir a presença de palavrões e um teor mais informal nas conversas, valorizando uma comunicação mais orgânica e menos tecnicista. Tal escolha buscou destacar os aspectos enfáticos e catárticos das interações, validando as vozes dos entrevistados e contribuindo para a proposta da Escrevivência. Dessa forma, os diálogos aproximaram-se das dinâmicas reais de nossos cotidianos, ressaltando o caráter singular e autêntico do método.

O trabalho de transcrição e adaptação das entrevistas foi essencial para transformar relatos brutos em narrativas alinhadas ao conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo. As entrevistas somaram um total de 130 páginas de transcrição bruta, divididas entre os diálogos com *Fio Jasmin* (27 páginas), *Pérola Maria* (39 páginas) e *Eleonora de Sá* (64 páginas).

A partir desse material, cada história foi cuidadosamente roteirizada para atender à proposta narrativa da escrevivência, respeitando o teor colaborativo e sensível dos relatos. Por meio de releituras, ajustes estilísticos e inclusão de elementos que intensificassem o impacto emocional, o resultado final foi a condensação das histórias em 19, 18 e 25 páginas,

respectivamente. Esse processo buscou preservar a autenticidade e a profundidade das vivências compartilhadas, reafirmando o compromisso com uma escrita que traduz as experiências dos sujeitos de forma potente e humanizada.

6.1 FIO JASMIM

Em um café aconchegante no centro de Vitória da Conquista, a TV ao fundo exibe notícias sobre um caso recente de racismo que ganhou atenção nacional. João e Fio Jasmim, amigos de longa data, aproveitam o ambiente para uma conversa franca, mergulhando em histórias de vida e reflexões sobre o impacto do racismo nas suas trajetórias.

João: Você viu a notícia, né, Fio? Mais uma vez, o racismo escancarado pra todo mundo ver. Dá uma sensação de repetição, sabe? Parece que a gente vive numa história que nunca termina.

Fio Jasmim: (suspira) É, mano... O que tá aí agora na TV é só um exemplo de tudo que a gente passa. E não é de hoje. Desde que me entendo por gente, esses “detalhes” de ser negro aparecem em cada esquina, em cada olhar, em cada palavra não dita. Você sabe como é. Inclusive, ontem vi um filme mais ou menos sobre isso, sabe?

João: é? Qual?

Fio Jasmim: É muito bom chamado “Hurricane”. Depois, cê procura, não sei se você já ouviu falar.

João: Não ouvi, não. Deixa eu olhar aqui. Hurricane?

Fio Jasmim: É de Denzel Washington. Ele é protagonista no filme.

João: Denzel... Aaaah, tô vendo aqui. de 99, é de boxe?

Fio Jasmim: Na verdade, não. Ele conta a história de um boxeador que foi preso por causa de racismo contra ele e tal. Ele foi perseguido, né? Seria acusado. Passou, tipo, 30 anos preso. Fez um livro. Um moleque leu esse livro. Um moleque negro leu o livro. E ajuda a tirar ele da cadeia depois de 30 anos preso por causa do livro que ele leu.

João: Boto fé, me lembrou o livro dos Racionais MC 's, “Sobrevivendo no inferno”. Nele tem uma primeira parte no livro que fala dessa luta dos raciais para se estabelecer como MPB. Porque na época, a grande mídia, hegemonicamente branca do MPB, não aceitava de jeito nenhum aqueles “marginais” querendo ter espaço. E aí eles falam: “pô, ‘vamo’ se apropriar

do termo MPB, mas ‘vamo’ ressignificar, né?” Eles falam, nós não somos música popular brasileira. Nós somos música preta brasileira. Eu acho isso muito massa, todo o impacto, todo o aspecto revolucionário da música, de revolta, de luta, teve esse impacto mesmo cultural e que os caras são o que são, porque eles são o que fazem.

Fio Jasmim: Cara, é foda, é um desafio. Ser negro e universitário já é uma coisa...

João: Po, cara... agora que tocamos no assunto, como é pra você ser um sujeito negro, na verdade, primeiro eu queria saber se você se lembra se você sempre se achou negro, você entendeu o que eu quero dizer? se você sempre teve essa concepção, essa percepção de “eu sou negro”. E aí, você consegue me responder isso?

Fio Jasmim: Rapaz, esses dias, um tempo atrás, quando o pessoal tava gravando podcast em massa, teve um tema de um podcast que foi basicamente esse. Aí eu lembro que eu falei que assim, que: teve um dia que eu percebi. Eu não lembro exatamente quando. Eu acho que foi depois dos 10 anos de idade que eu tive a plena noção. Caraca, realmente, eu sou o mesmo. Mas não foi um negócio natural.

Fio Jasmim: Eu acho que foi até truculento, truculento assim, de perceber as dificuldades e aí entender porque que tava tão difícil.

João: Mas você era bem mais jovem assim, né, quando você teve essa percepção?

Fio Jasmim: É, foi bem mais jovem assim, porque eu tive boas referências, né? E aí eu consegui desde cedo a noção. Mas assim, a noção mesmo foi quase um choque, foi descoberta. Não foi uma coisa muito natural, de falar assim: “caraca, eu sou o negro”. Pra mim, foi realmente uma questão de entender, sacou? Eu tive que parar tudo e entender.

João: Pode crer. Esses dias li alguma coisa sobre uma tal de “Neusa Santos”, acho que ela era psiquiatra. Ela fala que nenhum sujeito, nasce negro, porque a gente tem esse debate sobre a questão de raça, que raça não é uma coisa biológica, raça é uma construção social mesmo, que foi imposta por mecanismos neoliberais, capitalistas e coloniais pra marginalizar os sujeitos “desviantes” do branco, né, os não-brancos, principalmente os sujeitos negros. E aí ela fala disso, que a gente se torna negro porque a partir das nossas vivências nos contextos da nossa vida, na escola, trabalho, família e desde pequeninhos, na sociedade, né, a gente vai passando por situações que vai relembrando a gente e a gente vai se apropriando desse lugar. Mas ela lembra também que não existe só negatividade, que nisso a gente conhece pessoas semelhantes a nós e que cria essa sensação de identidade, de coletividade, de amizade e que é legal também.

João: Aí eu queria que você falasse um pouquinho disso, aconteceu isso na sua vida, essa questão que eu falei, se você puder falar um pouquinho, né, quando você teve esse

pensamento, essa certeza das coisas, você pode dissertar um pouquinho sobre alguns aspectos positivos e negativos que aconteceram?

Fio Jasmim: Cara, tipo assim, eu lembro muito do meu ensino médio, sabe? que tipo assim, foi quando surgiu todo o meu desenvolvimento crítico sobre as coisas, eu lembro que no ensino médio eu era bem crítico, estudava bastante, não no colégio, mas eu falo assim, é a revolta das coisas, né?! E aí foi assim que eu fui descobrindo, né, que tipo assim, no colégio onde eu estudei, os dois últimos anos eu não tive aula de química e física, né, terminei meu ensino médio sem essas duas disciplinas.

João: Deixa eu só te interromper um pouquinho, só pra perguntar, você estudou onde mesmo seu ensino médio?

Fio Jasmim: Foi num colégio público ali no centro da cidade.

João: Ah, beleza, perdão atrapalhar então, continue...

Fio Jasmim: Tinha dia que a gente nem ia pro colégio porque faltava água, e aí, sabe, comecei a questionar essas coisas. Pensava: caramba, como é que a gente vai estudar sem água, sem merenda? Aí mandavam todo mundo embora. Foi nesse contexto que tive um professor de geografia, o Eduardo, um homem negro. Ele foi fundamental para desenvolver meu pensamento crítico, sabe? Ele não dava aula só por dar, ele fazia questão de pontuar as coisas de uma forma que abria nossa mente.

Fio Jasmim: Isso me cativou, comecei a prestar atenção. Foi um processo de olhar no espelho e reconhecer quem eu realmente era, entendendo o contexto ao meu redor, as oportunidades, as limitações. Não que todo mundo na escola fosse negro, ou que eu fosse o único, mas falo do contexto da minha vida, da minha família, dos meus pais e do meu irmão, que se parecia muito. Estudar em um colégio público, que era a única opção disponível, acabou me levando a esse entendimento, que inicialmente surgiu de um lado mais negativo da coisa.

João: Deu uma mesclada, uma situação negativa te proporcionou, de certa forma, esse entendimento, né?

Fio Jasmim: O entendimento pode até surgir pelo lado negativo, mas, a partir do momento em que você reconhece isso e começa a viver com essa consciência, também descobre a beleza de ser uma pessoa preta no Brasil.

João: Nossa! incrível, mano...

Engraçado você falar do seu professor negro. No meu ensino médio, eu só tive dois professores negros. E, diferente de você, acho que eu era meio “ingênuo” nessa época. Só fui desenvolver essa consciência de classe, esses recortes de classe, raça, de etnia, social, de território depois que terminei o colégio e comecei a me relacionar com pessoas diferentes das

que estavam na minha escola. Eu fiz ensino médio numa escola particular, sabe? Não era de elite, mas tinha um certo privilégio. No ensino médio, a gente passa por tanta coisa, né? — o corpo mudando, as pressões para entrar na faculdade, os relacionamentos... É tanta coisa que, no fim das contas, fica difícil assimilar tudo. Só depois que saí do colégio e comecei a conviver com uma pluralidade de gente de vários contextos que fui entendendo o quanto aquela escola tinha uma normatividade de vida mesmo, de como você deveria se portar, de como você deveria ser. Não era só sobre comportamento, sobre ser educadinho ou ter etiqueta, mas também sobre como você devia se vestir, como seu cabelo devia ser, até a cor da sua pele, sabe? No ensino médio, meus amigos mais próximos eram o Jorge e o Hércules¹⁵, dois caras brancos padrão. Aí me vem aquela frase que vi no Twitter: “era horrível ser negro na época do Justin Bieber.” E era mesmo, sem mais.

João: Lembro do primeiro “reg” que fui, lá no saudoso Ice e Drink, com o Jorge e o Hércules. Dois caras brancos, bonitos, padrão da época, sabe? E aí, véi, eu achava que tinha algo errado comigo, não sei nem explicar direito... mas sentia que tinha alguma coisa errada, e isso me fazia sofrer. Só quando comecei a me relacionar com outras pessoas, com mais diversidade ao meu redor, que fui entendendo que nem tudo é o que parece, sabe? Que existem outras possibilidades além do que é esperado da gente.

Entendi que, mesmo com aquele padrão todo, tem gente que não concorda com ele, que acha que não faz sentido. E que o que eu sou, do meu jeito, pode ser algo positivo também — pode ser bonito, legal, aceitável. Aquilo que você é, que a gente é, também tem valor, sabe? Deu pra entender o que eu tô tentando dizer?

Fio Jasmim: Sim, sim, total. Pra mim, rolou uma coisa parecida depois dos vinte e poucos anos. Não sei o que aconteceu, mas meu grupo de amigos mudou, e acho que eu ajudei um pouco nisso, sabe? Foi muito bom, porque sempre que eu chegava, alguém falava que meu cabelo tava massa, bonito. No começo, eu achava meio forçado, mas, com o tempo, foi ficando natural. Você sabe como é, né? É muito bom ouvir isso.

Dá uma segurança enorme, especialmente quando você começa a sair pro mundo de verdade, a se aventurar em relacionamentos, conhecer gente nova. Ter um grupo que reforça isso, que te dá esse apoio, faz toda a diferença, né?

João: E um grupo de pessoas que é semelhante a gente também, né?

Fio Jasmim: Sim, Sim.

¹⁵ Nomes fictícios.

João: Era massa quando eu tava num canto com você, com Maria, com Jeremias... sabe, com pessoas que me faziam sentir querido. Gostava disso. E, só pra acrescentar nessa questão do cabelo, fui descobrir que meu cabelo cacheava só em 2018! Antes disso, eu só raspava.

Aí comecei a entender que isso era resultado dos ambientes em que eu tava, sabe? Culturalmente, sempre ouvi aquela coisa de “cabelo cacheado, grande, volumoso é feio, tem que ser liso, pro lado.” Então, eu raspava o mais curto possível, fazia degradê, essas coisas pra parecer o mais liso possível. Mas, pensando bem, essa questão do cabelo é uma coisa que impactou muito a nossas vidas, né?

Fio Jasmim: Pô, véi, eu sempre soube que meu cabelo cacheava, mas cresci ouvindo da família aquele famoso "bombril" e outros comentários assim, sabe? Aí, depois da pandemia, quando a gente tava todo mundo trancado, eu tinha feito uma besteira no cabelo, e acabei raspando tudo — cabelo, barba, tudo.

Depois de dois anos sem cortar, foi que descobri o tamanho real do meu cabelo, aquela imensidão. Foi a primeira vez que vi ele assim, no auge, lá em 2022. Fiquei tipo: caraca, é isso mesmo? Nunca tinha visto meu cabelo desse jeito.

João: Mas tava bonitão mesmo, viu! Inclusive, a última vez que trancei meu cabelo com a Michele, ela falou de você. Eu fui com a Maria e ela perguntou, "Cadê o Jasmim? Trancei o cabelo dele, tava bonitão." Ela falou de você.

Fio Jasmim: Pô, também foi massa trançar, viu, é uma boa, dá uma diferença.

João: Pô, tava grandão, teu cabelo tava grandão mesmo, ficou massa.

Enfim, agora fiquei curioso, me surgiram mais duas perguntas, e acho que elas duas se ligam, vou perguntar. Você já presenciou ou viveu uma situação de racismo, como foi pra você? E você acha que já teve alguma situação de estresse por conta de suas características raciais? consegue me responder isso?

Fio Jasmim: Pô, cara, direto, já passei por várias dessas, né? Infelizmente, acho que não vão acabar tão cedo. Não lembro de uma muito antiga, mas teve uma virada de ano que marcou. Fui pra praia com o pessoal, e a gente foi fazer uma feira no atacadão. Tava com a camisa do Flamengo, de chinelo e bermuda, bem à vontade.

Aí, do nada, uma mulher teve a coragem de me perguntar onde ficava tal coisa, como se eu trabalhasse ali. Sem motivo nenhum pra ela pensar isso, a não ser minha cor, né? Na hora, fechei a cara e só respondi que não sabia. Fiquei muito chateado.

No mesmo dia, comprei uma bebida cara pra passar a virada e fiz questão de passar no caixa onde ela tava. Era como se aquilo fosse uma resposta silenciosa pra ela, sabe? Mas, mesmo assim, isso me pegou de jeito, fiquei bolado.

João: Foi no mesmo caixa dela?

Fio Jasmim: Uhum. Foi no mesmo caixa dela.

João: E como é que foi pra tu isso? Você se sentiu bem?

Fio Jasmim: Na hora eu me senti bem, por ter comprado o negócio caro e tal, mas depois ficou ruim pra caraca, viu, velho? a sensação pelo que aconteceu foi ruim. E também nunca mais eu comprei, foi Jack Daniel 's, pô. Nossa senhora, nunca mais eu comprei esse treco em minha vida.

João: Era ruim? haha

Fio Jasmim: Demais, é ruim pra poxa hahaha.

Mas teve uma outra situação que me deixou muito chateado, foi esse ano. Uma irmã de santo minha foi chamada pra fazer um filme e parte do elenco resolveu comemorar o início das gravações num bar. Ela me convidou, já que tava passando por Conquista, e fui com ela pra conhecer o pessoal.

A gente tava lá no bar, comemorando, trocando ideia, e em certo momento saí pra ficar na porta. Aí chega uma Hilux branca, desce um coroa branco, aparentemente bêbado. Do nada, ele aponta pro carro e diz: “Tu olha aí pra mim?” Na hora, senti um gelo. Tentei ignorar, olhando pra frente, mas ele repetiu: “Tu olha o carro aí pra mim?” Eu continuei quieto, mas ele insistiu, me olhando.

E, cara, eu tava todo de branco, com as roupas do terreiro, sem nada que pudesse me identificar como funcionário do bar. Aí ele falou de novo e, dessa vez, eu respondi: “Velho, eu não trabalho aqui, não.” Aquilo estragou minha noite, de verdade. Eu tava com outro irmão de santo e cheguei a comentar: “Mano, se eu tivesse algo aqui, furava o pneu do carro dele.”

Foi bizarro, uma insistência pra eu olhar o carro dele, sabe? Fiquei muito sem graça e disse que queria ir embora. Meu amigo tentou me acalmar: “Não, velho, fica aí, bora entrar, a galera tá se divertindo.” Aí ele me convenceu e voltei, mas toda vez que olhava pro cara dentro do bar, subia um fogo em mim, um ódio, uma raiva danada.

João: Caramba, mano, até eu fiquei mal aqui.

Fio Jasmim: Pô, é foda pra caralho, mano.

João: Pois é, véi. E tipo, validando o que você sentiu, porque é totalmente compreensível, pô. Quem não ia querer rabiscar o carro do cara, né?

Fio Jasmim: Não, véi, minha vontade era furar o pneu, pra ele nem sair de lá, tá ligado? Às vezes dá vontade mesmo de agredir, de fazer alguma coisa.

João: É a revolta, né, véi? E a gente sabe que muito disso vem desse “pacto da branquitude” que privilegia essas pessoas, deixando elas fazerem esse tipo de coisa impunemente. É super

válido sentir essa raiva, querer se revoltar. Só que é complicado, porque a gente sabe qual é o nosso lugar e o que pode acontecer com a gente se a gente reagir, né? Tudo por conta dessas posições de poder que tão aí pra nos limitar.

Fio Jasmim: Enquanto você falava, véi, fiquei lembrando disso e passa um filme na cabeça, sabe? As possibilidades de reação... A primeira coisa que pensei foi sentar a mão na cara dele, tá ligado? Mas aí, em milésimos de segundo, passa um monte de reações diferentes pela cabeça. E o pior é que, no final de tudo, a reação que sobra é a da impotência, sabe? Parece que falta coragem de levar aquilo pra outro lugar, de reagir de verdade. Aí a gente acaba só ignorando e tentando ficar de boa.

João: Isso me faz pensar em duas coisas. Primeiro, quantas pessoas negras não passam por situações parecidas todos os dias, né? E que realmente se sentem impotentes – e são mesmo, dentro da nossa norma e lógica social. Mas aí me lembro de outra coisa que me dá uma sensação, entre aspas, de “justiça”, apesar de tudo estar longe do ideal. Lembra do caso da Luísa Sonza? Que ela foi racista com uma moça em um hotel, tratou a mulher negra como funcionária, sendo que não era. Foi algo semelhante, e ela, a moça que sofreu racismo da Luísa, teve, assim, coragem de ir pra frente, de denunciar. Porque é um ato de coragem mesmo, né? Você falou aí, a gente se sente uma merda nessas situações.

Só que o privilégio é tão brutal que, olha só, recentemente vi que a Luísa tava virando madrinha de um instituto de mulheres negras. Tipo, véi, você sendo branco e com dinheiro, você consegue fazer o que quiser, apagar tudo, passar por cima.

Fio Jasmim: Ah, pois é, mano, que loucura, bicho, de mulheres negras, mano! é bizarro demais isso daí, velho.

João: E é isso, né? Ela nem pediu desculpa direito, foi lá no Twitter e pronto. E tem uma teoria da conspiração, que pode até ser conspiração, mas pra mim faz sentido. No dia em que a mulher denunciou e levou o processo pra frente, foi o mesmo dia em que a Luísa apareceu em rede nacional falando do término do namoro. Para mim, aquilo foi uma forma de abafar a situação, de desviar o foco.

É sempre confundido com um trabalhador, né? E nem é qualquer trabalhador... é sempre alguém em um lugar de marginalização. Nunca se confundem com alguém em uma posição com valor social alto, sabe? Sempre é confundido com gari, porteiro, garçom, flanelinha. E isso gera um impacto muito grande. E aí, voltando ao que você falou do seu professor negro... é legal pensar nisso como uma contranarrativa. Ter pessoas negras nesses espaços de construção civilizatória — escola, locais sociais — gera representatividade. É como se dissesse que a gente pertence a esses lugares também, sabe?

Fio Jasmim: Também tem esse recorte, né? Aliás, não só um recorte, mas algo enorme na minha vida, que é o fato de eu ser do candomblé. Passei um ano inteiro vestido de branco, então além da cor da minha pele, que já mostra muita coisa, minha religião também chama atenção. Tipo, é só entrar no supermercado e já sentir os olhares, sabe? Esses dias mesmo, saí da academia e entrei no mercado pra comprar uma parada, tinha esquecido minha garrafa de água. Voltei pra pegar, e já senti que o segurança suspeitou, sabe? Ele começou a me seguir, como se eu fosse fazer algo errado. Coisa que a gente já tá acostumado, né? O “básico”.

João: Tenho que falar, lembrei de algo que sobre suicídio esses tempos, rapidinho. Ele tem uma parte que fala sobre a “resiliência” do povo negro, entre aspas, sabe? Fala sobre essa casca que o racismo estrutural, institucional, religioso, enfim, o racismo em geral, cria no sujeito negro. Existe essa estereotipização de que o negro é forte, que aguenta tudo: piada, trabalho pesado, até a sexualização excessiva, como se aguentasse horas transando. Isso também é racismo, sabe?

Esse imaginário popular cria uma ideia de que o negro não pode sofrer, porque “é forte”. E se for um homem negro, aí tem o peso dobrado: homem não chora, e negro é forte. E assim vão se somando mil outras expectativas.

João: Quando trabalhei num sítio gastronômico frequentado pela classe média alta em Vitória da Conquista, numa sorveteria lá dentro, tive umas experiências bem negativas. Não todas, claro, mas com os clientes e, principalmente, com os patrões. Eles não falavam comigo, nem com nenhum funcionário negro. Só falavam com Jonas e com outro menino da cozinha, que eram brancos.

Tinha uma colega minha, a Mila, que também era negra, e ela falava: “Pô, a dona Mari é preconceituosa. Ela nem olha na minha cara. Quando passa por mim, olha pro chão ou pro teto, e eu me sinto como se fosse um animal. Mas tô aqui porque preciso do dinheiro.” E é isso, né? A gente aguenta essas coisas porque precisa. Mas, no dia que a gente sai, tem outro ocupando o nosso lugar. É isso, sabe? A gente parece que não vale nada. É uma situação de merda, porque a gente fica numa posição muito subalterna. Essa estrutura de poder, esses privilégios sociais, materiais e simbólicos... é foda.

Fio Jasmim: E você percebe a cara de prazer da galera, né? Tipo, você já tá num lugar complicado, e parece que ativa neles um certo tesão, sabe? Você olha pra um, olha pro outro, e dá pra ver que tão felizes com o que tá rolando. É isso, véi, as pessoas gostam de sentir poder, de se sentir bem. Comprar aquele Jack Daniel 's foi uma forma de mostrar isso, de certa forma. Agora imagina quem tem esse poder todos os dias, em todos os contextos. A pessoa se sente o bambambã, e aí se incomoda quando alguém que eles consideram inferior tenta, entre

aspas, “tomar o lugar deles”. E, no fim das contas, é uma coisa super simples, mas é uma construção social, não tem nada de divino, estabelecido, nem genético. Historicamente, tentaram até justificar isso cientificamente, como se fosse uma coisa genética, só pra sustentar os horrores que cometeram.

João: Por isso admiro tanto quando alguém tem a coragem de se impor e levar uma situação dessas adiante, mesmo com toda dificuldade. Principalmente quando você tem pessoas semelhantes ao seu redor que te apoiam, sabe? Dá aquela sensação de que fez a coisa certa.

E isso pode ser positivo, porque você não vai ficar se sentindo mal depois. Você pensa: “Pô, fiz o que podia fazer, e espero que isso tenha algum impacto.” Às vezes, realmente pode fazer a pessoa branca refletir, mesmo que nem sempre isso aconteça. Claro, não é nossa responsabilidade mudar a mentalidade de ninguém, mas é essa sensação de tentar algo pela mudança social, pelo coletivo, que faz a diferença.

João: Passei por uma situação parecida com meu pai uns dois meses atrás, foi uma briga feia. Ele fez um comentário complicado sobre o cabelo da minha mãe, e eu decidi problematizar. Antes de falar, fiquei pensando: “Gero uma briga daquelas ou fico quieto?” Ele disse que o cabelo dela tava parecendo cabelo de “boneco futuca”.

Aí, tentei falar numa boa, falei: “Ô pai, não fala isso não, não é legal.” Ele respondeu: “Ah, tô brincando com sua mãe, ela nem liga.” Mas, na verdade, ele nem perguntou nada pra ela. Minha mãe ficou meio sem graça, com aquela cara de quem não gostou, mas não disse nada. Eu insisti: “Não é um comentário legal, pai, pode ser interpretado como racista. Você é professor, não pega bem.”

Foi aí que ele ficou na defensiva: “Você tá me chamando de racista?” Aí distorceu tudo o que eu disse. Eu tentei explicar calmamente, mas fui me alterando, fiquei nervoso. Falei: “Todo mundo é passível de fazer comentários racistas, pai, eu, você... é o que aprendemos numa sociedade que nos molda assim.”

Minha mãe dizia que não ligava, mas eu expliquei que o ponto era ele entender pra não repetir. Ele continuou na defensiva, falando que eu era radical demais, que esse “mimimi” ia afastar as pessoas de mim, e por aí foi. Aí, acabei xingando ele, falei que ele era burro mesmo. O negócio escalou, sabe? Meu pai é branco, minha mãe é preta. Ficou um clima pesado, uma sensação horrível. Depois, quando passou, eu fiquei mal, chorei e tudo. Mas pensei: “Se ele não repetir isso mais, valeu a pena.”

Mas e aí, o que você acha disso? Concorde com essa ideia de se posicionar, mesmo com todas as dificuldades?

Fio Jasmim: Você fala sobre a truculência ou sobre se posicionar?

João: Sobre se posicionar, o que você pensa? Porque, apesar das dificuldades, tem gente que encara, né?

Fio Jasmim: Cara, eu gosto de brincar que nas amizades, eu consigo educar muita gente ao meu redor, sabe? Em termos de amizade, construo vínculos fortes o suficiente para fazer uma crítica sem acabar com a amizade. Principalmente na questão racial, construo minhas amizades de um jeito que eu consiga rebater as coisas quando é preciso.

Mas num contexto maior, eu não vou mentir, morro de medo, sabe? Peguei um trampo no começo do ano que foi uma merda, trabalho ruim pra caramba. Na primeira vez que cheguei lá, o chefe olhou pra mim e soltou um “ó lá, o cacete” quando viu minhas contas no pescoço. Depois disso, só foi ladeira abaixo até a minha demissão, sem justa causa.

Tenho certeza de que teve questões raciais envolvidas. E aí vem a coragem, né? Colocar na justiça, fazer alguma coisa. Fiquei feliz que foi sem justa causa, pelo menos saí com meus direitos garantidos. Mas, se fosse diferente...

João: Mas, de certa forma, você entendeu o que tava acontecendo ali, né?

Fio Jasmim: Ah, sim, com certeza, véi. Lá, a “recompensa” por trabalhar mais era receber ainda mais trabalho, tá ligado? Quanto mais você fazia, mais coisa te davam pra fazer. Tinha um cara lá, o Vinícius, um jovem de uns vinte e poucos anos, bem humildão. Ele era uma máquina, sabe? Mas a vida dele sempre foi trabalhar. O chefe se aproveitava disso, deitava e rolava em cima dele, talvez por ele ser grandão, fortão e retinto.

Eu até trocava umas ideias com o Vinícius, dizia: “Cara, não é bem assim que a banda toca, tem que prestar atenção no jeito que falam com a gente.” Mas ele tinha um discurso de que éramos todos iguais ali, tipo o que o gerente falava. Esse gerente, que não era o dono, mas comandava o setor, sempre chegava dizendo que “éramos todos peões, que não tinha diferença”.

Depois, eu comentava com o Vinícius e os outros caras: “Vocês tão percebendo o que ele tá fazendo, né? Só tá falando essas coisas pra nos manter na linha.” Em alguns lugares, eu até consigo manter o controle da situação, mas em outros, não vou mentir, me sinto um menininho, sem saber como reagir.

João: Nessas situações que envolvem essas estruturas de poder e hierarquia, principalmente quando tem a questão da demissão e do que a gente precisa — o salário no final do mês —, acho que realmente é complicado, né?!

Claro que imagino que não tenha sido tão direto quanto o que você passou, mas minha experiência na sorveteria foi mais implícita, sabe? Mas é isso, você se sente assim, como um “menininho” mesmo, uma criança que tem que aceitar tudo, né? Aquela coisa de “o cliente

sempre tem razão”. E quando você é um sujeito negro e pobre, o cliente tem mais razão ainda.

Fio Jasmim: É duro... A dificuldade é essa, porque se impor exige muita energia, sabe? Ultimamente, tenho ficado bem triste com o peso das coisas. Se impor é gastar uma energia absurda pra algo que nem sempre vale a pena. Então o que me resta é isso, ficar triste, meio pra baixo... Mas infelizmente é assim, né?

Às vezes, penso que a vontade é de fazer algo radical, denunciar, partir pra cima. Mas no fim, João, você só fica triste... e depois passa.

João: Pô, cara, você acha que poderia existir alguma coisa para auxiliar a população negra que sofre racismo? Tem algum mecanismo que você acha que poderia ajudar? Pode ser o mais utópico, fantasioso, diferente, megalomaniaco... ou algo mais pé no chão, real e crível. Já pensou em alguma coisa que poderia acontecer?

Fio Jasmim: Rapaz, vou falar uma coisa muito particular, tá ligado? Não é uma solução geral, mas foi uma virada de chave pra mim. A entrada no terreiro mudou tudo. Lá, o pessoal fala muito sobre “tecnologia ancestral”, sabe?

A gente não exclui nada do que o mundo oferece hoje, como a psicologia, por exemplo. Eu tento acessar essas coisas na medida do possível. Mas o terreiro também traz tecnologias próprias para se proteger no meio disso tudo. Quando fiz santo, meu pai de santo disse: “Tem um rei que mora na sua cabeça, ele é o dono, você faz parte dessa linhagem.”

Desde então, pouca coisa me abala, sabe? Porque eu sinto que tem um rei aqui, dentro da minha cabeça.

João: Ô, Jasmim, desculpa te interromper, mas que parada massa, vei. Me arrepiei aqui, de verdade. Enchi o olho de lágrima... Achei muito forte isso que você falou, sério mesmo.

Fio Jasmim: Mas é isso, véi. Alguém uma vez me disse que o processo de iniciação no candomblé é como uma travessia de barco, sabe? Durante o recolhimento, a pessoa fica “dentro de um barco”, que simboliza a travessia do Atlântico. É uma recriação do processo de resistência e renascimento. A pessoa fica ali, recolhida, e quando sai, ninguém sai com um título menor do que rei ou rainha.

Então, quando alguém renasce pro orixá, recebe esse título de realeza. É como se eu tivesse passado pelo barco pra sair como um rei de alguma coisa, sabe? E, depois disso, pouca coisa me abala. A única coisa que me preocupa mesmo é minha conexão com meu orixá. Se eu não estiver nos preceitos certos, aí sim me abala. Mas, alguém pedir pra eu olhar uma Hilux na porta do bar? Tô nem aí, entra por um ouvido e sai pelo outro. Não dói mais, não internaliza. Minha visão de vida e de sociedade é outra agora... porque eu sou um rei.

Fio Jasmim: Então, talvez a resposta esteja menos na religião e mais na ancestralidade, sabe?

Pra mim, é sobre o povo preto se emancipar de verdade. É ter plena consciência de que a gente precisa viver bem pra honrar a vida de quem veio antes.

De nada adianta eu viver sofrendo só porque fulano morreu sendo chicoteado, entendeu? Se eu viver uma vida plena, feliz, fazendo o que gosto, amando, me divertindo, aí sim a vida dessas pessoas não foi em vão. Faz parte de uma corrente maior, sabe? Eu sou um pedacinho dela e posso ajudar a mantê-la viva.

Enquanto eu estiver aqui, vou fazer minha parte para que essa corrente não se quebre. É mais ou menos isso, tá ligado?

João: Cara, que parada massa, véi. Sério, gostei muito do que você falou. Fiquei até com o olho cheio de lágrima, pô. Me tocou de verdade, fiquei sem palavras. É algo muito positivo, sabe? Parece que isso tem um impacto incrível pra você e pras pessoas que compartilham dessa vivência. E fico pensando, né, se houvesse alguma política pública que promovesse essa conscientização, entre aspas, sobre o que você falou. Porque a gente sabe que muitas pessoas estão na situação que estão por falta de acesso — seja a informação, seja a direitos básicos. Essa promoção de afirmação que você mencionou é tão importante... afirmação de capacidade, de autonomia, de autenticidade, de emancipação.

Parece um pouco com o que a gente fala sobre “empoderamento”, né? Tipo, estar em um lugar que cria em você processos internos pra conseguir lidar com o mundo externo, com os desafios do dia a dia. Cara, achei incrível. Obrigado por compartilhar isso.

João: Que massa, velho, então você já se propôs a estudar acerca de temáticas raciais mesmo, né?

Fio Jasmim: Bastante, véi, bastante mesmo. Tem hora que cansa, sabe? Uma das coisas que eu mais penso, que me dá algum conforto na luta racial, é lembrar que o racismo não é um problema nosso, da gente negra. É um problema pra gente branca.

Claro, a gente precisa estudar, se fortalecer e tudo mais, mas quem devia estar se preocupando muito mais com isso, estudando e entendendo, é qualquer branco por aí, sabe? Eles que deveriam estar carregando esse peso.

João: Só complementando, lembrei do livro *O Pacto da Branquitude*. A autora fala exatamente isso, né? Que socialmente é reforçada essa ideia de que o racismo é um problema do negro. Mas, se é algo que foi construído, perpetuado e que gera impactos negativos no negro, não faz sentido ser um problema dele, né? Afinal, ele não é quem produz isso. O racismo continua existindo porque quem o criou foram os brancos. E os privilégios que eles mantêm sustentam toda essa lógica.

Fio Jasmim: Pois é, véi. De vez em quando, eu me apoio nessa frase e tento descansar um

pouco, porque cansa, sabe? Tudo cansa. Cansa demais quando você tem essa consciência o tempo todo, a toda hora. Você não pega um ônibus em paz, não sai de casa em paz... Tudo isso traz um cansaço constante, tá ligado?

Então, mas tipo assim, eu realmente me proponho a fazer a diferença, sabe? Consegui transformar meu TCC de Arquitetura numa parada massa. Fiz o projeto do terreiro que eu frequento! É uma das únicas monografias na FAINOR — que é uma faculdade particular, num curso majoritariamente de brancos e ricos — que tem a planta de um terreiro de religião de matriz africana. Achei muito significativo, sabe?

Então, é isso, sabe? Levar pro meio acadêmico, até onde eu posso, as coisas que eu sei e que dou valor.

João: Que parada massa, viu, cara. Pô, não consigo parar de pensar no quão grande é o que você tá fazendo, sabe? Isso gera representatividade, cria um espaço de identidade. E, mesmo que às vezes a gente se sinta sozinho fazendo isso — principalmente você, como homem negro, numa faculdade particular, hegemonicamente de brancos e ricos, como você falou —, o impacto vai além.

Você pode até se sentir só agora, mas futuramente isso tem o potencial de criar representatividade pra outros. E mais do que isso, construir uma coletividade, sabe?

E é exatamente o que a escrevivência fala, né? De que a gente não é nada sozinho. Porque você não tá fazendo isso do nada, sem base. E, futuramente, alguém pode ver o que você fez e construir impactos positivos na própria vida e na vida de outros a partir disso.

Muito legal, véi. De novo, me arrepiei aqui. Acho isso muito massa.

João: Enfim, você acha que teria algum impacto se na educação básica, tipo lá na nossa escola primária, essas pautas étnico-raciais fossem discutidas com mais empenho? Se tivesse um letramento racial mesmo, lá na “escolinha”? Você acha que isso seria uma estratégia positiva?

Fio Jasmim: Ah, com certeza, mano. E, na real, no papel até já existe, né? Tem leis pra isso, pra ensinar sobre essas questões, se eu não tô enganado. Mas, na prática, quase não acontece. Um exemplo massa é o terreiro do Afonjá, lá em Salvador. Eles têm uma escola dentro do terreiro. As salas de aula têm nomes ancestrais e tudo mais. E fico pensando em como deve ser pra uma criança estudar num lugar assim.

Ela não vai passar pelo mesmo choque de realidade que eu passei, sabe? Talvez ela crie primeiro uma relação afetiva com aquilo, pra depois entender e defender. Enquanto eu precisei passar pelo choque pra só depois criar o afeto.

João: Isso seria interessante mesmo. Deixa eu só completar rapidinho. Talvez fosse menos

cansativo para essas crianças, sabe? Porque, como eu falei, é “cansativo” pra gente ter que estudar tudo isso depois de adulto. Eu, por exemplo, só fui correr atrás de muito conhecimento depois dos 20 anos. E, se elas comessem a ter esse aprendizado desde o fundamental até o ensino médio, já sairiam com toda a base que precisam, né? Sem contar que ajudaria a não se sentirem tão sozinhas. Porque essas vivências acabam sendo muito solitárias até você encontrar um lugar que te acolha.

Fio Jasmim: Sim, Sim...

João: Isso me lembrou de uma palestra que assisti esses dias, com uma doutora em psicologia chamada Táhcita Mizael. Ela é negra e da Análise do Comportamento. Na palestra, ela falou de uma intervenção que fez com crianças, baseada em um programa sobre equivalência de estímulos.

Basicamente, equivalência de estímulos é quando a gente associa coisas por conta da nossa história de vida, da cultura em que estamos inseridos, sabe? Por exemplo, associar “branco” com “luz”, “luz” com “coisa boa” e “coisa boa” com “branco”. São estímulos diferentes que, na prática, podem não significar nada, mas que a gente acaba pareando.

No trabalho dela, ela falou exatamente sobre isso: como associamos “preto” com “escuridão”, “escuridão” com “coisa ruim” e, por fim, “coisa ruim” com “negro”. É algo que somos culturalmente condicionados a fazer, criando essas associações racistas.

Ela fez uma intervenção com crianças, se não me engano, de 6 a 8 anos. Nessa idade, elas já têm um repertório cultural básico, já aprenderam algumas coisas, assistem conteúdos e estão inseridas numa sociedade que reforça esses valores. A pesquisa começou com 10 crianças, e todas faziam essas associações racistas no início.

Através do programa de equivalência de estímulos, ela condicionou as crianças a discriminarem e separarem melhor os conceitos, não generalizando ou equivalendo estímulos de forma preconceituosa. No final da pesquisa, 8 das 10 crianças não apresentavam mais essas associações racistas.

Ela concluiu que um programa desses, aplicado em escolas, poderia ter um impacto social enorme, com evidências científicas para sustentar isso.

Fio Jasmim: Maneiro demais! Faz sentido, realmente seria bacana.

João olha para seu pulso esquerdo onde se encontra seu relógio e nota que já estão conversando a horas, ele precisa comprar ração para suas duas gatas antes de fechar os estabelecimentos e voltar para a casa. Extremamente impactado com o papo até aqui, ele se vê no ímpeto de querer conversar um pouco mais e diz:

João: Nossa, olha a hora! Quero te perguntar mais algumas coisas porque o papo tá bom demais, pode ser?

Fio Jasmim: Caramba, duas horas aqui já? Nem percebi, haha. Pode falar, o papo tá massa!

João: Então, pra gente finalizar... Já aconteceu de alguém fazer suposições sobre sua inteligência ou competência só com base na sua aparência? E, se sim, como você lidou com isso?

Fio Jasmim: Rapaz, eu não sei, viu? Na verdade, acho que já me antecipei a essas situações... ou melhor, acho que eu mesmo me coloco nelas.

Já cheguei em vários lugares onde o povo tava conversando sobre algum assunto, e eu nem entrei na conversa porque não me sentia capaz de contribuir com nada. Então, não sei se alguém já desvalorizou minha inteligência só pela minha aparência. Talvez tenha acontecido, principalmente quando se fala da minha faculdade, que é particular.

Provavelmente, passei a maior parte do curso sem falar muita coisa porque ninguém me dava espaço, sabe? Mas, de forma geral, acho que, muitas vezes, eu mesmo acabo me inferiorizando. Esse ano, por exemplo, percebi isso mais claramente. Em várias situações, em discussões, já chego achando que o assunto tá acima do que eu sei. E, na real, sei o suficiente pra estar ali, pra conversar e tudo mais. Mas, automaticamente, já acho que não é o bastante.

João: Vou contar uma experiência. Eu tô estagiando no CAPS agora, e toda quarta-feira à tarde tem reunião de equipe com os técnicos e os funcionários de lá — psicólogo, enfermeiro, artesão, assistente social, educador social, enfim. No começo, nos dois primeiros meses, eu me senti muito estranho. Tentava falar nas reuniões, mas parecia que ninguém me ouvia, sabe? Era como se minha voz fosse abafada. Isso me gerava uma sensação de menos valia, de inferioridade absurda. Eu ficava pensando: “Será que eu não sei? Será que tô sendo burro? Será que o pessoal não me leva a sério?”

Mas, em alguns momentos, consegui falar na reunião, e o que eu trouxe gerou discussões muito boas, com potencial mesmo. Isso ajudou a rebater aquele pensamento negativo, aquela crença de que eu sou inferior ou burro. Claro que, às vezes, a gente fica preso nessas negatividades, mas existe evidência de que não estamos destinados a ficar nesse lugar de inferioridade pra sempre. Não importa o espaço.

João: E só pra reforçar, queria deixar isso como um elogio mesmo. Eu sei quase nada, ou praticamente nada, sobre religiões de matriz africana. Tenho certeza que, por tudo que internalizei ao longo da vida, ainda carrego muita coisa que aprendi errado sobre elas. Tento desconstruir isso o máximo que posso, mas ainda sou bem ignorante nesse assunto.

E tô dizendo isso porque é algo muito íntimo pra mim, no sentido de querer errar menos, sabe? Tudo o que você falou hoje me ensinou muito. Gostei demais, véi. Você não tem noção do quanto. Me arrepiei e fiquei com o olho cheio de lágrima com aquilo que você disse. Sério, acho que foi uma das coisas mais incríveis que já ouvi. Nem em outras religiões ouvi algo assim.

Enfim, é isso. Você tem um saber que produz um fazer muito seu, e isso tem um impacto muito positivo. E eu gosto muito dessa lógica de impacto, sabe? Acho que é isso que faz a diferença, que gera mudanças.

Agora, deixa eu te perguntar outra coisa: você acha que já foi tratado como perigoso ou potencialmente hostil em alguma situação? E, se sim, como você reagiu a isso?

Fio Jasmim: Rapaz, muita coisa eu não lembro, sabe? E tem coisa que eu acho que é até um “esquecimento forçado”, como se minha mente quisesse apagar, sabe? Mas, deixa eu pensar aqui...

Direto acontecia, tipo, eu ia na casa de algum colega pela primeira vez e, de cara, a mãe já se assustava com a minha presença. Todo mundo ali falando a mesma coisa, mas parecia que, só porque eu tava ali, eu tava falando gíria ou um vocabulário diferente. Isso foi tão normal pra mim que, durante toda a minha vida, entrar na casa dos meus amigos e perceber que os pais deles não se sentiam confortáveis comigo era padrão, sabe?

Depois, quando eu já tinha firmado amizade, sempre tinha alguém que vinha me falar: “Ah, meu pai perguntou de você”, ou “Minha mãe ficou falando de você”. E sempre nesse tom, tipo: “Jasmim trabalha?”, “Faz o quê?”, sabe?

João: Implicitamente, né? Como se quisessem descobrir se você não é perigoso, se não é marginal. É uma parada assim, né?

Fio Jasmim: Exatamente. Esse tipo de situação de perigo é uma das mais comuns.

João: Tipo, sair à noite, né? Sempre aquela coisa de ter que andar com documento, porque tem essa preocupação constante.

Fio Jasmim: Pois é, e eu fico pensando: como é que eu vou culpar alguém por estar com medo de mim? Olha que viagem do caramba, sabe? Essas coisas de praxe...

Mas, assim, nunca aconteceu de alguém apontar o dedo diretamente pra mim e dizer que tá com medo, ou manifestar esse medo de forma tão intensa a ponto de querer sair de perto porque acha que eu sou perigoso.

João: Cara, primeiro de tudo, isso que você passou foi uma merda, eu sinto muito por você. E segundo, fico aliviado que você nunca tenha passado por algo mais grave. Eu também nunca passei. Mas sabe o que eu fico pensando? Se fosse algo mais sério, tipo alguém apontando o

dedo na nossa cara, gritando... essas paradas mais agressivas, sabe?

A questão é que, hoje em dia, a gente tá numa situação tão complicada que, se a gente for reativo a isso, acaba sendo muito mais perigoso pra gente.

Cara, lembrei daquele caso do cara nos Estados Unidos, aquele que foi enforcado pelo policial até morrer, só porque ele tava tentando se defender. O nome dele era George Floyd, né? O mais absurdo é que o cara não tava oferecendo nenhum perigo naquele momento de contenção. Mas, como ele era negro, já vem com aquele estereótipo de que o negro é forte, é raivoso, é agressivo. E aí, ele tem que ser contido, tem que ser disciplinado, tem que ser "segurado", até ser morto.

E essas perguntas sobre o que você faz, quem você é, no fundo, tem uma lógica de controle. É como se quisessem ter certeza de que você não vai desviar de uma norma, de uma métrica, de uma ideal que eles acham que você deve ser.

Fio Jasmim: E às vezes o filhinho do papai da mamãe faz e fazia coisas piores do que eu.

João: Exatamente. E aí, se descobrisse, ia cair tudo na tua conta, né?

Jasmim: Ia cair na minha conta, sim.

Mas isso que você falou do RG... isso ficou na minha cabeça. Minha mãe me falou isso quando eu tinha uns 7 anos, eu acho.

Ela não falou de forma lógica, como se soubesse que o Brasil é perigoso. Ela falou assim: "*Se acontecer alguma coisa com você, vai cair como indigente. A partir de agora, você não sai de casa sem RG.*" E foi isso. A partir do momento em que ela falou, eu nunca mais saí sem o RG. E vem de um local de uma experiência, né? Uma vivência que a gente vai acumulando. Porque, no fundo, é isso, é ensinar desde pequeno.

João: E eu tenho certeza que, se fosse um sujeito branco, privilegiado, foda-se, né?

Fio Jasmim: Foda-se.

João: Tenho uma pergunta aqui que ela é massa.

Fio Jasmim: Diga lá.

João: Você já se sentiu pressionado a se comportar de uma determinada maneira, tipo, por ser negro? Sei lá, como pedir pra você sambar, dançar, ou mostrar alguma coisa... Ou até falar gíria, chegar e falar "*E aí, mano, não sei o quê*". Como se, por ser negro, você tivesse que ter esse "dialeto" específico, sabe? Tipo, esse estereótipo de "marginal", essas coisas. Já aconteceu isso com você?

Fio Jasmim: Já, já me aconteceu. E tem outra coisa engraçada também, que é com o cabelo, sabe? E, principalmente, o resguardo desse ano de branco que rolou, que foi engraçado. Tipo assim, de 10 Ubers que eu entrei, 15 me perguntaram se eu era cantor, se eu tinha alguma

banda, tá ligado? E mais 20 perguntaram se eu era de Salvador. E aí, o papo muda. A pessoa começa a conversar de um jeito completamente diferente, sabe?

Você vê que a pessoa não falava assim antes, mas muda totalmente o vocabulário. Fala, *"Pô, o diação hoje tá lindo, tá massa pra tomar uma cervejinha, não sei o quê."* E eu ali, de boa, quietão, sem saber nem o que falar, mas a pessoa muda o tom completamente, tá ligado?

Agora, pedir pra eu agir de uma forma específica, acho que nunca chegou a acontecer, não. Mas tem a pré-concepção de que eu sou alguma coisa, sabe? Essa ideia que a pessoa já tem sobre você. Esse preconceito, de certa forma, já faz com que a pessoa espere que você se comporte de um jeito. Como se você tivesse que falar daquele jeito agora, porque...

João: E a gente acaba falando, né?

Fio Jasmim: É, fala. E o pior é esse.

E aí, tipo assim, quando alguém minimamente sabe o que é Ogã¹⁶ e eu me apresento como Ogã, aí que piora mais ainda. E lá no terreiro eu toco a tabaca, tá ligado? O povo acha que eu sou percussionista de todas as bandas de Salvador. Que eu conheço tudo.

João: Pô, eu tava ouvindo um podcast esses dias, o entrevistado chamado Orlando Calheiros, ele é Ogã também, e tal. Ele é do Rio de Janeiro e é mestre em antropologia. E aí, foi engraçado, porque ele contou como lidava com as perguntas preconceituosas. Ele falava que a estratégia dele era ser cínico, mano. Os caras chegavam com umas perguntas bem escrotas, e ele respondia: *"Não, pô, eu realmente prevejo o futuro."* E continuava: *"É melhor tomar cuidado comigo, não faça nada que me desagrade, senão tu tá lascado."* E aí eu fiquei pensando, isso é, de fato, uma estratégia de enfrentamento, tá ligado?

Fio Jasmim: Mas eu acabo usando o racismo religioso a meu favor, sabe?

Quando eu tô em um lugar e não quero a presença de alguém, porque sei que a pessoa é preconceituosa, eu simplesmente boto minhas contas do lado de fora, coloco as pedrinhas no pescoço, tudo à vista. Aí, a pessoa já se afasta. E eu não preciso nem me preocupar com a presença dela, nem me incomodar. Fico ali, tranquilo, pensando: *"Que delícia, não preciso falar com ninguém."*

João: Caramba! haha, que massa, velho.

Fio Jasmim: Isso daí é a melhor coisa que tem. Quando você aprende a usar essas manhas aí, é caminho sem volta.

João: Enfim, Jasmim, foi isso, mano. E aí, você tem algum comentário mais a dizer? O que você achou desse papo?

¹⁶ Ogã é um termo que se refere a um cargo ou função masculina em religiões afro-brasileiras como o candomblé e a umbanda.

Jasmim: Achei do caralho, velho. Tipo, são altos questionamentos, né? Eu acho muito válido, porque a gente nem sempre se questiona sobre essas coisas, né? Então, assim, muito bom.

E, só pra pontuar, ultimamente eu tô com uma frase, um pensamento, na cabeça. Lá no terreiro, tem uma galera preta fazendo pesquisa sobre o próprio terreiro, sabe? Tem gente de ciências sociais, e tudo mais. E pra mim, isso é muito importante. Porque, quando a gente pensa em pessoas pretas, elas precisam escrever a própria história, né?

Tem muita gente escrevendo sobre o Candomblé, inclusive um antropólogo francês, o Pierre Verger, que fez uma fama enorme aqui na Bahia. Ele é um dos maiores fotógrafos da história do Candomblé, tá ligado? Mas, tipo, eu acho que já tá na hora de surgir um Pierre Verger preto, entendeu? Alguém que seja o detentor da própria história.

Essas perguntas que você tá fazendo, vindo de você, pra mim tem muito mais força e faz muito mais sentido. Porque, se fosse uma pessoa branca, às vezes fica parecendo algo meio "zoológico", sabe? Tipo, o cara querendo estudar o comportamento de um animal. Agora, quando é alguém que é semelhante a mim, é simplesmente um entendimento do que a gente vive. Fica uma coisa muito mais real, muito mais autêntica, sem aquele olhar de "zoológico", entendeu?

João: Tem aquela frase da Djamilia Ribeiro, né? *"Eu, como mulher negra, não quero ser mais objeto de pesquisa. Eu quero ser o sujeito da pesquisa, eu quero participar junto."*

Por isso eu gosto desse conceito de Escrivivência, sabe? Eu quero ter um impacto, e eu já tive esse impacto, pô. Eu chorei aqui. Durante esse "questionário", eu achei muito massa. E vou lembrar disso pro resto da minha vida. Era exatamente isso que eu queria. No começo, eu tava meio ansioso, achando que talvez não fosse dar certo, não sei... Mas deu mais certo do que eu imaginava. Foi uma troca mútua, sabe? E eu tô muito feliz com isso, velho.

Fio Jasmim: Eu também, foram questionamentos muito bons. Também, se dependesse deles, dos brancos, essa Escrivivência seria limitada, né? Porque, pra gente, talvez seja um campo ilimitado, essa Escrivivência que você fala. Deve ser um campo sem limites, de certa forma. Uma bizarrice, uma falta de limites mesmo. A gente pode falar sobre muito, durante muito tempo, sobre quase tudo, e seguir nessa metodologia.

João: Enfim, eu agradeço demais, velho, de verdade. Você não tem ideia do quanto. Por ter compartilhado suas experiências e reflexões aqui. Eu achei muito legal. Aprendi pra caramba, sério mesmo. Fui impactado.

Sua ajuda é de grande importância para minha construção de identidade, para minhas vivências pessoais e especiais, e também para tentar construir metas, pra gente expandir esses saberes e ajudar outras pessoas.

Enfim, brigadão, viu, mano?

Jasmim: Eu que fico feliz em participar e ter me considerado como uma pessoa que poderia colaborar, valeu tamo junto.

João se levanta, paga sua parte da conta no caixa do café e sai dali o mais rápido possível para não perder o horário do ônibus.

6.2 PÉROLA MARIA

A tarde começava a dar lugar ao entardecer em Vitória da Conquista, com o céu tingido de tons quentes, quase como um quadro em movimento. Pérola Maria chegava ao pequeno café — aquele mesmo café que a tempos atrás, João teve um papo com Fio Jasmim — com passos leves, mas firmes, carregando consigo uma energia que misturava serenidade e intensidade.

João já estava lá, sentado à mesa perto da janela, com um caderno e uma xícara de café pela metade. Ao vê-la entrar, ele acenou com entusiasmo, abrindo um sorriso. Pérola Maria retribuiu com um aceno suave, caminhando até ele enquanto ajeitava sua bolsa no ombro. O café estava tranquilo, com poucas pessoas, e a atmosfera era de um acolhimento quase palpável, como se o próprio espaço soubesse que dali sairiam histórias importantes.

— E aí, Pérola, tudo bem? — João perguntou enquanto ela se sentava.

— Tudo tranquilo, João. E contigo? Tá com cara de quem tem perguntas difíceis pra hoje, hein? — respondeu com um sorriso leve, mas esperto.

João riu e ajeitou os papeis à sua frente.

— Talvez... Mas você sabe que é sempre um bate-papo, né? Tô aqui pra ouvir e aprender contigo.

Pérola Maria deu uma olhada ao redor e, com um tom descontraído, disse:

— Ah, então tá bom. Se for assim, já tô em casa. Bora começar!

A conversa começaria dali, num tom de curiosidade mútua, abrindo espaço para Pérola Maria compartilhar sua vivência com a autenticidade que só ela carregava.

João: Antes de mais nada, queria te agradecer pela sua disponibilidade. De verdade, fico muito feliz e grato por você estar aqui. Desde que conversei com um amigo meu, o Jasmim, fiquei ainda mais interessado nessa pauta, em histórias como a dele, em vivências que se cruzam de alguma forma.

Quero trocar experiências com amigos negros como você, sabe? Acho que é uma forma de a gente se edificar mutuamente. A partir da experiência que tive com ele, minha ideia é construir essas narrativas, criar algo significativo. Estar aqui com você é algo que tô fazendo de coração mesmo, e tô muito feliz em fazer. Enfim, espero que, de alguma forma, você também se sinta impactada com isso.

E é isso. A "entrevista" vai ser guiada por algumas perguntas, como te falei antes, mas tentei formulá-las de um jeito que não fosse tão pesado nem muito diretivo. Quero que a gente realmente dialogue, sabe? Você vai falando, e eu também quero entrar na conversa, interagir, trocar ideia mesmo.

João: Bom, essa primeira pergunta originalmente não ficou tão boa, sabe? Então, dei uma reformulada nela e vou fazer dessa forma com você.

A ideia inicial era perguntar: *Como é pra você ser uma pessoa negra?* Mas achei que poderia ficar mais interessante assim: *Você sempre teve essa noção de que era uma pessoa negra?*

Se sim ou se não, quando foi que isso aconteceu? Como foi pra você perceber isso? E, a partir dessa percepção, como é pra você ser esse sujeito?

Pérola Maria: Pois é, né? Como a gente conversou há uns meses, eu tava refletindo muito sobre isso esses dias. É aquela coisa do “pardo”, sabe? De não se encaixar completamente em nenhum lugar: claro demais pra ser considerado negro, escuro demais pra ser visto como branco.

E isso acaba seguindo um padrão de invalidação, né? Você só percebe que é realmente uma pessoa negra em alguns ambientes específicos, ou quando algo acontece com você e dá aquele *start*, tipo: *Caramba, eu tô aqui, mas não é que eu me sinta em casa... na verdade, é que eu realmente não me sinto em casa.* É viver uma situação que não condiz, que te desloca.

Não é nem que, em momentos específicos, eu me sinta negra, sabe? Eu me identifico como negra, isso eu já te falei. Mas existem momentos em que você é invalidada, quando as pessoas não te enxergam como negra. E, por outro lado, tem momentos em que você tá ali, vivendo, sendo vista e tratada como uma pessoa negra.

Enfim, acho que já tô fugindo da pergunta, né? Que era tipo assim...

João: Não, tá não, relaxa.

Pérola Maria: Então, acho que demorei bastante pra ter esse *start*. Foi só depois que entrei na UFBA¹⁷ que comecei a me enxergar realmente como uma pessoa negra. Antes disso, por mais que eu já estudasse bastante sobre sociologia, questões raciais e tudo mais, ainda não tinha essa clareza, sabe?

¹⁷ A Pérola Maria real é uma estudante de Farmácia da UFBA - Campus Anísio Teixeira.

Quando entrei na UFBA, foi que aprendi mais sobre o assunto, e isso me abriu um espaço pra entender como me identificar, como me reconhecer nesse contexto maior, perante a sociedade. Foi aí que consegui, sabe?

João: Conviver com pessoas múltiplas também, né? Faz diferença.

Pérola Maria: Sim, com certeza. Aí eu consegui realmente dizer: *"Não, eu sou isso, e ninguém vai tirar isso de mim."* Me identifico dessa forma, sabe? Por mais que ainda hoje as pessoas tentem me invalidar bastante.

João: Eu, quando comecei a me identificar e a me afirmar como uma pessoa negra, acho que foi bem recente, uns três ou quatro anos atrás. Foi quando eu realmente finquei o pé e disse: *"Eu sou um sujeito negro."*

Antes disso, eu me via muito nesse clichê que você falou: *"Branco demais pra ser preto e preto demais pra ser branco."* Esse lugar de identidade da parditude, sabe? E, por muito tempo, me senti perdido, sem saber onde me encaixava.

Quando comecei a me apropriar desse lugar de identidade, foi um processo importante, mas também complexo. Porque, lógico, tem essa questão da passabilidade social dos pardos, que enfrentam menos opressões diretas do que pessoas negras retintas. Pretos retintos estão em um lugar social muito mais subjugado.

Eu acho que minha percepção começou a mudar mesmo na época do ensino médio. Fiz o ensino médio numa escola particular, era bolsista, mas ainda assim, era uma escola particular. Naquela época, eu não tinha noção nenhuma dessas questões sociais, étnicas ou raciais. Mas eu sofri por isso, mesmo sem ter consciência do que estava acontecendo.

O padrão de vestimenta, cabelo, pele... tudo aquilo que era esperado, eu não me adequava. E, olhando pra trás, percebo que essa falta de encaixe me impactou muito. Principalmente no ensino médio, que é uma época em que nosso corpo tá mudando, nosso pensamento tá se formando, e a forma como a gente age no mundo começa a se transformar.

João: Mas outra coisa que eu queria te perguntar: você acha que se identificou mais com a negritude, com ser negro, quando esteve fora do país? Teve alguma situação que te fez pensar nisso de forma diferente?

Pérola Maria: Ah, velho, isso é óbvio, né? Tipo assim... Acho que nem precisei sair do país pra começar a sentir isso. Já viajei bastante aqui dentro do Brasil e foi antes de ir pra fora que eu senti um impacto muito grande.

Por exemplo, quando fui a Porto Alegre, já me senti deslocada. Nem é pra soar sulistofóbica, sabe? Mas foi a minha primeira experiência de estar em um ambiente que parecia, de verdade, esquisito pra mim. Você percebe que ali tem algo que não bate.

Agora, quando fui pra fora do Brasil, isso ficou ainda mais evidente. Lá fora, você vê milhões de pessoas correndo de um lado pro outro, ocupadas com a vida delas, cada uma na sua correria. Às vezes, elas nem olham na sua cara. Mas, mesmo assim, as indiferenças ainda estão lá, sabe?

E, por incrível que pareça, mesmo naquela correria toda, as pessoas ainda encontram tempo pra fazer ou dizer algo que te ofende, que te coloca pra baixo. Isso foi muito impactante pra mim.

João: Até no olhar, né?

Pérola Maria: É, até na forma de olhar, sabe? Mesmo que tenha aquela ideia de que na Europa as pessoas têm uma visão mais evoluída, mais aberta... Ainda assim, existe muito racismo por lá. E eu senti isso bastante.

Afinal, quem inventou o racismo foram eles, né?

João: Enfim, você já presenciou ou viveu alguma situação de racismo? Se sim, como é que foi isso pra você?

Pérola Maria: Assim, até hoje é como se fosse um trauma, sabe? Não é um trauma que me cause bloqueio ou me impeça de fazer algo, mas é como se eu revivesse aquela situação toda vez que estou em um contexto parecido. É aquele receio que sempre volta, sabe?

João: Entendi. Eu ia perguntar se, por conta das suas características raciais, nos lugares que você frequenta – seja na universidade, numa festa, num bar ou mesmo em viagens –, você já sofreu algum tipo de estresse por isso. Alguma situação que tenha te deixado angustiada ou mexido com você?

Pérola Maria: Você quer que eu conte a situação em si?

João: Se você estiver de boa com isso, claro.

Pérola Maria: Tipo assim, né... Uma das principais situações, que eu sempre lembro e que eu acho que causa esse trauma, foi quando eu fui receber a nota do meu irmão – uma nota de uma empresa mesmo, aqui na minha cidade.

Eu tava indo pra academia, se não me engano, ou tinha acabado de voltar, e sempre que tá muito sol eu uso boné, faz parte do meu estilo. Aí fui lá, como sempre, cobrar o valor e tal. Esse setor administrativo só tem o pessoal do escritório, né?

Quando eu cheguei lá, atravessando o espaço, tinha uma mulher lá dentro que começou a me chamar. Ela perguntou: *"Você ainda tá com cuscuz? Tá vendendo cuscuz?"* E, na hora, eu só olhei, ignorei e segui em frente.

Mas aí veio aquele incômodo. Sabe quando você só processa depois? Na hora, eu já fiquei incomodada, mas só depois que caiu a ficha: *"Por que ela tá achando que eu tenho cara de*

vendedora de cuscuz?"

Não que vender cuscuz seja algo que me incomode ou que eu desvalorize, mas é o estereótipo, entende? Por que ela olhou pra mim e pensou nisso? E, desde então, toda vez que eu desço aquela escadinha pra ir lá de novo, eu lembro. Sempre bate aquele pensamento: *"Será que alguém aqui vai fazer um comentário desse tipo de novo?"*

João: Você falou que ignorou e seguiu em frente, né? Mas depois, pensando melhor, você se sentiu mal? Foi isso?

Pérola Maria: Me senti, sim. Deixa eu terminar só. Eu acho que é aí que entra essa questão de fugir e esquivar, sabe? Porque, ao invés de responder pra ela algo como: *"Não, não vendo cuscuz, tô aqui a trabalho, vim resolver algo"*, eu simplesmente decidi ignorar e ir embora. A ideia de parar, confrontar e resolver aquilo me causava mais incômodo do que só seguir em frente. Então eu preferi evitar.

João: E aí, tipo assim, quando a gente fala em comportamento de esquiva, a gente tá falando justamente de situações como essa. Mas, lógico, não tô dizendo que a culpa é do sujeito.

A culpa não é sua, né? A gente já falou disso antes: quem criou o racismo não foram os negros. Esse alvoroço que a gente escuta frequentemente, de que *"o racismo é problema do negro"*, não faz sentido.

João: E aí, eu queria te perguntar: você chegou a pensar se poderia ter feito algo diferente nessa situação? Sei lá...

Pérola Maria: Olha, nessa situação específica, eu nem pensei em fazer algo diferente, sabe? Porque envolvia o trabalho do meu irmão, uma prestação de serviço, algo que nem é meu diretamente.

Eu pensei: *"Se eu mexer com isso, só vai acabar causando mais problemas."* Então preferi ignorar e deixar quieto mesmo.

Só que teve uma outra situação, que foi na faculdade, e aconteceu algo parecido de novo. Dessa vez, foi bem surpreendente, porque partiu de uma pessoa que teoricamente não era nem colega minha, sabe? Eu tava com um estilo de roupa mais ou menos parecido, com boné também. E aí, essa pessoa virou pra mim e falou: *"Você tá parecendo uma vendedora de banana."* Ou seja, ela partiu do mesmo princípio de me colocar numa posição inferior, simplesmente por causa das minhas características. Atribuindo algo que é comum, sim, mas que carrega um estereótipo.

Se você for olhar, aqui no Brasil, que é um país miscigenado, a maioria das pessoas que vendem banana nas ruas são negras. Então, mesmo sendo uma coisa normal, tem toda uma carga que vem junto, né?

João: A visão que tá no imaginário é essa, né? A de uma pessoa preta, pobre e necessitada.

Pérola Maria: Sim... E, quando ela me falou isso, na hora eu travei. Fiquei muito sem graça, porque todo mundo ao redor começou a rir, sabe? Todo mundo deu risada e ficou brincando com a situação.

Eu só saí de novo, como da outra vez. Mas depois aquilo ficou na minha cabeça, porque foi uma coisa que realmente me incomodou. Me criou um bloqueio com ela.

Aí, dessa vez, eu consegui falar. Falei que não gostei da brincadeira, que aquilo não era legal. Ela ainda insistiu, continuou brincando na sala, mas eu fui clara: *"Eu não tô gostando da brincadeira."*

E foi isso, sabe? Acho que eu consegui rebater porque mexeu comigo de verdade. Era algo que já tinha acontecido antes e tava acontecendo de novo. Fiquei muito triste com aquilo.

Pérola Maria: É, até hoje eu penso nisso, sabe? Tipo, será que eu vou... Não vou de boné, sabe? É como se eu evitasse vestir aquela situação de novo, pra não causar outro desconforto.

João: Entendi, Pérola.

Pérola Maria: Hoje ela até pediu desculpa, e eu perdoei, mas, ainda assim, fica, sabe? É aquela coisa que fica dentro da gente. Espero que tenha melhorado, mas sempre bate aquele medo dela ou de outra pessoa fazer de novo.

João: Mas olha só, você tomou coragem de se impor, né? E é como a gente falou antes, pelo lugar onde você estava, com o pessoal rindo, tudo meio contra você, foi complicado mesmo. Não é fácil, né?

Pérola Maria: Não é mesmo.

João: Mas, como foi pra você depois de ter falado, de ter se imposto? Como você se sentiu?

Pérola Maria: Fiquei pensando se eu tinha me arrependido de ter rebatido, mas depois refleti e pensei: "Não, não me arrependi, não." Muito pelo contrário, sabe? Eu posso não ter recebido a resposta que eu queria, porque a pessoa reagiu de uma forma que eu não esperava. Ela pediu desculpa, falou que ela dizia coisas sem noção, e tal. Mas ela não reconheceu o ato que ela fez, que foi um ato de racismo, sacou? Ela não teve essa consciência. Eu posso me arrepender de não ter explicado melhor, assim, por ter medo de falar, tipo assim...

João: A palavra racismo, né?

Pérola Maria: É, isso. Receio de dizer: "Você está sendo racista." Porque aí vem aquela reação, "Eu? Racista?!" Sabe? Não é medo de falar, mas é aquele receio do confronto. Não sei se você entendeu.

João: Entendi sim. Mas, no fim das contas, você não se arrependeu de ter se posicionado, né?

Pérola Maria: Não, de jeito nenhum. E, olha, não aconteceu de novo. Pelo menos, não com

essa pessoa.

João: E aí, mais uma vez, né? A gente acaba assumindo uma responsabilidade que nem deveria ser nossa. Mas, assim... entende que eu estou falando de uma forma geral, tá? Não estou invalidando o que você passou, porque eu sei que foi difícil e tal.

Mas, pensando nisso, talvez a probabilidade dela repetir isso com outras pessoas seja menor, né? E, de certa forma, isso pode ser algo positivo. Claro, não quero romantizar a situação, porque foi uma merda mesmo.

Ah, aconteceu uma coisa parecida comigo¹⁸, não sei se eu já te contei. Meu pai é branco e minha mãe é preta. Ele fez uma "brincadeira" racista sobre minha mãe. E eu fiquei nesse embate psicológico, sabe? Foi uma merda esse dia.

Fiquei naquele dilema: não falo nada, fico quietinho e acabo me sentindo mal? Ou vou lá e tento dizer alguma coisa? Acabei tentando conversar numa boa, mas aí é aquilo... a pessoa já parte na super defensiva.

Pérola Maria: Sim, sim, eu lembro, você me contou. Uma merda isso.

João: Pois é. Só que aí ele ficou super na defensiva e, véi, foi um quebra-pau. Foi um negócio bizarro, porque, tipo, a forma que ele tava agindo... não sei se ele fez isso conscientemente, sabe? Mas ele tava tentando me colocar num lugar de agressivo, enquanto ele era a vítima.

Isso me deixou ainda mais puto, e eu comecei a reforçar, sem querer, o jeito que ele tava agindo. Foi um caos total. Mas, depois de um tempo, eu conversei com ele, a gente ajustou as coisas, e hoje tá de boa.

Só que fiquei pensando muito nisso, sabe? Porque, apesar de tudo, eu tive essa sensação, meio que... de valor. Uma sensação de que, mesmo no meio da confusão, eu fiz alguma coisa. Uma tentativa de mudança, sabe? E isso, no fim das contas, me trouxe uma sensação boa. E isso sobressaiu os sentimentos negativos.

Acho que essas boas sensações a partir de como você lida com situações assim, tomando uma atitude assertiva, é uma consequência positiva. Me sinto mais seguro para fazer isso novamente caso precise.

João: É curioso, né? Como parece que, em certos momentos, a gente só consegue pegar um fragmentozinho daquilo que a sociedade nos deve, né?

Porque não é fácil, não dá pra dizer que é só chegar e falar. Muitas vezes, o contexto mesmo nos amarra, nos impede. E aí, ouvindo você, eu achei interessante uma coisa que ficou na minha cabeça.

¹⁸ História contada no tópico 6.1 para Fio Jasmim. Eu dialoguei tudo com Pérola Maria, mas para não ficar redundante, optei por omitir essa parte novamente aqui.

Na primeira situação que você falou, era sobre trabalho, né? Algo ligado à estrutura formal, onde a hierarquia é bem clara. Já na segunda, era uma questão social, ali no contexto de amigos, na universidade.

De certa forma, você tava em um espaço de igualdade ali, né? E isso me fez pensar muito sobre o local de poder, essas estruturas de poder que existem, e como elas acabam moldando a nossa capacidade de agir. Porque, dependendo do ambiente, parece que limita nossa liberdade de expressão, nossa chance de questionar as violências que são cometidas contra a gente. É um negócio que me intriga muito, sabe?

Bom, mas continuando...

Você já teve que seguir alguma norma em escola, trabalho, família, centro religioso ou qualquer outro lugar pra se "adequar"? Algo que, além das suas características raciais, te fizesse sentir deslocada?

Pérola: Isso me faz lembrar o que falei antes, sobre o boné. Eu parei de usar, sabe? Mesmo nos lugares onde era permitido. Parece que ficou marcado em mim, aquela sensação de estar fora do lugar.

Isso me lembrou a questão do cabelo, sabe? Desde criança, meu cabelo sempre foi muito cacheado, bem volumoso. Só que, naquela época, não tinha os produtos e recursos que a gente tem hoje. Nada de mil cremes, gelatinas, essas coisas que ajudam. Eu não conseguia lidar com ele. Sempre ia pra escola com o cabelo amarrado, e isso me dava dor de cabeça porque era muito pesado. Chegava em casa e, quando soltava, era um alívio enorme.

João: Nossa, imagino o desconforto.

Pérola: Total. Aí, na adolescência, eu simplesmente não sabia o que fazer com ele. Minhas irmãs já tinham alisado o cabelo, e minha mãe sugeriu que eu fizesse progressiva também. Comecei por volta dos 12 anos, e foi assim até 2019. Durante esse tempo, sabe, eu me sentia meio desconectada do meu cabelo natural.

João: E o que te fez mudar?

Pérola: A pandemia ajudou. Eu decidi deixar o cabelo crescer natural, tirar toda a química. Hoje em dia, ele não é 100% natural, porque eu ainda uso um produto mais leve pra baixar o volume e manter as pontas cacheadas. Mas me sinto muito melhor agora.

João: Massa, Pérola.

Pérola: Sim, total. E outra coisa que mudou tudo foi quando achei uma cabeleireira aqui que é especialista em cabelo cacheado. Ela corta o cabelo seco, o que faz toda a diferença. Porque, né, cabelo cacheado tem um tamanho molhado e outro seco. Antes, eu cortava com quem não entendia disso, e era sempre um desastre. Mas agora, com ela, minha autoestima melhorou

muito.

Ela é tão atenciosa, explica tudo direitinho, e o corte fica perfeito. Hoje, eu me sinto bem com o meu cabelo, e as pessoas elogiam também. Isso me ajuda a me sentir mais confiante, sabe? É um ponto muito importante na minha consciência e identidade.

João: Legal, legal, Pérola.

Vou aproveitar para compartilhar uma coisa rapidinho. Sabe, eu tava lembrando da bell hooks, no livro *Tudo Sobre o Amor*, quando ela fala sobre essa necessidade de uma reforma cultural, de mudança nas percepções sociais. Ela defende que essas transformações são essenciais pra emancipar quem tá preso a certas lógicas opressoras.

Aí, tem uma frase que vi no Twitter uma vez, que mexeu muito comigo: *"Era horrível ser negro na época do Justin Bieber."*

Achei impactante porque junto dessa frase, tinham relatos de várias pessoas dizendo como era terrível ser negro naquela época. Falavam do cabelo, da cor da pele, das piadas e das humilhações na escola. Tipo, "Eu sofria muito e não sei como é que tô aqui hoje."

Isso ficou martelando na minha cabeça: *por que era horrível ser negro em determinadas épocas?* E mais: *o que a gente pode fazer pra amenizar ou transformar essa experiência?*

E aí comecei a refletir sobre alguns eventos culturais recentes que, de certa forma, ajudaram a mudar isso. Claro, sem invalidar toda a luta histórica do movimento negro, que foi e é crucial.

Mas teve, por exemplo, o impacto do filme *Homem-Aranha no Aranhaverso*.

O Miles Morales, sabe? Ele se tornou um dos maiores símbolos da cultura pop mundial. Pensa só: o Homem-Aranha, que é talvez o super-herói mais famoso do planeta, agora era um cara negro. Ele tinha cabelo afro, ouvia rap, usava roupas que dialogavam com a cultura urbana, falava de um jeito que refletia a vivência de milhões de jovens negros.

E o mais louco: o que antes era zombado ou marginalizado, de repente virou admirado. Todo mundo queria ser o Miles Morales, queria se ver nele.

Aí, penso no quanto isso é significativo. Tipo, lembro de histórias da minha mãe e de colegas dela. Como você falou do cabelo, sabe? Minha mãe, por exemplo, acordava mais cedo pra ajeitar o cabelo, passar prancha, queimar a cabeça, tudo pra "ficar apresentável" pro trabalho. Isso era quase um ritual diário, doloroso.

Mas, agora, com essa valorização cultural, tá surgindo um movimento de libertação, né? De aceitação. No Instagram, você vê pessoas celebrando a negritude: o cabelo natural, as roupas, as músicas, a ancestralidade.

Eu acho isso incrível, sabe? Pra mim, essas mudanças vêm do impacto. Quando algo te impacta, te toca de verdade, você muda. E quando essas mudanças se propagam, a sociedade

também muda.

Pérola: Realmente, Cara. Acho que isso tudo que você trouxe é muito verdadeiro. Faz sentido pra mim.

João: Enfim, aqui você já falou um pouquinho, mas se você quiser comentar mais sobre isso...

Você acha que há alguma dificuldade em se posicionar frente a situações de racismo? Se sim, quais?

Pérola: Ah, é basicamente o que eu já tinha comentado, né? O medo... o medo do ambiente, sabe? Ou das pessoas, de como elas vão reagir quando você tenta se posicionar.

Isso pesa muito, né? Principalmente dependendo do lugar em que você está.

Mas lembrei agora de uma situação bem específica. Aconteceu em Porto Alegre, quando a gente foi lá uma vez. No centro da cidade, sabe? A gente era turista, não conhecia nada por lá, e resolvemos tomar um açaí. Fomos eu, minha irmã, minha prima e meu cunhado. Minha prima é branca, mas eu, minha irmã e meu cunhado somos negros. Ele é retinto, tem a pele bem mais escura que a minha.

Lá, o ambiente era muito aquele padrão estereotipado, sabe? Pessoas brancas, loiras, de olhos azuis, aquele clássico do Sul. Então, pedimos nossos açaís. Eu pedi salada de frutas, minha irmã também, e ele pediu um açaí médio. Tomamos tudo, tava tranquilo. Aí, na hora de pagar, começou a confusão.

Meu cunhado chegou no caixa e falou que tinha consumido um açaí médio. A mulher que tava no caixa começou a falar alto, tipo muito alto mesmo, e com uma agressividade absurda: *“Não, tá errado! Você quer pagar menos! Você comeu um açaí grande!”*

A gente ficou completamente sem reação. Como é que a gente ia saber que o açaí que eles entregaram tava errado, se a gente nunca tinha ido lá antes?

E o pior foi a atitude dela, sabe? Em vez de tentar resolver de forma tranquila, ela começou a dar um show. Pegou os dois tamanhos de açaí pra *ensinar* pro meu cunhado, tipo mostrando pra ele na frente de todo mundo. Foi muito humilhante.

João: Nossa, Pérola...

Pérola: Sim. E ele ficou extremamente revoltado. Começou a falar: *“Olha, se eu quisesse comprar dez mil desses açaís, eu comprava! Eu não preciso roubar nada aqui!”*

Mas dava pra ver que ele tava reagindo não só à situação, mas à maneira como foi tratado, sabe? Como se ele fosse alguém que tava ali tentando dar um golpe, como se ele fosse menos. E eu tenho certeza absoluta que ela nunca trataria daquela forma uma pessoa branca, de olhos azuis, bem vestida. Nunca que ela faria aquele show todo com a família de brancos que tava

atrás da gente na fila.

João: E o que vocês fizeram depois?

Pérola: Pagamos, saímos de lá. Ele tava morrendo de raiva. Falou na hora: *“Nunca mais volto nessa cidade.”* E é isso, sabe? Não era só sobre o erro do pedido. Era o tratamento, era o preconceito escancarado na forma como ela reagiu.

João: E é isso, é complicado... Tipo, que nem você falou, ele se impôs, reagiu, mas ainda assim sofreu tudo, pô.

Pérola: Pois é. E ele nem reagiu de uma forma, assim...

João: Não, claro, ele tava no direito dele.

Pérola: Sim, totalmente. Mas o que pesou foi a forma como ela tratou, sabe? Aquele jeito agressivo, como se ele estivesse errado só por existir ali. Depois, quando fomos pra casa, eu e ele conversamos muito sobre isso. E, tipo, ficou claro pra gente que aquela família branca que tava atrás da gente na fila, nunca seria tratada daquela forma. Nunca mesmo.

João: E aí você percebe como o racismo é brutal, né? Tipo, ele tava completamente certo em reagir, mas na cabeça daquela mulher, que já tava sendo racista, a reação dele só reforçou o que ela já pensava: *“Ah, tá vendo? Ele é agressivo, ele é o errado.”*

E se fosse uma pessoa branca no lugar dele, ela iria acreditar de imediato, nem ia questionar nada.

Pérola: Exatamente. Nem ia mostrar aquele asco, nem tentar punir. Na verdade, ela iria duvidar dela mesma: *“Ah, me desculpa, foi erro meu.”* Mas com a gente é sempre o contrário, né?

João: É... Que situação de merda, velho.

Pérola: Total. É desgastante demais.

João: Continuando, a próxima pergunta é: o que você acha que poderia ser feito para auxiliar a população que sofre racismo? Você pensa em algo? Pode ser o mais utópico possível, sabe? Ficção à vontade, sem problema.

Pérola: Ai, véi... Fazer uma lavagem cerebral, tipo aquele filme *Corra!*, só que ao contrário, haha. Tô brincando, hein!

Mas, sério, eu acho que... Por mais que já se fale muito disso, eu sinto que é algo que precisava ser mais difundido, sabe? Falar sobre racismo em sala de aula, por exemplo.

João: Uhum, total.

Pérola: Lá na UFBA tem bastante disso, sabe? Tem palestras, reuniões, mesas redondas. Só que, tipo, tudo é muito opcional. E não que eu ache que deveria obrigar as pessoas a aprenderem sobre racismo, mas, véi, precisava ser algo mais institucionalizado, entende? Uma

coisa que a pessoa *precise* passar, que ela tenha que aprender de alguma forma, sabe?

João: Sim, tipo algo que faça parte da formação mesmo, né?

Pérola: Exato. Porque, assim, tem gente que nunca vai ter o interesse por conta própria. Tipo, eu já participei de várias palestras porque eu *quero* aprender, porque eu tenho interesse, mas tem pessoas que nunca vão buscar isso, nunca vão querer saber.

E aí, né, tem aquele papo de: "Ah, ninguém tem que ensinar nada a ninguém. A internet tá aí, é só procurar." Mas, na real, isso não funciona pra todo mundo.

João: Uhum.

Pérola: E eu fico pensando... Sabe aquelas situações que eu te contei? Elas poderiam ser evitadas, ou pelo menos reduzidas, se mais gente tivesse esse aprendizado. Principalmente quando a gente pensa em pessoas pretas retintas, que sofrem ainda mais, né?

João: Sim, sim.

Pérola: Então, tipo, não seria algo obrigatório, mas algo que fosse naturalizado, sabe? Que estivesse no dia a dia da educação. Como se fosse... Ai, não sei a palavra certa, mas algo essencial, entende?

João: É numa forma passiva, sabe? Normativa. Porque, assim, você disse que ninguém pode obrigar ninguém a aprender nada, mas, pensa comigo, quando a gente tá desde pequenininho na escola, a gente é *obrigado* a aprender muita coisa, né? Então, por que não incluir algo tão relevante e importante quanto isso?

Pérola: É, faz muito sentido mesmo.

João: Eu acho que isso faz parte da construção, sabe? De um cidadão, de um profissional, de tudo.

E aí, aproveitando o que você falou, quero comentar duas coisas aqui. Primeiro, tem um fenômeno engraçado que eu notei. Quando a gente vê uma palestra ou algo na universidade, seja na UNEX, na UFBA ou na UESB, sobre pautas éticas e raciais, é sempre muito legal.

Só que uma coisa que percebi é que a maioria das pessoas que tá lá são negras. Quase não tem pessoas brancas, sabe?

Pérola: Nossa, verdade, velho.

João: Isso é uma questão que precisa ser trabalhada, né? Por que essas pessoas brancas estão se afastando de algo que, na verdade, seria um ótimo momento pra elas também?

E aí, trazendo aqui a Cida Bento, no *Pacto da Branquitude*, ela fala sobre isso. Tem uma parte em que ela comenta sobre o movimento *Black Lives Matter*, né? E muita gente, principalmente pessoas brancas, criticam e dizem: "Ah, mas não são só as vidas pretas que importam, todas as vidas importam."

Pérola: É sempre esse discurso, né?

João: Pois é. E aí, ela explica, lógico que todas as vidas importam, mas o ponto é que existe toda uma construção social, histórica e cultural que coloca as pessoas negras à margem, entende?

E, a partir disso, ela reforça a importância de ter pessoas brancas como aliados nessa luta. Porque, infelizmente, são essas pessoas que acabam tendo mais espaço para serem ouvidas.

Pérola: Sim, infelizmente é isso, né?

João: Exato. E, por mais triste que seja, é a realidade com a qual precisamos trabalhar.

Então, isso me faz pensar... Por que essas pessoas se afastam tanto desses espaços? Será que é por algo pessoal? É medo? É falta de interesse? Enfim, são coisas que eu fico refletindo.

Enfim. E outra coisa que eu ia falar, acabei esquecendo. Enfim, eu ia falar disso que a gente já conversou antes.

Que a gente já aprende, já é obrigado a aprender um monte de coisas na escola, né?

Por que não incluir algo assim, que é tão relevante?

Um dos estudos da Táhcita Mizael,¹⁹ numa palestra que eu assisti, ela comentou sobre um projeto dela com crianças de 6 a 10 anos. Ela usou um conceito da Análise do Comportamento chamado equivalência de estímulos, e era tipo uma atividadezinha interativa, sabe? De cliques. E no final, o resultado foi que, de 10 crianças, 8 já não apresentavam mais associações racistas. Isso me fez pensar: imagina se tivesse um programa de política pública pra levar isso pras escolas, sabe? Tipo, pras escolas primárias.

Eu acho que teria um impacto enorme, não só para as crianças, mas para toda a sociedade.

Pérola Maria: Verdade, seria bem legal.

João: Tava pensando em algumas perguntas baseadas em microagressões, vou falar a micro agressão depois a pergunta, ok?

Pérola: Beleza.

João: Baseado na categoria, não ser um cidadão real. Já passou por alguma situação em que se sentiu questionado ou tratado como não pertencente ao país ou a sociedade por causa da sua cor de pele?

Pérola: Já senti, sim, essa sensação de não pertencer. É estranho, sabe? Como se eu até dissesse pra mim mesma: *"Eu estou aqui, então eu pertencço."* Mas lá no fundo, bate uma tristeza. Porque, por mais que eu esteja ali, fico pensando: *"Quanto eu precisei lutar, quanto esforço precisei fazer pra chegar até aqui."* E aí olho ao redor e vejo pessoas que estão ali de

¹⁹ Parte citada com mais detalhes no tópico anterior (6.1 Fio Jasmim), por isso optei omitir pormenores da história aqui.

forma tão tranquila, como se fosse natural pra elas, enquanto pra mim é quase uma batalha. Sempre penso nisso, principalmente quando estou na universidade pública. Eu venho de um lugar que, estatisticamente, nem deveria estar ali, sabe?

E não é porque eu não mereço, mas porque as condições nunca foram feitas pra favorecer pessoas como eu. Eu sou a primeira da minha família a entrar na universidade, e logo numa universidade pública. É muita coisa.

E é ainda mais forte quando penso nas viagens que fiz. Lembro de quando estive em Roma. Olhava ao redor e pensava: “Pra eu estar aqui, minha família teve que lutar tanto, fazer tantos sacrifícios. E para essas pessoas, parece que estar aqui não significa nada.”

Aí me lembra aquela música do Djonga, “CORRA”. Ele diz: *“Pra eles nota seis é muito, pra nós nota dez ainda é pouco. Pros meus qualquer grana é o mundo, pros deles qualquer grana é troco.”*²⁰

E é isso! Essa música resume bem. Estar ali era meu tudo, mas pra eles não significava nada. Esse contraste é tão absurdo que faz a gente refletir sobre as desigualdades que nos atravessam.

João: Só pra complementar aqui, e obrigado por ter compartilhado isso comigo, Pérola. Gostei muito da referência do Djonga, e, enquanto você falava, eu lembrei de uma situação de quando eu trabalhava na sorveteria num sítio gastronômico frequentado pela classe média alta. Sabe, a gente vai meio que se dessensibilizando com o tempo, convivendo, mas ainda assim, nunca deixa de chocar.

Lá, às vezes, tinha mesa gastando 600, 800 reais só de sorvete. Eu ficava pensando: *“Velho, que porra é essa? Por que que eu tô aqui? Nossa, eu tô aqui, sabe?”* Era uma coisa absurda. E tipo, eu era trabalhador, lógico, e eu era constantemente lembrado do meu lugar lá, sabe?

Tanto que eu só fui como consumidor nesse espaço gastronômico renomado uma única vez. Fui comemorar aniversário de namoro. Lembro que pagamos, tipo, 100 reais numa garrafa de 200 ml de vinho. Cara, o atendimento era totalmente diferente. O garçom olhava pra gente com aquela cara de *“pô, esses aí são pobres, nem sabem o que tão fazendo aqui.”* Eu e minha namorada até rimos depois disso, porque, sabe, a gente tava pagando 100 reais numa garrafa minúscula enquanto as garrafas “padrão” custavam 500 reais, ou mais. Tinha garrafa lá de 2 mil reais!

No momento, a gente se sentiu bem, porque o objetivo era comemorar, né? O sentido atribuído era nosso aniversário. Mas depois... depois a gente fica refletindo sobre essas coisas.

²⁰ Música CORRA do Rapper Djonga, presente no álbum “O Menino Que Queria Ser Deus”. Belo Horizonte (2018).

Pensando no quão distante esse tipo de consumo é da nossa realidade. Lá na sorveteria, 50 ml de sorvete custava 15 reais, e o pessoal comprava sem nem piscar. É foda, né?

Pérola: É...

João: Próxima então. Categoria: suposições sobre inteligência, competência ou status. Já aconteceu de alguém fazer suposições sobre sua inteligência ou competência com base na sua aparência? E como você lidou com isso?

Pérola: Assim... Não tem uma situação super específica que eu lembre agora, sabe? Mas... Eu tenho certeza que as pessoas fazem isso, sim. Sempre rola, né? Especialmente quando você está em lugares como a universidade pública.

Ah, lembrei de um rolê que aconteceu comigo na faculdade, numa disciplina de farmácia. Tinha essa garota, branca, estudou em escola particular a vida toda, e ela era monitora da matéria. O professor passou um estudo de caso pra gente sugerir medicamentos pra tratar o que o paciente estava passando. Se eu não me engano, era uma inflamação, e tinha um antidepressivo que também podia ser usado pra esse tipo de inflamação. Eu sugeri, explicando o porquê.

Aí, pra minha surpresa, essa menina apagou minha atividade do portal duas vezes! No início, eu até pensei que fosse erro, mas depois ela me mandou mensagem, super ríspida, dizendo que eu estava errada. Mesmo depois de eu explicar direitinho o motivo da minha sugestão, ela não acreditou.

Sabe quando você tem certeza de que tá certa, mas ninguém leva a sério porque não te enxergam como alguém competente? Só fui validada quando a gente estava na presença do professor, e ele confirmou que o que eu tinha sugerido estava certo.

Dentro da universidade, essas coisas acontecem o tempo todo, sabe? É cansativo, porque parece que a gente sempre tem que provar o nosso valor.

Esses dias tava comentando isso com alguém, acho que uma amiga minha da UESB, não lembro direito. Lá na UFBA tem um menino que é bem conhecido, tá ligado? Ele faz Medicina. Esses dias ele postou: *"Treinando em horário de herdeiro"*. E o cara é filho de deputado, sabe? Tipo, ele fez isso no tom de deboche, mas o deboche é a realidade dele: ele é herdeiro.

E eu tava refletindo sobre isso, porque o tratamento que algumas pessoas recebem é muito diferente. Tem um professor meu, o Valério, que sempre pergunta coisas do tipo: *"Ah, você veio de escola pública? Escola particular? Como foi seu ensino médio?"* E aí ele solta umas coisas do tipo: *"Vocês devem lembrar disso aqui do ensino médio, né?"* Só que, velho, pra quem veio de uma escola pública, isso muitas vezes não bate.

Tipo eu, que nem tive professor de Química no ensino médio. Era aquele caos, a gente mal tinha aula de algumas matérias. E aí, quando um professor solta uma dessas, dá aquela sensação de que ele tá falando pra um público específico, como se a sala inteira tivesse tido o mesmo privilégio de um ensino estruturado. É desconfortável, sabe? Parece que já exclui você ali, sem nem querer.

João: Isso me lembrou de quando eu tava na UFBA, em 2019. Fiz dois semestres de Biologia lá antes de mudar de curso. Tinha um professor, o Leonardo, que dava aula de teoria da evolução, e ele era... complicado. Foi numa aula sobre Darwinismo, seleção natural e tal, aquelas coisas que a gente vê no ensino médio.

Tinha um colega na sala, o Carlos, que era da zona rural de Conquista, bem humilde, sabe? E ele fez uma pergunta que, pra ele, fazia sentido, mas que o professor considerou "básica" demais. E aí Leonardo respondeu de um jeito que me marcou: *"Ah, se você não sabe disso, nem deveria estar aqui. Não sei o que você está fazendo nessa aula."*

Aquilo criou um mal-estar tão grande, sabe? Ninguém disse nada. Eu fiquei com tanta raiva e me senti tão mal por ele, porque dava pra ver que o Carlos ficou arrasado. Aquele momento foi uma das coisas que me fez querer sair da UFBA. Era como se ele estivesse julgando o Carlos só pela aparência, pela origem dele. Mesmo que a pergunta fosse simples, o professor não precisava tratar ele assim. Isso ficou comigo até hoje.

Enfim, bora lá. É, vamos para as últimas duas.

Essa aqui é uma pergunta que eu gosto porque parece ser uma experiência coletiva para sujeitos negros. Baseado na classe categorização racial:

Já aconteceu de você se sentir pressionada a agir de uma forma específica só porque esperavam isso de você por ser negra?

Tipo, pedirem para você sambar, dançar, ou te tratarem com um estereótipo, falando gírias com você, esperando que você responda da mesma forma? Ou algo assim?

Pérola: Ah, é o que mais acontece, especialmente sendo brasileira, né, digo, tanto fora do Brasil quanto aqui mesmo. É algo muito comum, ainda mais sendo mulher. Mulher negra, então, é pior ainda. Sempre tem essa coisa de objetificar, sabe?

Tipo, as pessoas me chamam de *"essa morena"*, como se fosse só isso que importasse. Aí vem aquela sexualização absurda, sabe? Aquele expectativa de que eu corresponda a esse fetiche que criaram. E é tão normalizado que, às vezes, falam de um jeito "despretensioso", mas você sente o peso disso. Tipo: *"Ah, essa morena gostosa, cheia de charme..."* Como se fosse um elogio, mas na real só me coloca num lugar super desconfortável.

E isso não é uma vez ou outra, sabe? É corriqueiro. Já saturei disso, sinceramente.

João: Comigo, obviamente, pra dançar não pedem. Mas tem essas situações... Por exemplo, depois que coloquei trança pela primeira vez, percebi essas coisas de uma forma muito mais intensa. As pessoas começaram a me enxergar “mais negro”. Escutei várias vezes: *"Ah, agora é negão do Olodum mesmo"*, *"Agora você é negro de verdade."*

E aí, junto com isso, vinha uma mudança no jeito que as pessoas me tratavam, sabe? Como se esperassem um comportamento diferente de mim, como se eu precisasse agir de um jeito específico só porque tava com o cabelo assim.

Pérola: Nossa, isso é tão real. É como se a gente estivesse sempre numa vitrine, sabe? O cabelo, as roupas, as palavras... Tudo vira um código que as pessoas tentam decifrar errado, né?

João: Sim, a forma como as pessoas me tratavam mudou, e aí como muda essa forma de tratamento, parece que parte de um pressuposto de que eu preciso performar de uma forma diferente também, para ser aquilo que eu tô “demonstrando” ser.

João: Eu lembro de uma situação que me marcou muito. Eu comprava pão sempre na mesma padaria, todo dia, tranquilo, já conhecia o lugar, sabe? E lá tem uns policiais, a guarda municipal, que tomam café lá também.

Aí, depois que coloquei trança, fui lá com uma camisa do Vasco, de chinelo... Cara, eu lembro do jeito que eles me encararam, pô, um olhar tão duro, tão incisivo.

E é bizarro, porque antes disso, quando eu tava lá com o cabelo cortado ou com uma roupa mais “adequada”, isso nunca aconteceu. Nunca me olhavam daquele jeito.

E aí você percebe como essas coisas criam um cerco em volta da gente, né? Como se a gente tivesse que ser aquilo que “aparenta” ser nesse ideal estereotipado que eles têm.

É... Já aconteceu contigo, assim, de alguém vir com esses comentários pra tentar minimizar o impacto do racismo? Tipo dizer que “isso não existe” ou que é “mimimi”? Se sim, como você lida com isso, seja em rede social ou pessoalmente?

Pérola: Ah, já, sim, tanto em rede social quanto pessoalmente. Mas pessoalmente pega mais, sabe? Principalmente quando vem de alguém que tá no meu convívio, um colega, um amigo, alguém com quem eu tenho certa intimidade.

Por exemplo, aconteceu recentemente no meu estágio na farmácia. Eu tava com uns colegas, que eu até fiz uma amizade bacana, né, e a gente começou a falar sobre cor, raça e identidade. Aí eu disse que me identificava como uma pessoa negra.

E na hora eles riram, falaram tipo: *“Que nada, tu é branca!”* E aquilo me deixou desconfortável, mas eu pensei, *“Não, deixa eu tentar explicar isso aqui.”* Comecei a falar sobre colorismo, negritude, sobre como essa questão vai muito além da cor da pele visível.

Expliquei que minha identificação não era só sobre aparência, mas sobre vivência, sobre o que eu enfrento como pessoa negra. Só que, no final, um deles soltou um: *“Ah, isso aí não existe, não.”*

Dá um nervoso, sabe? Mas, como eram pessoas mais abertas, meio que estavam levando na brincadeira, eu vi que ali tinha uma oportunidade de plantar uma sementinha. Respirei fundo e falei, tentando não parecer brava, mas firme, *“Olha, esse pensamento não é legal. Vocês podem não perceber agora, mas ele reforça coisas que não são verdade.”*

E é isso, sabe? Quando sinto que tem espaço, tento explicar. Nem sempre é fácil, nem sempre eles absorvem de cara, mas eu gosto de acreditar que, lá no fundo, eles vão refletir depois.

João: É isso, Pérola, acabaram as perguntas. Só quero agradecer agora e finalizar. Você acha que está de boa? Tem mais alguma coisa que você gostaria de compartilhar ou que acha importante? Se não, tudo bem também?

Pérola: Acho que consegui falar sobre tudo que imaginei. Foi bem gratificante... tô satisfeita.

João: Então é isso, véi. Eu agradeço você de verdade mesmo, brigadão por esse tempo que você compartilhou aqui. A gente ficou matutando isso um tempão, e obrigado por estar disponibilizando seu tempo aqui. Sei que você é correria, tá trabalhando, estudando, mas valeu muito por compartilhar essas experiências, essas reflexões.

Os dois se levantaram, João recolheu os papéis da mesa enquanto Pérola guardava o celular e ajeitava a bolsa no ombro. O café já estava mais vazio, o barulho de xícaras e conversas abafadas preenchia o ambiente.

João: Você quer que eu te acompanhe até o ponto? Tá tarde já.

Pérola: Não, tranquilo. Eu tô de carro hoje. Mas obrigada, viu?

Eles caminharam juntos até a saída. Pérola parou por um momento na porta, ajeitou o cabelo com as mãos, olhou para João e sorriu.

Pérola: Você tá fazendo uma parada muito legal, João. De verdade, me fez pensar em várias coisas enquanto a gente conversava. Continua nisso, porque é importante, viu?

João: Valeu, Pérola. Você também, pô. Essa troca aqui foi muito massa pra mim. Até mais do que eu esperava.

Ela acenou e seguiu em direção ao carro, os passos leves mas carregados de pensamento. João

ficou na porta por um instante, observando-a entrar e dar partida, antes de soltar um suspiro, ajeitar os papéis na mochila e seguir seu caminho.

6.3 ELEONORA DE SÁ

Era uma tarde serena, com o sol tingindo o céu de tons dourados e laranjas. O pequeno café, escondido numa esquina arborizada, estava em seu movimento usual, com clientes em conversas baixas e o som ocasional de xícaras tilintando nos pires. João chegou primeiro, como de costume, escolhendo uma mesa próxima à janela, onde a luz batia suavemente. Ele ajeitou o caderno sobre a mesa, conferiu as perguntas e tomou um gole de café sem açúcar.

Pouco depois, Eleonora de Sá atravessou a porta. Sua presença era marcante: vestia uma camisa estampada em tons vibrantes, que combinava com a bandana azul que envolvia seus cachos volumosos. Eleonora carregava consigo uma energia que parecia iluminar ainda mais o ambiente. Quando avistou João, abriu um sorriso caloroso e caminhou em sua direção.

— Ei, João! — disse ela, abraçando-o com familiaridade. — Desculpa o atraso. Você sabe como é o trânsito nessa cidade, né?

— Tranquilo, Eleonora. Eu que agradeço por você estar aqui. Sei que sua agenda tá corrida — respondeu ele, puxando a cadeira para que ela se sentasse.

Ela se acomodou, colocou sua bolsa ao lado e olhou ao redor, observando os detalhes do lugar.

— Gosto daqui. Tem uma vibe acolhedora — comentou, enquanto o garçom trazia o cardápio. João sorriu, ajeitando os óculos.

— Achei que você ia gostar. Escolhi esse lugar porque tem algo de familiar. Parece que o tempo desacelera aqui, né?

— É verdade. E, olha, combina com o que a gente vai conversar. Falar de memória, de experiência, tem que ser num lugar assim.

João assentiu, sentindo a conexão imediata que sempre buscava estabelecer nas conversas.

— Exatamente. E, antes de mais nada, obrigado por topar. Como te falei, a ideia aqui é bem simples, mas poderosa: a gente dialoga, troca, constrói. Quero ouvir suas histórias, suas reflexões, e também quero compartilhar as minhas.

— Tô pronta, João. Vamos nessa — respondeu Eleonora, enquanto colocava açúcar em seu café.

João ajeitou o caderno no colo e, com um olhar atento, começou:

— Então, Eleonora, me fala uma coisa...

João: Você sempre soube que era negra? Ou teve algum momento específico que fez você perceber isso com mais clareza?

Eleonora: Eu acho que, assim, eu sempre tive essa leitura de mim mesma como uma pessoa preta, a vida toda, sabe? Acho que pela minha família, pelo contato que eu sempre tive com aspectos culturais e religiosos lá de casa, principalmente por viver em Salvador. Desde cedo, tive esse vínculo com uma ancestralidade que vinha dos costumes da minha família. Então, nunca me vi de outra forma.

Claro, isso não quer dizer que todos sempre tiveram a mesma leitura sobre mim. Minha mãe é branca, então algumas pessoas, às vezes, não me enxergavam como preta. Mas, dentro de mim, essa consciência sempre existiu.

Durante boa parte da minha infância e adolescência, porém, eu me encaixei em padrões que não refletiam completamente quem eu sou enquanto mulher preta. Mas acho que um momento marcante foi quando fiz minha transição capilar. Quando deixei meu cabelo natural, quando vi meu afro, quando comecei a usar produtos para cuidar do meu cabelo, eu me senti verdadeiramente preta. Foi um processo de resgate, sabe?

E também acho que essa clareza veio muito porque eu sempre estive em espaços majoritariamente brancos. Estudei em colégios particulares, como bolsista, e geralmente era uma das pouquíssimas pretas da turma. Essa diferença, essa percepção de quem eu era, sempre foi muito clara pra mim no meu dia a dia, na minha rotina.

João: Primeiro, é muito legal que você sempre teve essa consciência. Acho que isso é algo realmente importante. Mas comigo foi bem diferente. Eu só fui desenvolver uma consciência racial, étnico-racial, depois que terminei o ensino médio.

Na verdade, o ensino médio foi o apogeu das coisas ruins que eu passei sem nem entender o que estava acontecendo. Minha mãe é negra, meu pai é branco, e eu não tinha a menor noção do que significava ser pardo ou negro. Não que eu me veja como retinto, porque não sou. Meus traços fenotípicos são mais claros, mas a pele não é branca.

E eu também queria comentar que não te vejo como parda. Pra mim, você é uma pessoa negra, preta mesmo. Isso não é só pelo fenótipo, pelos traços, mas também pela sua etnia, pela forma como sua identidade cultural se expressa.

Eleonora: A minha certidão tá que eu sou parda. Rola esse babado aí.

João: E tem essa questão, né? No imaginário social brasileiro, tem muita gente que se identifica como “parda”, mas que, na verdade, é preto. Isso acontece porque existe um

estigma muito forte associado ao sujeito negro. E aí, dizer que é pardo parece, de certa forma, aproximar essa pessoa de uma branquitude — claro, isso tudo entre aspas. É como se o “pardo” fosse um “menos negro”, sabe?

Eleonora: Exatamente.

João: E muita gente fala disso de uma forma radical, né? Mas eu consigo entender quando esse discurso vem da boca de um sujeito preto. Dá pra perceber que isso realmente pode acontecer, porque é muito fácil no Brasil essa segregação racial se manter viva, sabe?

Mas, ao mesmo tempo, esse lugar do “pardo” também acaba sendo um espaço para a construção de identidade. Mesmo assim, tem gente ignorante ou mal-intencionada que usa essa identificação de forma prejudicial — como quem tenta burlar cotas, por exemplo. E isso atrapalha demais toda uma luta, toda uma história que vem sendo construída.

João: E aí, sabe, quando consegui me encontrar nesse lugar, me ver ali de verdade, perceber que tinha outras pessoas parecidas comigo, isso mudou muita coisa. Por exemplo, poder me comunicar com você, com o Jasmim, com a Pérola, com todo mundo. Hoje em dia eu tenho essa consciência, e isso me deixa muito feliz.

Enfim, fico contente porque agora eu consigo conversar, dialogar e trocar ideias. Ontem mesmo fui na casa da avó da minha namorada. Ela é uma mulher negra, sabe? Aí ela viu meu cabelo grande, cacheado, volumoso, e comentou: “Ah, cadê as tranças? Tava bonito com as tranças.” Eu respondi: “Pois é, vó, tenho que botar mesmo, mas é caro. No final do ano, eu coloco.”

Aí ela falou: “Seu cabelo tá legal assim, mas queria que o meu ficasse assim. Não dá mais. Meu cabelo era assim... ruim, igual ao seu.” E sabe, é uma coisa que tá tão institucionalizada, tão enraizada, que ela falou como se fosse um elogio, entende?

Mas eu respondi na hora: “Não, vó, meu cabelo não é ruim, não. Nosso cabelo é bonito. É crespo, cacheado, é massa.”

Mas enfim, sabe, poder refletir e agir faz toda a diferença. Se fosse anos atrás, antes de eu ter essa consciência, uma coisa dessas poderia me abalar muito. Eu provavelmente ia concordar, ficar remoendo aquilo. E, a longo prazo, talvez fosse acabar raspando a cabeça de novo, sabe? Ou viveria de boné.

Aliás, usar boné era uma coisa que eu fazia muito até uns cinco anos atrás. Hoje em dia, meu cabelo tá tão grande que já nem dá mais — incomoda demais com o boné, haha.

Agora, pulando, né? Você já presenciou ou viveu uma situação de racismo? Se sim, como foi para você?

Eleonora: Rapaz, acho que nunca tive uma experiência direta que pudesse ser claramente definida como racismo, sabe? Mas já sofri várias microagressões, que são caminhos do racismo. Principalmente coisas relacionadas ao meu cabelo. Comentários, brincadeiras... acho que esse foi um dos maiores problemas pra mim.

Lembro de coisas como jogarem uma moeda e desaparecer. Comentários, até de pessoas que hoje são próximas, sobre esconder coisas no meu cabelo porque ele é volumoso. Diziam que era fácil esconder algo ali, que parecia um arbusto, uma coisa enorme.

Mas preconceito especificamente pela cor da minha pele, acho que nunca vivi. Me considero até muito privilegiada, porque a maioria dos ambientes em que estive e das pessoas com quem convivi nunca me colocaram cara a cara com esse tipo de situação. Nunca precisei refletir e pensar: *“Cara, eu sofri racismo e isso está atrapalhando meu dia, minha vida.”*

Agora, o que me preocupa muito é o meu irmão. Ele é retinto, tem a pele mais escura que a minha, e eu sinto medo por ele quando sai na rua. Eu não sei o que pode acontecer.

Acho que, se fosse comigo, talvez eu conseguisse lidar melhor. Mas isso é fácil de dizer porque nunca vivi. Não sei como seria de verdade. Só sei que, se algo acontecesse com ele, eu não sei como reagiria. Acho que seria muito mais difícil lidar com isso do que se fosse comigo mesma.

Eleonora: De maneira totalmente diferente, totalmente.

João: Parecia que você era mais negra por causa disso?

Eleonora: Parecia, sim. Parecia que eu era mais preta, e, curiosamente, parecia que eu era mais bonita também, como se meu rosto tivesse mudado completamente. Inclusive, recebo muitos elogios sobre meu cabelo, mas sei que, quando estou de trança, é algo "excepcional". As pessoas elogiam muito mais do que quando estou com meu cabelo natural. E isso é algo que nem acontecia quando eu alisava o cabelo.

Eu alisava principalmente por conta da pressão social. Era mais fácil ter o cabelo liso, sabe? Mais prático para ir à escola, não dava tanto trabalho. Minha mãe tem cabelo cacheado, mas é branca e nunca soube lidar com o meu cabelo, desembaraçar do jeito certo. Lembro que, quando eu era criança, o dia de lavar a cabeça e refazer minhas tranças era um sofrimento psicológico pra mim.

Minha mãe comenta até hoje que eu gritava e esperneava, porque odiava o processo. Usavam pente no meu cabelo e era super doloroso. Acho que foi na segunda série que comecei a fazer progressiva. Eu preferia passar horas com o formol da progressiva ardendo os olhos e tudo mais, só para ter um mês de cabelo liso. Era mais fácil do que lidar com meu cabelo cacheado.

Depois, comecei a usar tranças. Acho que foi em 2016, quando decidi parar com a progressiva. E isso foi mais uma necessidade do que escolha, porque a progressiva é muito cara. Em 2017, cansei de usar tranças todo o tempo, mas foi o início da minha transição capilar.

Eleonora: Eu comecei a usar tranças lá por 2015, 2016, quando parei de alisar o cabelo. Aí, em 2017, decidi cortar tudo que ainda tinha de liso. Raspar mesmo, sabe? Mas, nossa, foi difícil. Passei pelo menos uns seis meses tentando me readaptar à minha imagem, porque eu não me reconhecia.

Eu me achava estranha. Tentava fazer um "dedo liso" esquisito, não sabia como cuidar do cabelo. E todo mundo ao redor dizia: *"Ah, tá lindinha, tá fofinha."* Mas eu já era adulta, né? Não queria ser chamada de "lindinha" ou "fofinha". Era como se eu estivesse fora do meu lugar, sem saber o que fazer ou como me sentir.

Durante a transição, segui um ciclo de usar tranças por três meses, tirar, e colocar de novo. Fiquei pelo menos um ano inteiro só com tranças, sem deixar meu cabelo "respirar". Até que, em 2017, eu simplesmente cansei. Não dava mais pra mim. Cortei tudo e comecei a usar o cabelo como ele realmente era.

Mas, sendo bem sincera, acho que só comecei a usar meu cabelo de verdade lá por 2019. Foi quando aprendi a cuidar dele, a arrumar de um jeito que me deixava confortável. Parece loucura, né? Mas foi um longo processo até me encontrar assim.

João: É um processo, né? Quando a gente para pra pensar, percebe que leva um tempão pra essas coisas se assentarem na gente. Só pra compor o que você falou sobre o cabelo, eu lembro que quando botei trança, senti que as pessoas começaram a agir de forma diferente comigo, como se eu fosse "mais negro".

Agora, sobre o que você falou do seu irmão, essa preocupação que você sente com ele, às vezes maior do que consigo mesma, fiquei pensando... E uma coisa me veio à cabeça: você acha que tem um recorte de gênero aí?

Eleonora: Com certeza. Inclusive, comentei isso hoje no trabalho. Na minha vida toda, eu nunca tomei um "baculejo". Nunca.

Já vi acontecer com várias pessoas ao meu redor, até com pessoas brancas que andam comigo. Mas comigo? Nunca. E eu não sei dizer se é algo que vem da energia que eu passo, da forma como eu me coloco na rua ou até dos anos de colégio militar, que talvez tenham me ensinado a me portar de uma forma específica pra evitar esse tipo de situação.

Mas com o meu irmão, foi completamente diferente. Uns três anos atrás, aqui mesmo na esquina de casa, ele e meu outro irmão, junto com um amigo, foram parados pela polícia. Eles

estavam simplesmente voltando pra casa, três adolescentes, e a polícia já abordou pra perguntar se eles estavam com algo.

Isso nunca aconteceu comigo. Nunca fez parte da minha realidade. E eu sei que, sendo um homem preto, o jeito como o mundo olha pra ele é completamente diferente de como olham pra mim. Totalmente diferente.

João: Eu fui abordado uma vez só. Foi em 2014, eu tinha 15 anos. Estava com um amigo meu, o Vinícius, e era tipo umas 11 horas da noite. Pensando agora, depois de tanto tempo, percebo que tive uma fala racista naquela situação. Na época, eu estava de camisa polo e óculos de grau. Depois do que aconteceu, falei com o Vinícius algo como: *“Pô, nem pareço ladrão, tô de óculos, camisa polo e tudo mais.”*

E, sabe, pensando hoje, eu estava associando "não parecer ladrão" com estar "mais embranquecido". E isso é tão absurdo, né? Mas, naquela época, a gente normalizava umas paradas assim sem nem perceber o peso disso.

A abordagem em si foi bem violenta. Os policiais chegaram perguntando se a gente estava usando droga, fumando cigarro, maconha. Eu, com 15 anos, nem sabia direito o que era maconha. Falei que não, e eles continuavam: *“Tá sim, porra, tô sentindo fedor na sua mão.”* Era gaslighting²¹ puro.

Minha mãe saiu desesperada de casa, porque um vizinho viu e foi avisar. Ela chegou devagar, tentou acalmar as coisas, explicando que a gente morava ali mesmo. Aí nos liberaram.

Mas até ali foi horrível. O Vinícius estava com um notebook na mochila. Um dos policiais pegou a mochila dele e tacou no chão. Quebrou o notebook. E ainda chutaram nossas pernas pra abrir como se a gente estivesse resistindo, sendo que éramos dois moleques magrelos, assustados.

Esse dia ficou marcado, sabe? Não só pela violência física e psicológica, mas também porque me fez refletir, anos depois, sobre como a gente é induzido a se comportar, a se vestir, seguindo uma métrica branca. É tudo pra evitar esses conflitos sociais, seja com a polícia ou com outras pessoas.

E essa métrica, esse comportamento imposto, não é só limitador. É desumanizador.

Eleonora: É...

João: Você acha que já teve alguma situação de estresse por conta das suas características raciais?

Eleonora: Estresse assim... Na rua, o estresse?

²¹ O "gaslighting" é uma forma de abuso psicológico que consiste em manipular informações para que a vítima não consiga mais acreditar na sua própria percepção da realidade.

João: Em qualquer lugar.

Eleonora: Acho que talvez comigo mesma, sabe? Em casa. Tipo assim, vou sair e preciso arrumar meu cabelo. E aí, não consigo. Não acordei num dia bom. Bato a escova na cabeça e fico frustrada: "Não estou conseguindo me ajeitar, não estou conseguindo me arrumar. Não vou sair, não estou bonita, não estou apresentável o suficiente."

Tinha vezes que parecia impossível sair com meu cabelo sem estar definido. E era constrangedor, sabe? Parecia que todo mundo ia reparar. Hoje em dia, não mais. Mas no começo, quando eu "virei preta" oficialmente, quando meu cabelo parou de ser liso, eu sofria com isso.

Minhas amigas saíam, estavam prontas rapidinho. E eu tinha que demorar, fazer mil coisas, tentar parecer "bacana o suficiente" nos parâmetros dos outros. Era cansativo, sabe?

Porque o olhar na rua é diferente. Ainda mais quando você está com um grupo de pessoas que está dentro do padrão, e você não está. Não era uma agressão direta, mas dava para sentir.

João: Entendo.

Eleonora: E o engraçado é que, no começo da nossa conversa, eu falei que nunca tinha sofrido racismo. Mas agora, olhando tudo isso que estou te falando... É racismo.

João: Mas é assim mesmo, pô. É tão estrutural que a gente só nota quando para pra pensar.

Eleonora: Exato. Já é naturalizado, sabe? E acho que minha régua para o que é racismo é algo muito mais agressivo, tipo alguém gritar comigo ou apontar o dedo. Então, quando alguém só olha de lado porque meu cabelo está bagunçado, eu nem penso nisso como racismo. Pra mim, parece mais um desvio de caráter dessas pessoas ao meu redor. Mas no fundo... É um crime de ódio, né? Mesmo que velado.

João: Verdade.

Eleonora: Hoje em dia, minha cabeça é outra. Eu saio do jeito que quero, para onde quero, sem me importar. Mas naquela época... Nossa, era tudo tão diferente. Ficava estressada pensando se estava "legal", Como é que fala? Ai, meu Deus. Quando a gente fica cinza. Quando não passa hidratante.

João: Canela russa²², né? Hahaha!

Eleonora: Isso! Ficar russa mesmo! Hahaha!

Mas eu acho que assim... Estresse porque... sou preta?! Talvez, sabe aonde? No médico.

²² Canela russa era um termo usado para se referir ao ressecamento da pele em pessoas negras. Com o tempo, o termo entrou em extinção, pois a pele negra passou a ser mais valorizada e a ter cuidados específicos.

Sempre que estou com dor, nunca sou atendida da maneira que deveria. É como se, aparentemente, “eu fosse bem mais resistente”. Aí tenho que ficar me humilhando, explicando que tenho problema com agulha, que tenho isso, que tenho aquilo.

Acho que o que me estressa mais são essas coisas institucionais, sabe? Esses lugares em que o racismo não é só um olhar ou um comentário, mas está entranhado no jeito que tratam a gente. É bem estressante de lidar.

João: Eu penso numa parada que já aconteceu comigo. Uma sensação de não pertencimento. Ou de que eu tenho que me esforçar muito mais em certos lugares para provar que mereço estar ali. Sim, esse rolê do não pertencimento.

Lembrei do período que trabalhei na sorveteria. Esse rolê de não pertencimento, até como funcionário. Uma função super subalterna, onde eu tinha que obedecer a todo mundo e era constantemente lembrado do *meu* lugar.

Eleonora: Você comentou isso. A gente acaba se dessensibilizando...

Você comentou sobre local de trabalho, e isso me fez lembrar da empresa onde eu trabalhava antes. Era em um bairro nobre, sabe? Uma empresa com valores exorbitantes nos produtos que vendia, coisas absurdas mesmo.

E toda vez que os clientes entravam lá, era como se eu não tivesse nenhum tipo de instrução, como se eu fosse alguém sem formação. E olha que eu estava quase me formando em gastronomia.

Eles agiam como se eu não entendesse de pães, bolos, massas ou qualquer coisa, sabe? Porque era um pessoal com dinheiro. E quando falavam comigo, era como se eu fosse estúpida. Não falavam do mesmo jeito com meu colega, que era branco.

Mas hoje em dia eu filtro muito onde ando. Acho que nós mesmos preferimos estar em locais mais alternativos do que em certos ambientes.

E não faço questão nenhuma de frequentar. Mas nos locais onde trabalhei, dava para perceber a diferença total. Ainda mais se eu explicasse alguma coisa exatamente como minha colega explicava.

Ela tinha mais credibilidade do que eu. E olha que ela nem tinha o ensino médio completo. Ela não se formou. Enquanto eu, quase com meu diploma, era tratada como se minha cara simplesmente não valesse nada.

E é isso, sabe? Esse rolê do não pertencimento.

João: E outra coisa que eu falei é aquilo de parecer que a gente tem que se esforçar muito mais para provar que merece estar ali.

Apesar de termos evidências nas nossas vivências de que as coisas não deveriam ser assim, parece que estamos tão cercados por essas lógicas coercitivas, né?

Elas trazem essas sensações negativas. É difícil acreditar que o problema não está na gente.

Por exemplo, você já passou no federal, em Salvador.

Eleonora: Algumas vezes.

João: Pois é! Quantas pessoas mais privilegiadas do que você não conseguiram?

E eu mesmo, né? Também estudei no federal e via coisas assim o tempo todo.

Eleonora: Outra coisa que lembrei foi quando eu era bolsista, no ensino fundamental.

Eu recebia o livro do professor, e tinha que passar corretivo nas respostas para usar o material.

João: Nossa, eu também!

Eleonora: Pois é, os professores falavam: *"Tem que passar corretivo no livro o dia todo."* E, ainda assim, tirava nota melhor do que muitos ali.

Como se tivesse alguma coisa a ver, sabe? Como se isso fizesse alguma lógica.

Eu sempre fui acima da média, por diversas questões minhas, provavelmente.

Mas, ainda assim, sempre tinha essa comparação. Algo como: *"Olha só ela, do jeito que ela é, e ainda consegue ser melhor do que vocês."*

Era como se estivessem perguntando: *"O que vocês estão fazendo? Por que não conseguem?"*

João: Como se fosse um problema dos outros e não o mérito seu.

Eleonora: Exatamente. Como se eu estivesse sendo melhor porque *eles* eram incapazes.

E não porque eu simplesmente podia ser melhor, sabe? Eu nunca senti que era um elogio, nunca tive essa leitura.

Era sempre um tom de comparação. Uma comparação que me diminuía, ao invés de reconhecer minha capacidade.

Eu não me sentia desrespeitada por nenhum professor, nunca foi isso.

Mas o tom era sempre o mesmo: *"Ela é só uma pequena preta, e ainda assim está fazendo mais do que vocês, filhos de promotor, médico ou juiz."*

E isso sempre foi colocado de uma forma que me fazia sentir como se meu lugar ali fosse questionável.

João: Aquele rolê do estresse.

Isso gera uma sobrecarga absurda, sabe? Você se esforça cada vez mais, é um gasto de energia constante. E, às vezes, você se pega cansado e nem entende direito o motivo. Mas é por conta dessas microagressões, dessas pequenas questões do cotidiano que vão se acumulando.

Enfim, demoramos, mas o papo tá bom. Vou pular pra próxima.

Você já presenciou ou teve que seguir alguma norma na escola, trabalho, família, centro religioso, ou em algum outro âmbito social, para se adequar às suas características raciais?

Eleonora: Eu acho que isso aconteceu principalmente no trabalho.

Hoje, onde eu trabalho, não tanto, porque vivo dentro da cozinha. Ninguém está me vendo. Mas, lá fora, é diferente. Eu tenho que estar arrumada, não posso estar *fubanga*. Não posso estar... É porque aqui usamos muitos termos regionais, mas acho que o mais comum que escuto é *foveira*.

“Tá foveira, não dá pra fazer isso.”

Quando eu trabalhava naquela padaria especificamente, eu tinha que seguir um padrão de vestimenta muito específico. Não podia usar as roupas que eu gosto, nem as calças ou os sapatos que fazem parte do meu estilo. Era como se eu estivesse muito largada. E já sou uma pessoa tatuada, sabe? Isso já carrega um estigma. Já me coloca dentro de um grupo muito específico aos olhos de quem olha de fora. E, por isso, eu precisava me arrumar de uma forma muito específica para ser bem vista ali como profissional.

João: É aquilo, né? O branco tatuado é alternativo. O preto tatuado, vagabundo.

Eleonora: Exato! E essa diferença de percepção é foda. Eu precisava me vestir de um jeito que fosse aceito naquele espaço, porque meu corpo, minha cor, já eram lidos de forma negativa.

Nossa, pensando aqui, quantas vezes precisei colocar um *lookzinho* melhor só para ir a algum lugar...

Mas, para mim, foi no trabalho onde isso pesou mais.

João: E no colégio militar? Você estudou lá por quanto tempo? Acha que, por ser um ambiente militar, passou por algo semelhante?

Eleonora: Ah, era mais rígido, com certeza. Mas em relação a isso especificamente... É que minha experiência lá foi muito diferente da de outras pessoas. Talvez por eu já ter uma cabeça mais voltada para seguir rotinas e padrões, sabe?

O que eu tive mais dificuldade mesmo foi com as matérias. Quando comecei a transitar do fundamental para o médio e outros níveis, minha dificuldade maior era com a parte docente, dentro da sala de aula. Agora, sobre o ambiente militar em si, lá tinha um pessoal também muito marginalizado. Muita gente que vinha do Kadija, do Patagônia... Era uma convivência mais por igual, sabe?

Foram quase nove anos no militar, então tem muita coisa que ficou enraizada em mim. Regras que já fazem parte da minha vida. É quase como uma lavagem cerebral. Mas, sinceramente, nunca senti isso como algo negativo. Claro, tinha aquela ideia da “meritocracia”, sabe? De

que, se você se esforçar, vai ter recompensas. Era bem explícito. Tipo, notas altas davam vantagens: furar fila, comer lanche antes dos outros, ser liberada mais cedo... Que gerava meio que uma competitividade tóxica. Mas, dentro da instituição, dos militares, nunca passei por nada ruim. De modo geral, eu diria que foi tranquilo. Até porque, quando saí de lá e fui pro colégio Modelo, o choque de realidade foi absurdo. Lá era aluno botando fogo no cabelo do outro, xingando professor, jogando cadeira. Eu fiquei aterrorizada.

João: Você acha que no militar tinha muitas pessoas semelhantes a você?

Eleonora: Racialmente, sim. Tinha muitos alunos pretos lá. Acho que, pela localização, sabe? É uma área mais periférica se compararmos com o resto da cidade. Muitos pais colocavam os filhos lá pra evitar que caíssem no crime. Ou porque conseguiam entrar pelo sorteio ou com alguma indicação. A maioria dos alunos eram de áreas periféricas, marginalizadas. Claro, tinham alguns de classe social mais alta, mas era a minoria.

João: Isso me lembrou de um texto que li sobre polícia e questão racial²³. Era uma pesquisa feita numa delegacia, com policiais negros. Perguntavam por que eles tinham decidido entrar na polícia. Muitos falavam de ascensão social. Como se, sendo negros na polícia, eles garantissem uma posição de valor social. Algo que, para eles, compensava até o salário não tão bom ou o descaso. Só que a pesquisa apontava o racismo institucional ali. Mesmo sendo policiais, os negros eram colocados nos postos de maior risco. No confronto bélico, em morros, sabe? Enquanto os cargos hierarquicamente mais altos quase nunca eram ocupados por policiais negros. Foi um tapa na cara ler isso.

Eleonora: É, os policiais sempre incentivaram quem tinha interesse em seguir carreira na área. Não importava de onde você vinha ou o que fazia, eles sempre buscavam motivar, mesmo quem era mais levado, sabe? Era um incentivo positivo para quem quisesse buscar algo melhor, principalmente pensando em qualidade de vida.

João: Saquei. Posso passar pra próxima pergunta? Que é: o que você fez ou faria em uma situação de racismo? Não precisa ser algo que aconteceu com você diretamente. Pode ser algo que você presenciou. Se você não fez nada, o que gostaria de ter feito? Ou, se já fez algo, o que foi? Pode ser até uma situação online, tipo um comentário em redes sociais e tal.

Eleonora: Olha, acho que o máximo que já fiz foi reagir online. Sempre tento evitar me envolver, porque minhas respostas a crimes de ódio tendem a ser muito agressivas. Não consigo me imaginar tendo um diálogo calmo em uma situação dessas.

Aconteceu, por exemplo, na época do *Black Lives Matter* no Twitter. Eu não aguentava mais ver pessoas brancas falando coisas como: “*Pra que essa hashtag? Não serve pra nada, só*

²³ Nascimento (2015), em seu artigo “*Tem que ter raça*”: *Polícia Militar como ascensão social negra*”

alimenta robôs.” Aí resolvi agir. Fiz uma *thread* enorme e fui bem direta — admito, hostilizei uma “querida” aí, colega minha de escola. Pesquisei dados, descredibilizei tudo que ela disse e mostrei o quanto ela estava errada. Ela acabou desativando as redes por uns três meses, e eu sabia que minha resposta tinha sido o motivo.

João: E você se arrependeu?

Eleonora: Não, faria de novo.

João: Acha que, se não tivesse feito nada, teria ficado angustiada?

Eleonora: Com certeza. Provavelmente teria discutido com ela pessoalmente se a encontrasse em algum lugar. Inclusive, nunca vou esquecer o que ela me disse depois: *“Você é minha amiga, podia ter falado comigo no privado.”* E eu respondi: *“Eu não sou sua amiga, nem da sua família. Se você não queria críticas, era só não postar. Não sou obrigada a falar em privado com alguém que descredibiliza um movimento tão importante.”*

Ela ficou bem chateada, sabe? Disse que não precisava ser daquele jeito. Mas eu percebi uma coisa: outros amigos brancos dela tinham feito comentários semelhantes aos meus, reclamando da mesma postura, e a resposta dela foi completamente diferente.

No meu caso, como eu tinha um grupo maior de pessoas que poderiam dar visibilidade à crítica, a reação dela foi outra. Acho que isso pesou. Eu consegui alcançar mais gente com a minha reclamação, e fui bem mais incisiva que os outros. Enquanto com os outros ela levava “na esportiva”, comigo ela se sentiu atacada, provavelmente por eu ter sido mais direta e hostil.

João: É, isso acontece. Quando alguém que se comporta dessa forma é confrontado, a pessoa geralmente fica na defensiva, né? Vai pra um extremo. E acho que essa é uma das dificuldades de se impor às vezes — o medo dessa reação.

João: E é foda, né? O Estado é preconceituoso, o Estado é racista. E, pra acabar com o racismo, com o preconceito, a gente teria que acabar com o próprio Estado. Só que isso nunca vai acontecer. Ou melhor, espero que aconteça um dia, né?

Eleonora: Talvez numa distopia. Ah! Lembrei de uma coisa... Teve um dia, numa festa, com o Enzo. Ele disse que eu deveria colocar bebida, tipo cerveja, no meu cabelo, porque ia caber. Na hora, virei pra ele e disse que aquilo era racismo.

Aí ele tentou se justificar: *“Ah, mas você já fez comentários sobre mim. Já disse que eu pareço a Cássia Eller, ou que eu não tenho sobrancelha, ou algo do tipo.”* Só que, sabe, isso nunca afetou ele de verdade, não é a mesma coisa. Era só uma resenha entre amigos, sem intenção de machucar.

Mas, quando apontei pra ele que tinha passado dos limites, ele achou demais. E o que ele falou tinha uma conotação racista enorme, não dava pra comparar.

João: Pois é, porque não existe uma construção sócio-histórica estigmatizante que matou e ainda mata pessoas só por parecerem com a Cássia Eller.

Eleonora: Exatamente! Ninguém trouxe “Cássias Ellers” de África para Europa pra trabalhar, né?

João: Pois é.

Eleonora: Enfim... Pois é, foi um mal-estar enorme, meu Deus do céu. Foi uma das situações mais loucas que já passei. A gente tava brincando, e, se não me engano, meu irmão tinha comentado algo antes sobre o meu cabelo. Mas, sabe, se fosse ele, eu não ligaria. Entre eu, meu irmão e meu cabelo, seria só uma resenha entre irmãos, algo que não me machucaria.

Agora, o Enzo? Ele achou que tinha o direito de falar aquilo e nem se desculpou. E claro, a gente não pode normalizar o racismo entre amigos. Mas, de certa forma, é mais compreensível quando vem de alguém que vive a mesma realidade que você, como o meu irmão, que também é negro.

Super compreensível, porque, nesse caso, o sentido é outro. Fazer piada acaba virando uma estratégia de enfrentamento, né? Uma forma de amenizar a situação.

João: E depois a gente tem esses momentos aqui, como agora, de trocar uma ideia mais profunda, falar sobre nossas vidas, nossas vivências. Mas é isso... o problema é a defensiva. O Enzo ficou tão na defensiva que chegou ao ponto de falar em "racismo reverso".

Eleonora: Exatamente! Ele me acusou de ter sido racista com ele, o que foi inacreditável. Depois disso, nossa relação começou a se deteriorar. Não ajudou nada o fato de ele, em outra ocasião, ter sido misógino. Tive que chamar a atenção dele de novo e dizer: *“Olha, você tá passando dos limites.”*

É aí que você percebe: era uma pessoa com a cabeça completamente em outro lugar, num lugar desconectado da realidade.

Quebrar esse laço, essa relação, doeu muito, lógico. Mas acho que nunca mais o Enzo foi racista comigo. Espero que ele também não tenha sido com outras pessoas, né? Não tenho mais contato com ele, mas torço para que tenha aprendido.

E, sabe, é complicado esse papel de tentar ajudar uma pessoa branca a compreender o racismo. Acho que chega um ponto em que a gente precisa começar a constranger essas pessoas nesses ambientes. Se você está sendo constrangido em um momento de lazer, o mínimo que pode fazer é devolver isso, sabe? Fazer a pessoa entender o que está acontecendo

ali. A gente tem essa tendência de querer educar, de ser mais paciente, de tentar ser melhor. Mas sinto que, em algumas situações, o constrangimento é necessário.

João: A gente ficou um tempo nessa aqui, mas bora seguir. Eu gostei de como a gente conversou até agora. Você acha que tem alguma dificuldade em se posicionar nessas situações? Se sim, quais?

Eleonora: Acho que depende muito do ambiente. Quem está do seu lado, sabe? Quem está com você. Dá pra chamar isso de rede de apoio. Se você está com amigos, pessoas próximas, é mais fácil. Mas se você percebe que o ambiente não vai te acolher, é mais complicado. A gente acaba sempre fazendo essa leitura do lugar, né? Onde dá pra falar, onde não dá. Mas, pra mim, geralmente, a lábia fala, sabe? Eu não tenho tanta trava pra reclamar, pra me impor. Agora, dentro de casa é diferente. É mais difícil, porque mexe num lugar de conforto, de segurança. Na rua, você tá ali, suscetível a qualquer coisa, mas é um ambiente "neutro". Dentro de casa, a gente quer paz, não confronto. Só que eu acho necessário impor limites, entende? Isso é uma coisa que, pra gente, não existe. A sociedade não traça limites pro preto. Preto tem que ser mais forte, mais capaz, mais resiliente, mais tudo. Mas todo mundo tem um limite. A gente também precisa começar a traçar o nosso. Seja de forma sutil, seja escancarada, se necessário. Não tô dizendo que precisa brigar na rua. Mas, às vezes, virar a mesa é o que resolve. Tipo: "Tá sendo racista? E eu não posso te chamar de racista?" Qual a lógica?! A gente tenta tanto resolver com calma, com paciência, com tranquilidade... Mas isso só vai até um ponto. Depois, acho que só radicalizando. Alguns movimentos precisam ser mais incisivos. Infelizmente, é assim.

João: Bom demais, Eleonora.

Uma coisa que você falou me chamou bastante atenção. Quando eu conversei com outras pessoas, elas trouxeram uma dificuldade maior pra se posicionar em ambientes de trabalho, sabe? Principalmente porque é um lugar com uma estrutura de poder muito clara, que envolve dinheiro, subsistência... E aí a pessoa acaba aceitando certas coisas, porque precisa do salário, precisa sobreviver. E aí, quando você falou sobre dentro de casa, que acha mais difícil, mais doloroso, eu fiquei pensando... Realmente, faz sentido. Dentro de casa, a gente tem um repertório muito mais longo com aquelas pessoas, uma história de vida, anos de convivência... E, de certa forma, também é uma estrutura de poder, né? Principalmente com os pais, com os mais velhos. É como se a hierarquia estivesse presente ali, mesmo sem a gente perceber, porque tem o peso do respeito, da história... E, às vezes, confrontar isso é muito mais difícil do que lidar com pessoas de fora.

Eleonora: Exatamente, João. Sempre fui muito rebelde de natureza, sabe? Então, não tenho muita papa na língua. Lá no bar onde eu trabalho, tem um cara que frequenta, o Murilão. E tem a Janaína, que é nossa chefe principal, uma mulher preta retinta, incrível. E sempre que ela chega com o cabelo mais bagunçado — bagunçado pra quem, né? Pra ele —, ele faz algum comentário desnecessário, desses que a gente já conhece. E eu faço questão de constranger. Viro pra ele e falo: *"Murilão, você é um velho pinguço, vive aí no balcão, quer tirar onda com quem? Vai cuidar da sua vida, barrigudo!"* Ele já fica: *"O quê? Como assim?"* Já fica travado, sabe? E eu complemento: *"Tá vendo? Não precisa ser assim, mas se você for chato, eu vou ser inconveniente também."*

Agora, dentro de casa é outra história. Em casa, no meu porto seguro, no lugar onde eu deveria estar protegida... Ouvir algo assim de uma mãe ou de um pai? Para mim, seria uma ruptura muito grande. A gente não quer acreditar que aquelas pessoas que nos criaram, que são nosso primeiro exemplo de vida, podem reproduzir algo assim. É uma violência emocional e afetiva imensa. Muito maior do que alguma violência que eu possa enfrentar na rua.

João: Sobre essa dificuldade dos ambientes... Gostei do que você falou. Foi direto, bate com coisas que outros também mencionaram. Deixa eu pular pra próxima aqui. O que você pensa que poderia ser feito pra auxiliar a população que sofre essas coisas? Pode ser a ideia mais fantasiosa possível, mais lógica, mais agressiva, mais artística... Ou nem tanto. Se já passou algo pela sua cabeça, o que você gostaria que acontecesse?

Eleonora: Acho que isso vai pra um lugar de utopia, né?

Porque, querendo ou não, é um tema muito difícil de lidar de forma realista. Fora do que já se faz: ensinar, abrir pautas, fazer reuniões, criar leis. Mas, se fosse algo utópico, utópico mesmo, no sentido de "não lugar", ou seja, um lugar que não existe na realidade, eu acho que seria interessante que uma pessoa branca pudesse experimentar ser preta por um dia.

Mas não só ser preta...

Ser um preto marginalizado, periférico, com toda a carga de violência e exclusão. Eu queria que essa pessoa vivesse, na pele, a pior experiência possível, aquela que marca o íntimo, que dói de verdade. Porque tem coisas que são assim, sabe? Questão de vivência. Você só entende quando sente no fundo, quando dói em você. E, nesse cenário utópico, essa pessoa só poderia voltar a ser branca se "sobrevivesse ao dia". Tipo uma cartela: **"Liberados. Pronto, conseguiu suportar por um dia."** E um dia, João, é muito pouco. Mas, dependendo do dia, talvez seja o suficiente.

Imagina acordar preto, no Rio de Janeiro, num ambiente hostil, num lugar como a Avenida Brasil, onde essas barbaridades policiais acontecem direto. Talvez, só assim, alguém que nunca viveu nada disso conseguisse entender o que a gente passa diariamente.

João: Quando a gente tava falando sobre aquele rolê do não pertencimento, eu tinha dito que tinha esquecido de algo, lembrei agora. Foi o caso do Vini Jr., né?²⁴

O cara se esforçou, fez tudo, deu o máximo de si na temporada. E toda a estrutura racista europeia boicotou ele, tirou ele pra merda. É aquele sentimento de que nunca vai ser o suficiente. E aí, eu tento abrir o Twitter pra ver as notícias, e dou de cara com o Tiago Leifert falando...

Eleonora: Ah, não aguento! Tiago Leifert é outro que, se eu pudesse, isolava do mundo. Jogava longe, bem longe...

João: Exatamente! Ele disse algo como: "Ah, eu acho que o Vini Jr. fez errado de não ter ido pra premiação. Ele tinha que ter ido sim, batido palma, batido no peito, e isso ia demonstrar que ele era forte, ele seria campeão moral."

Velho, pelo amor de Deus... Por que esse cara tá falando isso?

Eleonora: Esse é um problema da nossa sociedade, João. Tem pessoas que têm espaço pra falar certas coisas e... não deveriam. A gente não pode ser radical com tudo, mas, ó... tem gente que devia ser proibida de se comunicar. Falou três loucuras, já era! Perde a carteirinha de acesso às redes sociais, cancela o Twitter de novo, bane tudo!

João: Hahaha, pois é!

Eleonora: É porque o Twitter virou um antro de gente falando besteira. Eu nem uso mais, sabia? Eu me estressava muito, lia aquelas coisas absurdas. E Tiago Leifert é o topo do iceberg. O que ele falou do Vini Jr. me deu vontade de jogar o celular longe!

João: Tem uma carta²⁵, ou é um livro, acho que do Martin Luther King, que tem uma frase dele, né? Ele fala que o verdadeiro obstáculo pra justiça do homem negro não é nem o branco segregacionista, aquele declaradamente preconceituoso.

É o branco moderado, tipo o Thiago Leifert. Aquele que, apesar de dizer "Ah, eu não sou racista, eu sou contra o racismo," quer seguir com a ordem vigente, sabe?

²⁴ A controvérsia entre Tiago Leifert e Vini Jr. surgiu quando o apresentador criticou o jogador por não comparecer à premiação da FIFA de Melhores do Mundo, após episódios de racismo sofridos na Europa. Leifert afirmou que Vini Jr. deveria ter ido para se mostrar "campeão moral", o que gerou críticas por desconsiderar a gravidade dos ataques racistas enfrentados pelo atleta.

²⁵ *Letter from Birmingham Jail* (2018)

Eles acabam imputando essa ordem nos sujeitos negros, pedindo que a gente aceite, que se acomode, pra que haja paz. Mas essa "paz" é sempre condicionada à nossa submissão a essa métrica imposta, né?

Eleonora: Pois é, no caso do Vinícius Júnior, o Thiago Leifert ali dizendo: "Não, você tinha que ir, não podia se posicionar, tinha que aceitar e bater palma." Era como se dissesse: *Fica à mercê deles, aceita ser humilhado em frente às câmeras para o mundo todo ver*. Se eu fosse o Vini, eu processava ele só de raiva. Processava mesmo, nem que fosse pelo tweet, à toa. E, olha, se eu tivesse poder aquisitivo suficiente, já teria processado pelo menos umas 500 pessoas por coisas que leio na internet.

João: Haha, eu concordo com essa sua raiva, viu? Mas achei interessante o que você falou antes, sabe? Sobre a necessidade de impacto. Porque, no final das contas, é o impacto que gera mudança, né?

Eleonora: Exato! Não tem como a gente só verbalizar uma realidade e esperar que as pessoas entendam. Olha, eu me vejo num lugar muito privilegiado. Minha família é de classe média alta, tenho passaporte, já fiz viagens internacionais, tenho acesso fácil à educação, tenho suporte familiar. Mas, mesmo com tudo isso, eu ainda sou uma mulher preta. Isso não me impede de sofrer violências, só que eu sei que não vivo nem metade do que uma pessoa preta marginalizada passa.

Às vezes, eu mesma penso que talvez precisasse passar uma semana na pele de uma pessoa completamente marginalizada para ter um choque de realidade ainda maior. A gente tá sempre aprendendo, né? E eu sei que, dentro desse local que ocupo, tenho muito mais privilégio do que a maioria. Só que, mesmo assim, eu sofro. E é por isso que acredito que, para algumas pessoas, só sentindo na pele é que vão começar a entender.

Talvez, num cenário utópico, sei lá, lá por dois mil e três mil e pouco, alguma coisa funcione de verdade. Mas, até lá, quem vai resistir mesmo são os pretos. Porque, no final das contas, é o que fazemos melhor: resistir.

João: É, só ficam os pretos. Vou continuar aqui. Você já se propôs a estudar sobre temáticas raciais?

Eleonora: Assim, de pegar um livro e dizer "vou ler sobre isso hoje"? Não. Eu sempre faço o possível para me manter informada, sabe? Ter um mínimo de conhecimento sobre essas questões. Mas nunca foi algo que parei para explorar profundamente ou que se tornou meu objeto de interesse ou hiperfoco.

Apesar disso, tenho a minha tia, que é doutora em Letras e trabalha com literatura voltada para a africanidade e a ancestralidade. Ela é meu maior exemplo de como ser preta, sabe? Ela

vive isso, dá aula sobre isso, escreve sobre isso. Acho que é o contato mais próximo que eu tenho com essa temática de forma mais aprofundada.

João: Isso que você falou, né? Ter esse modelo representativo já é uma forma de se educar também.

Eleonora: Exatamente.

João: E pelo que você falou, você também perpetua isso, à sua maneira. Seja hostilizando alguém quando necessário ou não, e tudo bem.

Agora, a partir de tudo isso que conversamos — essas vivências, situações e do que você viveu ou viu — você acha que teria algum impacto na educação básica se essas temáticas ético-raciais fossem discutidas com mais empenho desde cedo? Você acha que faria diferença?

Eleonora: Eu acho que sim. Eu lembro de coisas completamente inúteis que aprendi no prézinho. Coisas que, sinceramente, nunca usei na vida. Agora, se no lugar disso eu tivesse tido aulas sobre estudos negros, provavelmente seria uma pessoa com muitos outros ideais hoje em dia.

Se desde pequena eu tivesse acesso a esse tipo de informação, de incentivo, sabe? Assim como a gente aprende sobre folclore, literatura brasileira, ou até coisas europeias, que nem fazem parte da nossa realidade... Imagina se a gente tivesse isso voltado para pautas e estudos sobre o nosso povo? Saber desde quando viemos pra cá até como vivemos hoje no Brasil. Eu acho que faria um diferencial enorme. É o tipo de coisa que devia ser trabalhada com mais empenho. Mas, claro, a gente sabe que seria difícil de ser aceito. Tudo que desafia estruturas já estabelecidas encontra resistência. Ainda assim, se houvesse a possibilidade, seria um diferencial transformador.

Eu ia fazer questão de, na primeira vez que eu fosse mãe, escolher muito bem a escola do meu filho. Mesmo que ele fosse branco, talvez. Mas eu ia garantir que ele estudasse em uma escola onde eu tivesse certeza de que ele aprenderia sobre o povo preto, sobre a nossa história, sobre a nossa cultura. Porque, sabe, isso faz uma diferença enorme. Educação é a base de tudo.

João: O que você falou me lembrou uma coisa interessante. Uma das grandes questões que a gente percebe na faculdade de Psicologia — e imagino que em muitas outras — é que boa parte do que aprendemos são estudos e teorias eurocêntricas. Basicamente, construídas por brancos para atender outros brancos. E aí, a gente está aqui, no Brasil, aprendendo a atender sujeitos desse contexto tão diverso, cheio de pluralidade, com todas as suas especificidades e vivências. É como se estivéssemos aplicando uma métrica europeia, sem adaptar ou considerar as diferenças culturais e históricas daqui. Quando tentamos problematizar isso,

trazer teóricos ou questões que não sejam centradas na branquitude — seja algo indígena, amarelo, latino raiz — percebemos como é difícil. Muitas vezes, temos que correr atrás por conta própria, ou dependemos de um professor diferenciado, geralmente alguém racializado, que se dedica a trazer essas pautas pra gente.

Eleonora: Mas aqui em Vitória da Conquista, é aquela coisa: *"Vamos ser a Europa, a Suíça Baiana"*, né? Essa ideia está tão presente que acabamos ignorando tudo que realmente faz parte daqui. Apesar de a cidade ter muitas comunidades quilombolas e um povo marginalizado, com forte presença de cultura africana, isso é constantemente invisibilizado, oprimido e subjugado porque “não se encaixa na estética” da cidade.

Não existe espaço na prefeitura ou no governo para valorizar essa cultura. E mesmo as pessoas que lutam pelo mínimo — por exemplo, a preservação da cultura local — encontram dificuldades em abrir portas para novas iniciativas. Parece que aqui não temos nada.

É curioso, porque estamos tão próximos de Salvador, que tem a maior diáspora africana fora da África, e ainda assim, Conquista parece mais voltada para a Europa do que para as suas próprias raízes.

Se você me perguntasse hoje quais projetos da prefeitura incluem o nosso povo e a nossa cultura, eu sinceramente não saberia responder. Não temos representantes que realmente nos representem. Claro, existem pessoas que lutam. Durante o período eleitoral aqui em Conquista, conheci o Bele, do MST. Ela é uma figura preta, querida e engajada, e tive muitas conversas com ela, especialmente sobre a minha área de gastronomia. Conversamos sobre capacitar as pessoas para que elas consigam produzir, conservar e se alimentar de forma digna.

Mas, mesmo ele sendo um diferencial, há um problema gritante. Bele, sendo uma mulher preta, que carrega essa ancestralidade e vive na pele as dificuldades do povo negro, era menos aceita do que Candó, um homem branco que também se aproximava dessas pautas. Candó era mais aceito entre os povos de axé, entre as pessoas do candomblé, do que ela.

Isso revela algo triste. Quando finalmente temos a oportunidade de eleger um representante negro, há sempre alguém branco fazendo algo semelhante e, por algum motivo, sendo considerado “melhor”.

Eleonora: Acho que seria bom pra ele se posicionar. Existe essa passabilidade, né? Pra ele, funciona.

João: Pois é. Cida Bento fala sobre a importância de termos aliados com locais de fala que estejam juntos ao movimento. E eu acho que seria positivo para o Candó exatamente por isso. Ele poderia ser visto pela população como um aliado, alguém que ajuda a esclarecer e educar,

mostrando as diferenças e as questões que envolvem essas pautas. Mas, sabe, é mais fácil para ele — e não sei se seria "surf", porque não acompanho ele politicamente — simplesmente aceitar essa validação que recebe, sem precisar fazer um diferencial. E não sei se alguém tá cobrando ele sobre isso.

Eleonora: Se eu tiver a oportunidade de encontrá-lo algum dia, eu vou cobrar. Vou perguntar: *“E aí, o que você tá fazendo por nós? Pelo povo que te elegeu? Pelo que você representa?”* Vou fazer questão de cobrar. E cabe a gente, né? Fazer essas cobranças.

João: Vamos partir para as últimas perguntas agora, aquelas que te mencionei antes, mais focadas na questão das microagressões. Uma delas é: já aconteceu de alguém fazer suposições sobre sua inteligência ou competência com base na sua aparência? Se sim, como você lidou com isso?

Eleonora: Já aconteceu, sim, especialmente no trabalho, como nos exemplos que te dei antes. Sempre procuro lidar de forma assertiva. Quando alguém subestima meu conhecimento por eu ser preta, faço questão de mostrar que sei mais do que a pessoa, principalmente se é um assunto que domino. Nessas situações, uso o constrangimento como forma de resposta, mas de maneira calculada. Sou bem específica e até condescendente nas explicações, minimizando a pessoa a cada resposta para que ela entenda que está completamente errada. Se é minha área, e eu sei, faço questão de deixar claro que quem não sabe nada ali é ela.

João: Você já foi tratado como perigoso ou potencialmente criminoso por causa da sua cor de pele? Como você reagiu?

Eleonora: Potencialmente criminoso, não. Mas hostil, sim, por muito tempo, especialmente dentro do meu grupo de amigos, com algumas pessoas específicas. E sei que isso aconteceu por eu ser preta. Vi pessoas brancas sendo tratadas de forma bem pior por coisas muito maiores, enquanto eu, quando reagia de maneira um pouco mais animada, era logo taxada como agressiva.

Fui marcada por muito tempo como uma pessoa "intimidadora". Diziam que eu era muito direta, ríspida e hostil, mas nunca foi essa a minha realidade. Eu sempre fui apenas uma pessoa impaciente e objetiva. Isso não é hostilidade; é simplesmente a forma como me comunico.

Acho que as pessoas estão acostumadas a buscar subterfúgios ou rodeios na comunicação, e isso cria um estranhamento com quem fala de forma literal, como eu. Quando digo algo, estou sendo clara, sem deixar espaço para interpretações diferentes. Só que isso nem sempre é bem recebido, e eu acabava sendo malvista.

Com o tempo, comecei a me policiar mais, tanto pela minha saúde mental quanto para tornar minha fala mais tranquila. Aprendi a passar a mensagem de uma forma mais leve, porque nem todo mundo lida bem com objetividade. Foi uma construção, uma remodelação para quebrar essa imagem de "intimidadora" que projetavam em mim. Hoje, quem me conhece sabe que sou só uma pessoa direta e, na verdade, bem tranquila. Mas foi um processo.

João: “Eu tive que me remodelar e sabia que era porque eu era preta”, disse você. Diante disso, me veio uma dúvida. Você acha que, se você fosse branca, ou se fosse uma pessoa branca falando, ela seria taxada de agressiva?

Eleonora: Se fosse branca? Não. Ela teria "personalidade forte", ou "gênio forte". É sempre assim. Eu já vivi situações onde fui frequentemente chamada de hostil enquanto eu só estava defendendo um ponto, sendo firme. Mas uma pessoa branca podia ter um comportamento mil vezes pior e, no máximo, o que diziam era: "Ah, ela tá num dia ruim" ou "Ah, falou da boca para fora". Comigo não. Quando eu falava, era agressivo. É como se fosse automático: a preta é agressiva, a preta está exagerando. Então, o que sobra pra gente? Ter que se provar o tempo todo, modificar nosso jeito, se reinventar, mudar até o tom de voz, porque qualquer coisa que a gente diga é vista como hostilidade. Mesmo que fosse a mesma coisa que uma pessoa branca diria no mesmo tom, na mesma situação.

João: Saquei. Eu ia perguntar algo, mas você já respondeu, só queria confirmar. Eu ia falar dessa questão do molde, sabe? Você tem que se modificar para se encaixar num local mais aceitável, digamos assim. Isso não deixa de ser algo negativo, né? Tipo, punitivo. Porque, no fundo, você foi punida por ser quem você é, e teve que se moldar. Você acha que isso faz sentido?

Eleonora: Eu acho que, inicialmente, foi algo muito desconfortável pra mim. Ter que mudar a maneira como eu falo, o tom da minha voz, a intensidade. Era como se eu estivesse me afastando de quem eu realmente era, de quem eu me conhecia como pessoa. Mas, ao mesmo tempo, eu percebia que aquilo me desestabilizava. Eu perdia a paciência muito rápido, me desregulava emocionalmente, e isso me trazia ansiedade, angústia, um mal-estar geral. Então, comecei a buscar formas de me sentir bem, mais equilibrada. Claro que, no começo, a opinião de algumas pessoas pesava, me incomodava. Foi o que impulsionou essa mudança no início. Mas, no fundo, eu fiz isso por mim. Pra eu conseguir lidar melhor com as coisas, pra não explodir em certas situações. Talvez, anos atrás, numa situação de racismo, eu teria perdido o controle completamente. Hoje, eu tento conversar, impor limites, mas de forma mais calma, até porque isso também reflete o quanto eu amadureci. É aquilo, né? Eu já estou com 26 anos agora. Lembro de situações quando eu tinha 19, 20 anos, e minha cabeça era outra. Tive que

me moldar, sim, mas isso foi necessário pra conquistar o respeito que eu precisava, pra me sentir bem e, também, pra não desgastar tanto quem estava ao meu redor. Só que, claro, não mudei minha essência. Continuo sendo direta, talvez até afiada, mas agora faço isso com mais sutileza. E depende da situação, né? Bom, acho que é isso.

João: Gostei. A última pergunta agora, para a gente fechar. Alguma vez você já se sentiu pressionada a se comportar de determinada maneira porque esperavam isso de você por ser negra? Tipo, pedir para você sambar, dançar, ou agir de alguma forma estereotipada, falar de certa forma, usar gírias, sei lá.

Eleonora: Pressionada a agir dessa maneira, não. Mas já tentaram. Ah, você é preta, samba aí. Ah, sei que você sabe mexer, sabe dançar. Tá ouvindo samba? Então se mexe. Nunca fiz nenhuma dessas coisas, porque nunca ultrapassei meus próprios limites. Mas já ouvi muito. E aí, infelizmente, é aquele momento que você dá risada e fala: "Hum, hoje não, obrigada." E passa para a próxima.

João: Essa pergunta, na verdade, me parece ser uma constante nas vivências de mulheres negras, infelizmente. Já passa para uma coisa assim... porque uma das questões desse racismo estrutural é a sexualização do corpo negro. Feminino principalmente, mas o masculino também. E quando a gente pensa no Brasil, nessa visão do imaginário mundial, aparece a mulher preta rebolando no carnaval.

E aí, sobre essa questão... Na verdade, eu acho que quero incluir uma pergunta, que envolve essa coisa da sexualização/objetificação, mas sobre a questão de relacionamento. Você acha que já se sentiu trocada? Ou já quis ser menos você para se adequar em algum relacionamento? Algo assim já aconteceu? Quero dizer, um relacionamento amoroso.

Eleonora: Acho que não. Eu já me senti muito objetificada como mulher preta, em alguns dos relacionamentos que eu tive. Especialmente com uma pessoa que tinha esse padrão de fazer

comentários sobre como ela sentia atração por mulheres pretas. Isso me incomodava em muitos níveis, porque parecia fetiche. Não soava natural.

Já passei muito tempo me sentindo apenas um objeto de desejo. E o pior é que, em um dos casos, a pessoa também era preta. Mas num relacionamento muito específico, que já acabou, a gente conversou sobre isso. Porque uma coisa que eu prezo em qualquer relação é o diálogo. Eu preciso apontar o que está certo, o que está errado, principalmente quando envolve questões raciais.

Eu entendo que todo mundo está sujeito a errar, mas tem coisas que são inadmissíveis. É muito desgastante eu ter que abrir pautas raciais dentro de um relacionamento, sabe? E como mulher preta que se relaciona com pessoas brancas, isso é ainda mais cansativo.

Acho que o último relacionamento sério que eu tive com uma pessoa preta foi lá em 2015, no ensino médio, com o Roberto. E agora, pensando bem, eu acho que fui a única namorada preta dele. Antes e depois, ele só se relacionava com mulheres brancas. Isso sempre me deixou reflexiva.

João: Isso foi no mais recente? Com aquele carinho que você comentou?

Eleonora: Não, foi com o anterior, com "fulaninha". Fora todos os outros perrengues, esse foi um dos motivos principais. Era uma coisa que eu detestava, sabe? "Ah, você é muito parecida com fulana." E sempre tinha aquele: "Ah, pessoas pretas têm algo meio parecido."

Eu ouvia muitos comentários do tipo: "Você parece muito com essa atriz aqui, ou com aquela." Eram sempre pessoas que ela achava atraentes. Isso me irritava profundamente. Eu odeio ser comparada com outras pessoas. Tenho minhas características, minhas particularidades.

E era sempre uma questão de objetificação. Não era porque eu realmente parecia com essas pessoas, mas porque o desejo que ela sentia por mim, ela sentia por essas outras mulheres também. Era como se fosse tudo sobre o fenótipo.

Por mais bizarro que seja, às vezes as comparações eram coisas tipo: "Ah, até a bochecha, sabe?" Eu ria pra não chorar. Mas acho que foi aí que tracei o meu limite. Para mim, isso sempre será um ponto inegociável em qualquer relação.

João: Você falou sobre limites, né? E limites são fundamentais. É isso que dá para dialogar, mas tem coisas que nem o limite resolve, né? Como você mencionou, às vezes você está no relacionamento, tenta conversar, mas também não é justo que você tenha que ser o educador o tempo todo.

Eleonora: Exatamente. Assim, quando eu era mais nova, eu sempre me via como a "mãe do grupo", sabe? Aquela pessoa que cuida, orienta, tenta resolver. Sempre dava um conselho, puxava uma conversa. Era uma coisa que eu fazia quase naturalmente, sem me incomodar muito. Mas isso já não funciona mais pra mim hoje em dia. Eu estabeleço meus limites, deixo claro: "Olha, comigo é assim, assim e assado." E aí, a pessoa decide. Ou aceita e a gente vive bem, ou não aceita e, sinceramente, eu corto. Porque eu não tenho mais disposição para viver minha vida toda ensinando os outros. Claro, não dá para esperar que todo mundo viva exatamente do nosso jeito ou entenda todas as nossas vivências. Mas o mínimo é ter respeito e conforto, principalmente dentro de uma relação. Sem isso, pra mim, não funciona.

Eleonora: Pois é, é aquela coisa que nem sempre a gente precisa aceitar tudo, sabe? Tipo, se em questão de amizade ou relacionamento a pessoa não está disposta a te respeitar, por que você vai insistir em educar? Nem todo mundo está pronto para isso, nem todo mundo está aberto a compreender certas coisas. Às vezes, é necessário deixar para lá, desistir de algumas batalhas, mesmo que doa.

João: É isso. É difícil pra gente se posicionar porque tem sempre aquele estereótipo do negro agressivo. A gente tem que ser "cordial", né?

Eleonora: Exatamente.

João: Me veio à cabeça um rolê do Emicida. Você acredita que três pessoas diferentes, em pouco tempo, me disseram que eu pareço com ele? E eu fico tipo: "Como assim?" Não é que eu veja zero semelhança, mas, sabe, é aquele negócio genérico: cabelo, barba, óculos, cor da pele. Mas aí eu fico "ah, massa, obrigado, gosto dele".

Eleonora: Normal, né?

João: Só que o engraçado é que dessas três pessoas, uma era negra retinta. Isso me fez pensar muito, porque o comentário me soou diferente vindo dela, mas as outras duas eram brancas, sabe?

Eleonora: É, isso é curioso. Porque mesmo dentro da comunidade negra, essas associações acontecem, né? Mas vindo de pessoas brancas, a gente sabe que carrega outra camada, né? É mais sobre encaixar a gente num molde, numa referência que elas conhecem.

João: Sim. É como se fosse só mais uma forma de estereotipar, mesmo que pareça "de boa".

Eleonora: Exato. É o tal do "parecer inofensivo", mas que no fundo reforça uma visão limitada de quem a gente é.

João: E dependendo do contexto e da forma, vira uma microagressão.

Eleonora: É porque, sabe, acho que as pessoas têm muita dificuldade em elogiar a gente diretamente. Invés de tipo: "Que lindos seus traços, que bonito seu cabelo", acabam comparando com algum preto famoso, alguma figura preta que tem visibilidade. Parece que eles acham que, se te comparam com alguém assim, a sinceridade do elogio vai ser maior.

João: Tipo: "Parabéns, você é preto e parece com aquele preto que é muito top."

Eleonora: Exatamente! Mas, de quem me serve isso? Por que eu não posso só parecer comigo mesma, sabe?

O tempo parecia ter passado mais rápido do que o esperado. João, olhando para o relógio, sorriu e iniciou o encerramento com sua característica leveza.

João: É isso. E aí, como foi esse momento de duas horas pra você?

Eleonora respirou fundo, ajeitando o cabelo enquanto refletia.

Eleonora: Ah, vivendo experiências, né? Muitas reflexões. Me deu uma motivação pra ler mais referências, especialmente de autores pretos. Porque, sabe, eu leio muito, mas percebi que leio poucos autores pretos, e isso é algo a se refletir.

Ela fez uma pausa e continuou, com o tom mais sério:

Eleonora: É sempre bom conversar sobre essas coisas. No começo, eu disse que nunca tinha sofrido racismo diretamente, mas, à medida que fui pensando, percebi várias situações que passei e que acabei normalizando.

João: E você acha que foi impactada de alguma forma nesse momento?

Eleonora: Com certeza. Me fez refletir mais sobre a minha vida, sobre tudo isso. Eu gostei muito, foi incrível.

João sorriu, inclinado na cadeira.

João: Teve dois momentos que você falou e eu me arrepiei todinho. Um que me marcou foi quando você disse que seria interessante fazer alguém viver, mesmo que só por um dia, a experiência de ser negro. Achei isso muito forte.

Eleonora: É, a gente precisa impactar. Se não dá pra fazer com nossas próprias mãos, talvez com um pouco de fantasia, de ficção. Algo que choque as pessoas pra enxergarem a realidade.

Ela prosseguiu, com a fala fluindo naturalmente:

Eleonora: A ficção é digerida mais fácil, né? Mais fácil do que abrir o jornal e ver quantas pessoas, negras na maioria das vezes, morreram hoje. Acho que isso é algo que esqueci de dizer, mas é importante.

João aproveitou para conectar o que Eleonora dizia com a proposta maior da Escrevivência:

João: Exatamente. É isso que a Conceição Evaristo traz com a Escrevivência. Ela subverte esses papéis historicamente impostos aos negros na literatura. Sempre representados como bandidos, malandros, empregados ou marginalizados. Com a Escrevivência, ela resgata o

protagonismo do povo negro, criando desfechos diferentes, histórias que geram representatividade e dão poder a quem lê.

Ele fez uma pausa, deixando as palavras ecoarem.

João: Que bom que você gostou do momento. Eu também gostei muito. Foi tão bom conversar assim, sério e leve ao mesmo tempo, né?

Eleonora: Pois é, chocante, né? A gente se conhece há tantos anos e, olha só, falando de pautas sociais desse jeito. É engraçado pensar que, anos atrás, talvez a gente nem tivesse imaginado isso.

João: Como diz Mano Brown, “*somos o que somos*”. E acho que é isso, né? A gente sempre vai ter o que dizer, sempre vai ter o que compartilhar, nossas cores, nossas histórias, nossos valores.

7 ANÁLISES FUNCIONAIS

De acordo com Neno (2003), a Análise Funcional é um método central no Behaviorismo Radical, proposto inicialmente por Skinner, que consiste na identificação de relações de dependência entre estímulos antecedentes, comportamentos e consequências. Esse modelo permite interpretar e investigar fenômenos comportamentais, descrevendo as relações ordenadas que compõem a interação entre o indivíduo e seu ambiente. Na Psicoterapia Analítica Funcional (FAP), essa análise é aplicada para compreender como os comportamentos apresentados pelo paciente nas sessões refletem suas interações cotidianas, utilizando a relação terapêutica como uma ferramenta de intervenção.

Kohlenberg e Tsai (2006) argumentam que a FAP baseia-se na ciência comportamental contextual e na ciência da conexão social, compreendendo o sofrimento humano como resultado de déficits ou excessos comportamentais moldados e mantidos por contingências de reforçamento ao longo da vida. Nessa perspectiva, o terapeuta utiliza a análise funcional para identificar padrões comportamentais e promover mudanças, reforçando positivamente os comportamentos mais efetivos e ajustados ao contexto individual de cada sujeito.

No presente estudo, a Análise Funcional foi adaptada como uma metodologia inovadora para integrar epistemologias que, à primeira vista, poderiam parecer distintas: a Escrivência e a Análise do Comportamento. Essa integração, contudo, mostrou-se uma abordagem complementar e fortalecedora, comprovando que a construção científica pode ser enriquecida por métodos artísticos e decoloniais.

A Escrivência, enquanto prática narrativa que resgata a subjetividade e o protagonismo de sujeitos historicamente marginalizados, trouxe à tona histórias de vida repletas de significados, resistências e contingências culturais. Ao unir essa abordagem com os princípios analíticos da FAP, foi possível realizar uma análise funcional das narrativas, investigando as contingências que moldaram as ações e interações dos sujeitos entrevistados.

Essa integração permitiu não apenas um aprofundamento das análises, mas também uma ampliação do campo científico, demonstrando que a arte e a ciência podem dialogar e produzir conhecimento relevante para compreender e transformar a realidade social. Por meio dessa metodologia híbrida, foram identificados padrões comportamentais relacionados às vivências de microagressões, estratégias de resistência e processos de resignificação, que são apresentados nas tabelas e análises funcionais a seguir.

FIO JASMIM

ANÁLISES MOLECULARES

Antecedentes para Fio Jasmin	Resposta Fio Jasmin	Consequência para Fio Jasmin	Processos e efeitos para Fio Jasmin
Referências negras presentes em contextos sociais na qual está inserido (principalmente durante o ensino médio, em escola pública)	“Caraca, eu sou o negro”	Hipótese: reconhecer a si mesmo, entendendo o contexto ao meu redor, as oportunidades, as limitações. desenvolver consciência sobre como é ser uma pessoa preta no Brasil,	Reforço positivo (Sentimento de pertencimento e validação de sua identidade) Aumento na frequência de se reconhecer como pessoa preta e ter orgulho de si.
Pessoa branca o confunde com funcionário de supermercado	1. Fechar a cara e dizer “não sei onde fica”. 2. Comprar uma bebida cara para mostrar para a pessoa branca que ele não era funcionário do estabelecimento.	Hipótese 1: Pessoa sai do ambiente e continua acreditando que ele é funcionário do mercado. Hipótese 2: Pessoa percebe que ele não é funcionário e que possui condições para comprar itens caros no mercado.	Punição positiva (sentimento de indignação, fica chateado) Reforço negativo (Sensação de alívio pela pessoa ter saído do ambiente / perceber que ele não é funcionário).
Pessoa branca o confunde com funcionário de um bar	1. Fica calado. 2. Diz “velho, eu não trabalho aqui, não”	Hipótese 1: Pessoa insiste Hipótese 2: Pessoa sai do ambiente	Punição positiva (sentimento de indignação, sente-se chateado e frustrado). Reforço positivo (sentimento de

			alívio pela pessoa ter saído do ambiente)
Vivenciar situações de racismo	1. Se impor e discutir sobre o assunto. 2. Ficar calado e sair do ambiente. 3. Expor adornos religiosos do Candomblé (“boto minhas contas do lado de fora, coloco as pedrinhas no pescoço, tudo à vista”)	Hipótese 1: as pessoas ignoram seu discurso e continuam com comentários preconceituosos. Hipótese 2: Não ouvir mais comentários preconceituosos Hipótese 3: A pessoa racista se afasta	Punição negativa (Sentimento de impotência e invalidação; tristeza) Reforço positivo (sensação de alívio por não ouvir mais os comentários) Reforço negativo (Conforto ao não ter mais a presença da pessoa racista no ambiente)
Terreiro propondo conexão com sua ancestralidade e equilíbrio emocional em meio às adversidades do cotidiano.	Participação ativa nos rituais, prática de cânticos e danças tradicionais, bem como integração com outros membros da comunidade religiosa.	Validação identitária, sensação de pertencimento, fortalecimento de sua autoestima e resiliência diante das adversidades.	Reforço Positivo (Reafirmação de identidade, sensação de acolhimento, produtividade, comunidade e coletividade)

ANÁLISE MOLAR

Respostas que caracterizam o padrão	História de aquisição	Contextos atuais mantenedores	Consequências que fortalecem o padrão	Consequências que enfraqueceram o padrão
Se reconhecer como pessoa preta; Se posicionar frente a situações de racismo; Autoregras como "Eu sou capaz" e "Eu mereço respeito", fortalecendo a autoestima e a assertividade diante de situações discriminatórias.	Família afrocentrada em diversos aspectos étnicos, como religião, música, culinária, arte, etc. Contexto escolar com referências negras . Contato com referências negras durante a adolescência . Grupos sociais que validam sua identidade.	Estar frequentando o Terreiro de Candomblé Família e comunidade religiosa. Estar perto de pessoas semelhantes.	Acolhimento no terreiro, validação por parte dos membros da comunidade e senso de pertencimento. Ser aceito em grupos sociais (amizades e relacionamentos) Evita confronto	Ser visto como inferior Invisibilidade em Faculdade majoritariamente branca. Contextos coercitivos onde fica impedido de se manifestar ou se impor. Lugares em que o racismo é mais institucionalizado, o faz vivenciar situações desconfortáveis de preconceito racial

PÉROLA MARIA

ANÁLISES MOLECULARES

Antecedentes para P. Maria	Resposta P. Maria	Consequências para P. Maria	Processos e efeitos para a P.Maria
Discussões sobre raça e racismo	Falar sobre sua identidade racial	Hipótese: pessoas na discussão dizem “há, mas sua pele é clara demais para ser negra”; Hipótese: pessoas na discussão buscam saber mais sobre as vivências de P. Maria.	Punição positiva (sensação de invalidação da sua identidade); Diminuição da frequência de falar sobre sua identidade racial (passará a apresentar comportamentos de esquiva ou fuga); Reforço positivo (sensação de validação da sua identidade); Aumento na frequência de falar sobre sua identidade racial.

Antecedentes para P. Branca	Resposta P. Branca	Consequências para P. Branca	Processos e efeitos para a P. Branca
Discussões sobre raça e racismo; P.M fala sobre sua identidade racial.	“Há, mas sua pele é clara demais para ser negra.”	Hipótese: P. M aceita o comentário; Hipótese: P. M discorda, critica a fala da pessoa, expõe argumentos e reafirma sua identidade racial.	Reforço positivo (o fato de ficar calada/o, parecendo concordar, mantém a resposta da pessoa); Punição positiva (acréscimo de críticas) ou punição negativa (retirada/ diminuição da aceitação social, e diminuição dos comentários, por não serem bem-vistos).

Antecedentes para P. Maria	Resposta P. Maria	Consequências para P. Maria	Processos e efeitos para a P. Maria
Em um ambiente corporativo (estereótipo de roupas formais e status social alto);	Ficar calada, ignorar e seguir em frente.	Evitou o confronto	Reforço negativo (a sensação de alívio por sair daquela situação caracteriza uma resposta de esquiva)

Pessoa começa a gritar, perguntando se P. Maria vende cuscuz; Autorregra:confrontar esta pessoa causará problemas.		Sensação de menos valia	Aumento da frequência de se esquivar em situações semelhantes; Punição positiva (sentir-se inferior)
--	--	--------------------------------	--

Nota: Nesta situação, P. Maria estava com roupas de academia (não condiz com o estereótipo corporativo do imaginário social, assim a pessoa gritando atribui o status de P. Maria com base em um estereótipo e aparência).

Antecedentes para P. Branca	Resposta P. Branca	Consequências para P. Branca	Processos e efeitos para a P.Branca
Em um ambiente corporativo (estereótipo de roupas formais e status social alto); Presença de uma pessoa negra trajando vestes informais	Gritar a pessoa negra perguntado se ela vende cuscuz	Pessoa negra fica calada, ignora e segue em frente;	Repetir o comportamento em situações semelhantes, o fato de P. Maria ficar calada pode á a entender que não foi nada demais a atitude da pessoa branca, assim ela sentir que fez algo esperado ou correto naquele contexto (reforço positivo)

Antecedentes para P. Maria	Resposta P. Maria	Consequências para P. Maria	Processos e efeitos para a P. Maria
Na faculdade trajando roupas informais (como o uso do boné); Pessoa se aproxima e diz “você está parecendo uma vendedora de bananas”; Pessoas ao redor começam a rir.	Fica calada e se retira do local.	Evitou o confronto Abertura para que as pessoas façam piadas sobre seu estilo e aparência; Sensação de menos valia.	Reforço negativo (a sensação de alívio por sair daquela situação caracteriza uma resposta de esquiva) Aumento da frequência de se esquivar em situações semelhantes; Punição positiva (sentir-se inferior, desamparada, podendo haver a sensação de baixa autoestima em médio/longo prazo).
Situação se repete	P. Maria conversa com a pessoa e diz não estar gostando da brincadeira	Pessoa pede desculpa, e diz ter o “hábito” de dizer coisas sem noção; Pessoa reconhece sua atitude apenas como brincadeira.	Reforço negativo (retirou o estímulo aversivo, contudo não confrontou diretamente a pessoa nomeando sua atitude como racista, comportamento de esquiva).

Pessoa pede desculpa, e diz ter o “hábito” de dizer coisas sem noção; Pessoa reconhece sua atitude apenas como brincadeira. Regra: racismo é mimimi (Hipótese).	Aceita as desculpas, sem questionar	Evita criar um confronto ou crítica. Sensação de invalidação de suas experiências.	Deixa a pessoa branca sentir que sua atitude de pedir desculpa foi a forma mais correta de resolver a situação. Como uma maneira de evitar as críticas e confrontos (Reforço negativo: esquiva); Situações semelhantes a médio e longo prazo podem fortalecer o estereótipo de pessoa negra como inferior, pobre...
Evita criar um confronto ou crítica. Sensação de invalidação de suas experiências.	Deixar de usar boné.	Evita piadas sobre sua aparência e estilo; Ausência de acessório que faz parte do seu estilo.	- Sentir-se aliviada em curto-prazo (reforço negativo;esquiva); Sentir-se mal em longo-prazo, pois precisa abdicar do estilo que gosta para se sentir adequada (punição negativa);

Antecedentes para P. Maria	Resposta P. Maria	Consequências para P. Maria	Processos e efeitos para a P.
-----------------------------------	--------------------------	------------------------------------	--------------------------------------

			Maria
Falta de produtos adequados para tratar o cabelo; Falta de referências para cuidados com cabelo; Irmãs alisaram o cabelo.	Alisar o cabelo	Sensação de perda de traços de sua identidade “me sentia meio desconectada do meu cabelo natural”; Adequação ao padrão de beleza (cabelo liso, sem volume); Dificuldade em cuidar do cabelo eliminada; Hipótese: “elogios” como: nossa seu cabelo ficou tão bonito assim, você parece outra pessoa, se arrumou agora hein; Produtos a disposição para cuidar do cabelo alisado.	Punição negativa, pois há a retirada/”apagamento” de um traço característico de sua identidade racial; Reforço negativo, alívio, pessoas param de olhar feio para o cabelo, fazer comentários ofensivos; Reforço negativo, alívio; Acreditar que se trata de um elogio (reforço positivo); Fortalecimento da relação de equivalência traços “brancos-belo” e traços “negros-feios.”

Antecedentes para P. Maria	Resposta P. Maria	Consequências para P. Maria	Processos e efeitos para a P. Maria
Atividade de uma disciplina de	P. Maria sugere o uso de	Aluna branca e monitora da	Punição negativa (apagar a

farmácia com objetivo de sugerir medicamentos para tratar inflamações.	antidepressivo, com explicações claras embasadas em conhecimento teórico.	disciplina apaga/ignora sua sugestão por julgar estar errada. A Monitora envia mensagem ríspida, solicitando P. Maria que pare de insistir em expor sua sugestão.	sugestão impossibilita que ela demonstre seu conhecimento e receba elogios/seja validada) Punição positiva (pessoa age de forma agressiva frente a insistência de P. Maria em manter sua sugestão).
Aluna branca e monitora da disciplina apaga/ignora sua sugestão por julgar estar errada; A Monitora envia mensagem ríspida para que pare de insistir em expor sua sugestão.	Apresentar sua sugestão na presença do professor.	O professor afirma que sua sugestão está correta e faz sentido.	Reforço positivo (sensação de ser validada, aumento na frequência de sugerir resoluções aos questionamentos em aulas).

Antecedentes para P. Maria	Resposta P. Maria	Consequências para P. Maria	Processos e efeitos para a P. Maria
Pessoa branca diz falas como <i>“essa morena”</i> ; <i>"Ah, essa morena gostosa, cheia de charme..."</i>	Hipótese: Fica quieta, ignora.	Evita confronto É objetificada	Reforço negativo (esquiva) A repetição de situações semelhantes tende a levar P. Maria à sensação de objetificação: objetificada/de ser tratada de maneira diferente de pessoas brancas

ANÁLISE MOLAR

Respostas que caracterizam o padrão	História de aquisição	Contextos atuais mantenedores	Consequências que fortalecem o padrão	Consequências que enfraqueceram o padrão
Frente a microagressões raciais ficar quieta, ignorar, se retirar do ambiente. Hipótese autorregras: “As pessoas irão criticar meu posicionamento”, “sempre que me posiciono sou invalidada” “não pertencço a esse lugar” “sou inadequada”	Ideia de democracia racial Contexto escolar sem referências sobre cultura negra, sem representatividade. Contexto familiar: irmãs alisando o cabelo, ausência de repertório e modelos sobre como cuidar do cabelo (ser adequado é ter traços brancos) Padrão de beleza branco.	Estar em uma faculdade pública com alunos em sua maioria brancos e status social elevado. Estar inserida em ambientes majoritariamente frequentado por pessoas brancas Microagressões raciais cometidas por pessoas próximas no trabalho e outros ambientes que frequenta	Evita confronto ou crítica. Evitar piadas sobre sua aparência e estilo. Ser vista como adequada nos ambientes	É objetificada Invalidação de sua identidade racial Abertura para comentários ofensivos sobre sua aparência e estilo. Invalidação das vivências de P. Maria enquanto pessoa negra. Ser julgada como menos competente e inteligente.

	Mídia da época: apresentavam pessoas brancas em posição de poder (chefe) e de submissão pessoas negras (empregado). Comerciais de beleza com pessoas brancas, maioria de apresentadores brancos (falta de representatividade)			
--	---	--	--	--

ELEONORA DE SÁ

ANÁLISES MOLECULARES

Antecedente para Eleonora	Resposta Eleonora	Consequências para Eleonora	Processos e efeitos para Eleonora
Pressão social por conta do cabelo cacheado.	Alisar o cabelo.	Se livrar da pressão.	Reforço negativo (fuga/esquiva da pressão gerando alívio). Punição positiva (Não ser quem ela é; queimar a cabeça alisando o cabelo, gerando angústia;)

Trabalhar em uma padaria de bairro nobre.	Usar roupas que não eram do seu estilo.	Se sentir incomodada e ainda assim destrutada mesmo com vestimentas “adequadas”.	Punição positiva (incômodo e sensação de não pertencimento). Reforço negativo (evitava atritos com a chefia por seguir as regras).
Mãe branca não sabe lidar com o cabelo cacheado dela e acaba machucando.	Alisar o cabelo.	Se livrar do processo doloroso.	Reforço negativo (alívio em relação às dores sentidas quando a mãe penteava).

ANÁLISE MOLAR

Respostas que caracterizam o padrão	História de aquisição	Contextos atuais mantenedores.	Consequências que fortalecem o padrão	Consequências que enfraqueceram o padrão
Alisamento do cabelo. Usar roupas que não quer usar.	Mãe branca. Pressão social. Colégio particular e militar onde estudou.	Trabalho. Instituto de Gastronomia.	Elogios quando estava de cabelo liso ou trança. Evitar atritos no trabalho ou instituição de estudo.	Leitura racial. Falar sobre como se sente com pessoas semelhantes e que se sentem igual. Movimentos e lutas de pessoas semelhantes por seus direitos e formas de existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender as vivências negras frente a microagressões raciais e seus impactos, articulando o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo como ferramenta metodológica e narrativa. O objetivo foi explorar como os sujeitos negros entrevistados constroem narrativas sobre resistência e enfrentamento, com ênfase nos efeitos dessas vivências em seus repertórios de comportamento e na forma como se posicionam diante de um racismo estrutural. A pesquisa respondeu a seus objetivos ao evidenciar que, por meio do diálogo e da troca de experiências, os sujeitos foram capazes de revisitar vivências marcadas pela dor e pela exclusão, mas também de destacar elementos de empoderamento e aprendizado.

O uso da escrevivência não apenas possibilitou um olhar sensível sobre as experiências narradas, mas também revelou o papel transformador da palavra. Por meio de histórias tecidas entre entrevistador e entrevistado, a pesquisa não apenas registrou, mas também construiu espaços de letramento racial, nos quais a consciência sobre raça e pertencimento se tornou mais evidente. Cada narrativa apresentada trouxe à tona dimensões complexas da identidade negra, integrando o individual e o coletivo em uma reflexão ampla sobre como o racismo permeia e molda as relações sociais.

Nesse sentido, o diálogo estabelecido durante as entrevistas foi, por si só, um exercício de letramento racial. Ao refletirem sobre suas vivências, os participantes ampliaram seus repertórios para reconhecer e enfrentar situações de racismo. Esse processo se conecta diretamente ao conceito de letramento racial apresentado por Silva, Bitencourt e Souza (2024), que destaca a importância de criar espaços educativos nos quais questões raciais sejam discutidas de forma estruturada e intencional, como uma estratégia de prevenção e promoção da saúde mental.

A pesquisa também contribui para a academia ao propor novas formas de escrita e análise baseadas em experiências subjetivas e coletivas, em consonância com epistemologias decoloniais. O uso da escrevivência reafirma a relevância de metodologias que dialoguem com as realidades vividas pelos sujeitos, permitindo uma aproximação mais ética e autêntica na produção de conhecimento. Essa perspectiva se enriquece ainda mais ao ser integrada com

a Análise do Comportamento, particularmente no que diz respeito às análises funcionais, que possibilitam compreender como os fenômenos narrados nas entrevistas são moldados e mantidos pelas contingências sociais, históricas e culturais nas quais os sujeitos estão inseridos.

A junção dessas abordagens permite um diálogo inovador entre a análise funcional, que foca nos processos comportamentais, e as práticas narrativas, que iluminam as dimensões históricas e culturais das vivências humanas. Assim, ao desafiar narrativas hegemônicas e eurocêtricas, a pesquisa amplia não apenas as possibilidades de abordagem e interpretação dentro das ciências humanas e sociais, mas também oferece uma estrutura científica para integrar conhecimentos oriundos de diferentes paradigmas, promovendo uma construção mais plural e crítica do saber.

Do ponto de vista social, esta pesquisa oferece subsídios para a criação de espaços de acolhimento e resistência em comunidades negras. Os diálogos estabelecidos podem ser utilizados como materiais formativos em rodas de conversa, oficinas ou programas educativos, especialmente em escolas ou instituições que busquem fomentar o letramento racial desde a base. Além disso, o material registrado poderá ser compartilhado com os entrevistados e suas comunidades, reforçando o compromisso ético e colaborativo da pesquisa.

No que diz respeito a estudos futuros, o trabalho abre caminhos para investigações que aprofundem as interseções entre letramento racial e saúde mental, especialmente no contexto educacional. A aplicação prática de estratégias de letramento racial, como aquelas sugeridas no artigo base desta pesquisa, pode ser ampliada para diferentes contextos, incluindo empresas, organizações públicas e políticas de formação continuada para educadores e gestores. Além disso, novos estudos podem explorar outras formas de escrivência, envolvendo sujeitos de diferentes idades, gêneros e origens geográficas, para enriquecer ainda mais o panorama das vivências negras no Brasil.

Em última análise, esta pesquisa reafirma a importância de se produzir conhecimento que dialogue com os sujeitos da pesquisa e suas realidades, contribuindo para um campo acadêmico mais inclusivo e uma sociedade mais consciente e transformadora. Que a escrivência, enquanto prática de resistência, continue inspirando ações e reflexões que promovam a equidade e a justiça social.

REFERÊNCIAS

ALVES, M.B.M; ARRUDA, S. M. Como fazer referências: bibliográficas, eletrônicas e demais formas de documento. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, **Biblioteca Universitária**, 2001. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/design/framerefer.php>. Acesso em: 11 abr. 2013.

ALMEIDA, M. S. P.; BEZERRA, S. M. Escrivência: escrita, identidade e o eu feminino negro em Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo. v. 13 n. 22. RIOS - **Revista Científica da Faculdade Sete de Setembro**, 2019. Disponível em: <https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2019/22/escrivencia.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2024.

BAUM, William M. **Compreender o Behaviorismo: Comportamento, Cultura e Evolução**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2019.

BENTO, C. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERTAUX, D. **La perspectiva biográfica**: validez metodológica y potencialidades. Paris: Presses Universitaires de France, 1980.

BONI, V.; QUARESMA, S.J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevista em ciências sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>. Acesso em: 10 mai. 2024.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRETON, H. **L'enquête narrative en sciences humaines et sociales**. Paris: Armand Colin, 2022.

CARUSO, G. **O vazio deixado pelas referências que se vão – Ou: perdemos bell hooks**. 2021. Disponível em: <https://diretorio.fgv.br/noticia/o-vazio-deixado-pelas-referencias-que-se-vao-ou-perdemos-bell-hooks>. Acesso em: 5 nov. 2024.

CATANIA, A. C. **Aprendizagem**: comportamento, linguagem e cognição. Porto Alegre: Artmed, 1999.

CINTRA, S.L.A.D; CORREIA, L.B.S; TENO, N.A.C. Pesquisa narrativa: Uma metodologia para compreender experiências formativas. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 9, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv6n9-180>. Acesso em: 10 mai. 2024.

COOGLER, Ryan. **Pantera Negra**. Marvel Studios, 2018.

COSTA, L. A. O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 26, n. esp., p. 551-576, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-2922014000500551&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 30 mai. 2024.

CRESWELL, J.W. **Projeto de pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DJONGA, **CORRA**. O Menino Que Queria Ser Deus. Participação de Paige. Belo Horizonte: Ceia Ent., 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QcJ9oxMj6JI>> Acesso em: 19 nov. 2024.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos A. (org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21. 2007.

EVARISTO, C. **Canção para ninar menino grande**. Rio de Janeiro: Pallas, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FONTES, B.C. A entrevista biográfica na sociologia. **Revista Sociais & Humanas**, v. 32, n. 3, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/2317175837238>. Acesso em: 10 mai. 2024.

GERGEN, K. J.. A psicologia social como história. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 3, p. 475–484, 2009.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. **Métodos de Pesquisa**. 1a Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GONZALEZ, L; HASENBALG, C. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GUAZI, T. S. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Roraima, v. 2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18227/2675-3294repi.v2i0.7131>. Acesso em: 10 mai. 2024.

HERMINIO, B. **A escrevivência carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo**. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 30 maio. 2024.

HOOKS, B. **A gente é da hora**. São Paulo: Elefante, 2022.

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

KING, M. L., Jr. **Letter from Birmingham Jail**. London, England: Penguin Classics, 2018

KOHLBERG, R. J; TSAI, M. **Psicoterapia Analítica Funcional**: Criando Relações Terapêuticas Intensas e Curativas. Santo André, SP: Esetec. 2006.

MACHADO, P. H. **Estresse racial no ensino superior**: as relações entre racismo e o estresse de estudantes negros no ensino superior brasileiro. Monografia (TCC Psicologia) – Centro de Ciências Sociais e Humanas Departamento de Psicologia Curso de Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria. Rio Grande do Sul, 2019.

MARSHALL, Rob. **A Pequena Sereia**. Walt Disney Studios Motion Pictures, 2023.

MINAYO, M. C. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Vozes, 2010.

MIZAEL, T. M. et al. Análise Funcional de Microagressões Raciais *In*: FONSECA, A. R. et al. **Comportamento em Foco**. Curitiba: Editora ABPMC, 2022. p.(113)- (128).

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios Básicos da Análise do Comportamento**. Porto Alegre: ArtMed, 2007.

NASCIMENTO, A. M. “Tem que ter raça”: Polícia Militar como ascensão social negra. *In*: **Trajetórias e Estratégias de Ascensão Social de Afro-Descendentes** da V Reunião Equatorial de Antropologia e XIV Reunião de Antropólogos do Norte e do Nordeste. 2015. Disponível em: <https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/gt37_e.php>. Acesso em: 26 nov. 2024.

NENO, S. Análise funcional: definição e aplicação na terapia analítico-comportamental. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo , v. 5, n. 2, p. 151-165, dez. 2003 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452003000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 nov. 2024.

PARKER, Bob; RAMSEY, Rodney. **Homem-Aranha no Aranhaverso**. Sony Pictures Animation, 2018.

PAULA, J. B. C. DE .; HAYDU, V. B. Revisão bibliográfica de pesquisas brasileiras sobre equivalência de estímulos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 281–294, abr. 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200010>>. Acesso em: 28 out. 2024.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações**. Campinas, SP: Editorial Psy. 1995.

SILVA, J. V. S; BITENCOURT, A. F. B; SOUZA, B. L. S. Letramento racial como prática de prevenção de saúde mental na escola: possibilidades de manejo em risco de crise de saúde mental no ambiente escolar. **Anais do XV Colóquio Nacional e VIII Colóquio Internacional do Museu Pedagógico da UESB**. 15 n. 1 (2024). Disponível em: <<http://anais2.uesb.br/index.php/cmp/article/view/1291>>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. Brasília: Ed. UnB/ FUNBEC, (1953), 1970.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar. 2021.

SOUZA, D. G. O conceito de contingência: um enfoque histórico. **Temas em Psicologia**, 8(2), 125–136. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v8n2/v8n2a02.pdf>. Acesso em: 28 out. 2024.

SOARES, L. V; MACHADO, P. S. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo , v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 nov. 2024.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1- Desde sempre você se viu como negro? Como é para você ser um sujeito negro?
- 2- Você já presenciou ou viveu uma situação de racismo? Como foi para você?
- 3- Você acha que já teve alguma situação de estresse por conta de suas características raciais?
- 4- Você já presenciou ou teve que seguir alguma norma na escola, trabalho, família, centro religioso ou algum âmbito social para se adequar a quem de suas características raciais?
- 5- O que você fez ou faria em uma situação de racismo?
- 6- Você acha que há alguma dificuldade em se posicionar frente a tais situações? Quais?
- 7- O que você pensa que poderia ser feito para auxiliar a população que sofre racismo?
- 8- Você já se propôs a estudar acerca de temáticas raciais?
- 9- Você acha que teria algum impacto se na educação básica temáticas étnico-raciais fossem discutidas com mais empenho?

(Possíveis perguntas extras após a inserção do texto da Táhcita)

10. Você já passou por alguma situação em que se sentiu questionado ou tratado como "não pertencente" ao país ou à sociedade por causa da sua cor de pele? Como isso afetou você?
11. Já aconteceu de alguém fazer suposições sobre sua inteligência ou competência baseadas na sua aparência? Como você lidou com essa situação?

12. Você sentiu que teve que invalidar sua própria identidade racial em discussões sobre racismo, como, por exemplo, quando alguém disse frases do tipo "eu não vejo cor"? Qual foi o impacto dessa experiência?

13. Você acha que já foi tratado como “perigoso” ou potencialmente hostil em alguma situação? Como você reagiu?

14. Alguma vez você já se sentiu pressionado se comportar de uma determinada maneira porque esperavam isso de você por ser negro, como, por exemplo, o pedido para "sambar" ou agir de forma estereotipada?

15. Como você lida com comentários que tentam minimizar o impacto do racismo, como quando alguém diz que "racismo não existe" ou que é apenas "mimimi"?

Perguntas feitas para explorar a variedade de de microagressões que os participantes podem ter enfrentado e também fazer uma análise mais detalhada do impacto psicológico e social dessas situações.